

JOSÉ FRANCISCO PRETO MEIRINHOS

Filosofia Medieval I

Relatório

(programa, conteúdos e métodos do ensino teórico e prático)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2007

JOSÉ FRANCISCO PRETO MEIRINHOS

Filosofia Medieval I

Relatório

(programa, conteúdos e métodos do ensino teórico e prático)

Relatório elaborado em cumprimento do disposto na alínea a) do nº1 do art. 9 do dec. do Decreto-Lei n.º 301/72, de 14 de Agosto, para as provas Públicas de Agregação em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2007

José Francisco Preto Meirinhos

Filosofia Medieval I: Relatório (programa, conteúdos e métodos do ensino teórico e prático).

FLUP, Julho de 2007

Tábua geral

I – Introdução e opções metodológicas.....	5
II – Programa de Filosofia Medieval I	29
III – Recursos didáctico-pedagógicos	33
IV – Métodos e avaliação	45
V – Planificação e conteúdos	57
VI – Bibliografias e Tábuas cronológicas e biográficas	77
Anexos	125
Índice geral	133

I – Introdução e opções metodológicas

0. Contexto

Na alínea a) do nº1 do art. 9 do dec. do Decreto-Lei n.º 301/72, de 14 de Agosto, que até 19 de Julho de 2007 se aplica à organização das provas de Agregação, dispõe-se que deve ser apresentado «um relatório que inclua o programa, os conteúdos e os métodos de ensino teórico e prático das matérias da disciplina» ou grupo de disciplinas a que o candidato concorre. O presente relatório, que foi elaborado para esse fim, estrutura-se em torno do programa da disciplina de **Filosofia Medieval I**, que integra o 1º semestre do 2º ano do plano curricular da licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). O plano curricular da Licenciatura em Filosofia, que na FLUP entrará em vigor no ano lectivo de 2007-2008, em adequação ao espaço europeu do Ensino Superior, tem a duração de 3 anos (180 UC). A disciplina de Filosofia Medieval I ocupa aí a mesma posição, também se lhe seguindo no segundo semestre a disciplina Filosofia Medieval II. Apesar de o esquema de organização se manter, ocorrerão necessariamente alterações profundas, desde logo pela nova distribuição de carga horária lectiva, de contacto tutorial e de trabalho pessoal do aluno. Não sendo possível antecipar os constrangimentos práticos que surgirão, este relatório,

baseando-se na experiência passada, procura enquadrar algumas das novas orientações.

Para além de apresentar um programa, a descrição sumária dos seus conteúdos e a indicação dos métodos de ensino, o Relatório pretende também fundamentar as orientações e as opções metodológicas retidas no programa e na sua leccionação, alicerçadas no conhecimento da bibliografia activa e passiva deste domínio dos estudos filosóficos, que também se apresenta de modo detalhado mas não exaustivo no final.

É de uma visão integradora das especificidades da Filosofia Medieval (cfr. § 1.2) , do seu lugar na progressão do estudante de Filosofia, da disponibilidade de recursos, da inserção da disciplina nas práticas académicas do Departamento (cfr. § 1.1), das orientações metodológicas (§ 1.3), que resulta o presente relatório didáctico-pedagógico, que tem como seu centro uma proposta de programa (parte II). Nele se reflecte a experiência de quase 10 anos de ensino da Filosofia Medieval, com alterações pontuais introduzidas em resultado da presente reflexão. O relatório inclui ainda a descrição dos materiais fornecidos aos alunos (parte III), das metodologias de leccionação e de avaliação adoptadas (partes III e IV) a planificação e descrição dos conteúdos (parte V), tábuas e guia bibliográfico (parte VI) que visa, em primeiro lugar, propiciar ao docente a oportunidade de sistematizar uma panóplia de instrumentos de trabalho de grande diversidade, como não podia deixar de ser para um objecto de estudo também tão diversificado como o é a Idade Média e as filosofias que durante esse período foram pensadas e se desenvolveram.

1.1. A Filosofia Medieval no plano de estudos

A semestralização da licenciatura, introduzida na FLUP a partir do ano lectivo de 2001-2002 (a Resolução 140/2001, DR, 2ª série, de 26 de Novembro de 2001, contém o «Regulamento» da Licenciatura e o Aviso nº 14761/2001 do DR, 2ª série, de 6 de Dezembro de 2001, contém o «Plano curricular»), criou as disciplinas de *Filosofia Medieval I* e *Filosofia Medieval II* em substituição da disciplina anual de *Filosofia Medieval*, existente nos anteriores planos de estudos. Passando então a haver no final do primeiro semestre um *terminus*, quando antes existia apenas uma etapa de

avaliação, introduziram-se as necessárias alterações na estrutura de conteúdos, na prática didáctico-pedagógica e na avaliação. Sendo apenas possível apresentar aqui o relatório de uma disciplina, convém ter presente que *Filosofia Medieval I* constitui sobretudo o *gradus* inicial de uma formação que prosseguirá em *Filosofia Medieval II*, a qual, dependendo das opções do alunos, se pode prolongar nos seminários oferecidos pela pós-graduação na área da Filosofia Medieval e mesmo, ocasionalmente, em disciplinas de opção na Licenciatura (como aconteceu em 2003-2004, quando funcionou a disciplina de *Ética e Política no Pensamento Medieval*).

Havendo na licenciatura uma sequência de duas disciplinas de Filosofia Medieval, a primeira questão a resolver é a da distribuição dos conteúdos pelos dois semestres. A opção actual não foi a de fazer uma divisão cronológica da Idade Média entre os dois semestres, mas sim oferecer duas diferentes abordagens, complementares e integradas, deste longo período da História da Filosofia. Pretende-se, assim, que o contacto dos alunos não se limite à apreensão de séries cronológicas de autores e épocas, mas que tenham a oportunidade de regressar a eles em sucessivas aproximações de aprofundamento. Por exemplo, Agostinho, Boécio, Abelardo, Tomás de Aquino podem ser estudados nas primeiras partes de Filosofia Medieval I nas abordagens breves e ilustrativas das relações fé-razão, ou dos modos como se escrevia e discutia filosofia, para depois serem estudados com base em textos mais longos em temas como o ser, ou o conhecimento, ou a felicidade, para em Filosofia Medieval II serem estudados já num curso monográfico, que pode ser sobre a ética, ou sobre a política, ou sobre a acção, ou sobre o conhecimento, dependendo do programa proposto para cada ano.

Procura-se com esta organização potenciar a vantagem pedagógica e científica que resulta do facto de se fazer uma abordagem progressiva da Filosofia Medieval, regressando a autores e temas em abordagens de complexidade e aprofundamento crescentes. Evita-se propositadamente abordar um tema ou um autor (pelo menos os mais importantes) de uma vez por todas e sem a ele voltar. Pode haver aqui uma perda da visão da sistematicidade do pensamento dos grandes autores, mas é questionável a própria ideia de que cada autor medieval tinha o seu “sistema”, como sabemos esse resulta mais da reconstrução dos historiadores

modernos e contemporâneos (influenciados pelo desejo de sistematicidade que lhes é próprio), que da própria expressão e intenções dos autores medievais. Simultaneamente a uma discussão mais contextual de cada tema, é possível deixar para etapas posteriores o aprofundamento temático e o estudo de épocas e autores, ficando para a disciplina de *Filosofia Medieval I* uma função eminentemente introdutória, centrada na transmissão de aspectos históricos e do perfil de alguns temas filosóficos caracterizadores deste período da história do pensamento.

O ensino da Filosofia Medieval integra a licenciatura em Filosofia desde a restauração da Faculdade de Letras da UP em 1961 (DL 43864/1961 de 17 de Agosto). Designava-se então *História da Filosofia Medieval*. Após 1974 e na reestruturação curricular de 1978 (DL 53/1978 de 31 de Maio) ocorre uma importante alteração: a disciplina perde o apelativo “História da”, passando a designar-se apenas *Filosofia Medieval*. Nome que não mais perderia nas reestruturações seguintes (cfr. Portaria 850/87, de 3 de Novembro, na sequência da criação do Estágio do Ramo de Formação Educacional Portaria 659/88, de 29 de Setembro) e que as mais recentes revisões curriculares mantiveram. Esta alteração revelou-se da maior importância e dela se tem tirado partido nos sucessivos programas propostos, acentuando-se progressivamente uma abordagem temática e problematizadora, em detrimento da simples didascálica cronológica, mas evitando-se sempre a abordagem an-historicizadora dos autores medievais, na convicção de que a compreensão do sentido filosófico do seu pensamento sai enriquecido quando inseridos no seu próprio contexto.

As sucessivas e periódicas alterações dos planos de estudos, centradas sobretudo na estrutura dos cursos, não conseguiram, contudo, alterar certas dificuldades específicas com que se defrontam professores e alunos, embora as possam ter mitigado. No caso da Filosofia Medieval, essas são particularmente negativas e limitadoras:

- desconhecimento generalizado das línguas em que os autores medievais escreveram, agravado pela relativa inexistência de traduções em Português, apesar do seu notável crescimento nos últimos anos, devido ao labor de uns poucos especialistas portugueses e brasileiros;

- reduzido número de horas dedicadas ao estudo, amplificado pela dificuldade na leitura aprofundada de textos filosóficos;
- persistência da imagem negativa da Idade Média, acentuada pela desafeição contemporânea quanto às questões e ao ângulo de problematização caracterizadores dos autores medievais;
- preparação histórico-filosófica inexistente ou pouco consistente;
- falta de treino na busca autónoma de informação;
- contracção excessiva da aprendizagem, adiada em geral para o momento da avaliação final.

No caso desta disciplina, um constrangimento maior são as referidas dificuldades no acesso aos textos dos autores medievais (desconhecimento da língua original; ausência de traduções; reduzidos hábitos de leitura). O centramento científico, didáctico e pedagógico na leitura e comentário de textos pretende suprir, pelo menos parcialmente, estas insuficiências. Dado o trabalho teórico e prático realizado na própria aula com esses textos, que todos, obrigatoriamente, têm que fazer, não se afigura aconselhável o recurso a traduções em outras línguas contemporâneas, porque é desigual a proficiência dos alunos, seja qual for a língua em causa. Para fugir à excessiva limitação às traduções existentes, foi necessário traduzir alguns textos expressamente para a disciplina, para outros adoptaram-se as traduções disponíveis, parte das quais em português do Brasil, mesmo que para isso seja necessário fazer a discussão ou mesmo correcção da tradução, aquando da respectiva leitura. Aliás, em alguns casos, a discussão destas situações de tradução pode fornecer boas situações de discussão para compreender a importância da compreensão e do papel da interpretação na leitura dos filósofos.

Apesar deste panorama, potencialmente negativo, devem ser mencionadas as condições favoráveis para o ensino da Filosofia Medieval existentes na FLUP, que permitem uma visão optimista quanto à sua continuidade e ao papel positivo que dela advém na formação de alunos de Filosofia, ou mesmo de outras áreas. De facto, deve ser destacado o lugar de relevo que, ao longo dos anos tem sido ocupado pela Filosofia Medieval na FLUP: desde logo pela existência de duas disciplinas no plano curricular obrigatório, à semelhança do que acontece nos

outros cursos do país, mas também pelo funcionamento de um grupo de investigação muito activo (o Gabinete de Filosofia Medieval) e a existência de uma pós-graduação em Filosofia Medieval desde 1984-1985, a qual a partir de 2003 passou a ser uma área de especialização do Curso Integrado de Pós-graduação em Filosofia. A área de especialização mantém-se no plano curricular do 2º Ciclo, Mestrado, que entra em vigor também em 2007-2008. Resultaram daí algumas dezenas de teses de mestrado e quase uma dezena de teses de doutoramento.

A docência marcante de Maria Cândida Pacheco e de José Maria da Costa Macedo permitiu que a Filosofia Medieval granjeasse prestígio e se dotasse de um modelo de abordagem ao mesmo tempo exigente, rigoroso e inovador na compreensão da Idade Média, valorizando a vertente filosófica, mas também voltado para os alunos. A consulta dos programas de Filosofia Medieval dos últimos anos permite constatar as orientações filosóficas que foram imprimidas à disciplina (onde não deixam de se notar opções dos docentes envolvidos e extensões temáticas ou cronológicas com que os programas foram regularmente actualizados). Por outro lado, a Faculdade disponibiliza aos estudantes bons recursos de estudo individual:

- uma biblioteca geral bem equipada e com um fundo bibliográfico medievístico actualizado e em crescimento (nos últimos 12 anos a Biblioteca deverá ter adquirido mais de 1.500 obras relativas à Filosofia Medieval e aos Estudos Medievais, por proposta do docente da disciplina),
- existência de uma biblioteca especializada (v.g. a biblioteca do Gabinete de Filosofia Medieval, constituída nos últimos 13 anos e que conta agora com centenas de obras da especialidade),
- vastos recursos bibliográficos on-line e em suporte informático,
- organização regular de colóquios e conferências sobre Filosofia Medieval,
- publicação da revista internacional *Medievalia. Textos e estudos*,
- colaboração de docentes de outras Faculdades do país e do estrangeiro,
- dinamização e participação em projectos de investigação científica nacionais e internacionais,
- acordos de mobilidade docente e discente com uma dezena de universidades,

- participação no curso de pós-graduação internacional Diplôme européen d'études médiévales, que funciona em Roma,
- crescente nível de colaboração com outros cursos de pós graduação da Faculdade de Letras (nomeadamente das áreas da Literatura e da História medievais).

Não menos importante para o perfil da disciplina e o recorte temático que opera, é a liberdade académica e científica que caracteriza o Departamento de Filosofia da FLUP, a qual deve ser mencionada a par da coordenação entre disciplinas/docentes no plano horizontal e transversal, que tem sido posta em prática nos últimos anos e que procura garantir a articulação entre modelos de ensino e um inter-conhecimento dos temas e programas leccionados.

Neste quadro geral, o ensino que aqui se propõe da Filosofia Medieval persegue uma orientação múltipla:

1. concretizar o estabelecido no plano de estudos da licenciatura de Filosofia da FLUP, tendo em conta, nomeadamente, as disciplinas relativas aos períodos históricos antecedente e subsequente;
2. preparar os estudantes para uma formação ampla em Filosofia, através do estudo de problemas e textos fulcrais deste período da História da Filosofia;
3. transmitir os fundamentos históricos e filosóficos que permitam caracterizar a diversidade de posições filosóficas e o policentrismo geo-cultural das Idades Médias (cristã latina e grega, islâmica árabe e persa, hebraica);
4. fornecer os elementos básicos para a prossecução do estudo da filosofia medieval, seja na disciplina de *Filosofia Medieval II*, seja em disciplinas de opção, seja na pós-graduação, que tem uma área de especialização em Filosofia Medieval.

1.2. “Filosofia medieval”

Potenciando os conhecimentos já consolidados de alunos de 2º ano de uma licenciatura e numa perspectiva diacrónica, poderia orientar-se a atenção dos estudantes para a análise comparativa do modo como os problemas medievais tinham sido (ou não) formulados no pensamento antigo, despertando-os para, mais

tarde, estudarem os autores renascentistas ou modernos verificando o modo como reorientam, modificam ou reinventam as formulações propostas pelos autores medievais. A comparação ou o paralelismo com outros períodos pode ilustrar que os pensadores de um tempo e contexto não serão compreendidos de modo conveniente se forem pensados apenas através dos critérios de outra época. Ou seja, a experiência de contacto com a Filosofia Medieval deve permitir compreendê-la no seu contexto histórico, evitando os anacronismos de interpretação, mas sem que isso conduza a resultados antagónicos, como a ilusão de estarmos perante uma *philosophia perennis*, contrariada pela própria sobrevivência da discussão dos problemas, ou a qualquer espécie de relativismo trans-histórico em que tudo se equivaleria e todos os curto-circuitos e sobreposições epocais seriam legítimos. Cada tema a explorar poderia ilustrá-lo. Por exemplo, no contexto dos autores cristãos latinos do século XIII não é o mesmo discutir e compreender a felicidade antes ou depois da tradução da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles; as discussões em torno da questão da unidade/unicidade da alma não são compreensíveis sem ter presente o modo como é recebida e evolui a interpretação da obra de autores como Avicena e Averróis no contexto da Faculdade de Artes; as discussões sobre o objecto da metafísica não são compreensíveis fora da intersecção da recepção do peripatetismo arabo-persa, v.g. da obra de Avicena, e das discussões teológicas acerca da cognoscibilidade de Deus; não é compreensível a reorientação dos modelos de organização das ciências, ocorrida no século XIII, sem a inserir no contexto da Universidade e da prática do comentário de textos e da legitimação da sua autoridade. E os exemplos poderiam desmultiplicar-se extensamente a outros momentos e domínios da Filosofia.

Compreender um autor do passado exige também estar atento a de onde vêm os seus problemas, porquê e como são formulados, como é que o próprio situa a sua resposta face ao passado, bem como verificar com que autores dialoga, que fontes reivindica, ou omite, ou rejeita, que novidade traz o seu pensamento. Ou seja, numa perspectiva de história da Filosofia, um autor do passado deve ser analisado nos seus próprios termos e conceitos (embora haja aqui limitações poderosas para o conseguirmos de um modo adequado), sem que isso nos obrigue

a uma eterna e estéril paráfrase que se limitasse a repetir o dito. Embora não seja assim que discutimos com os nossos próprios contemporâneos, por incapacidade de distanciamento, compreender um autor nos seus próprios termos é o melhor modo de aprender o descentramento, de olhar o outro, de perceber a novidade, de escutar o já dito mas nunca escutado, porque não há filosofia sem autores e sem um tempo em que pensam.

O passado da filosofia não deve ser nostalgicamente praticado como uma alternativa do presente, mas pode fornecer-nos os instrumentos, a *endurance*, o exemplo e o treino para abordarmos de modo diverso o presente e o futuro da Filosofia. A Filosofia Medieval, pelos pré-conceitos de rejeição a que está associada na cultura popular, pode mesmo fornecer um campo privilegiado para esta aprendizagem. A “Filosofia Medieval” acrescenta “filosofia” à “Idade Média”, uma etiqueta histórica e ideológica muito discutida, que, afinal, afecta tudo em que toca.

E a “Idade Média” não pode ser dissociada das razões que estão na origem do nome, da periodização que cabe ao nome, do modo como se descontinuum as ideias sobre ela feitas. Deve até ter-se presente que a filosofia e a teologia, ou melhor, o método escolástico de discussão e argumentação que estas ciências praticavam no âmbito da universidade, são uma das fortes razões de distanciamento que provocaram em homens inspirados por outro humanismo. É no Renascimento (que, como se compreende cada vez melhor, não parece ser senão a Idade Média com outro nome) e para assinalar a consciência infeliz que o período anterior representava, que vai sendo cunhada a expressão *Media aetas*, ou *Medium aevum*, ou semelhantes. O conceito de “Idade Média” é forjado a partir das diversas expressões (*media aetas*, *media tempora*, *media tempestas*) com que os humanistas dos séculos XV-XVI designam esse tempo de interregno civilizacional entre o seu próprio presente e a antiguidade clássica que o tempo moderno pretendia recuperar. Conceito difuso, correspondem-lhe diversas delimitação cronológicas possíveis (entre a conversão de Constantino e a Reforma, entre a queda do Império romano do Ocidente e a queda do Império romano do Oriente, etc.), que, sendo sempre puramente convencionais, dependem de critérios exteriores à própria “Idade Média”, mas têm a vantagem de proporcionar uma repartição do trabalho científico

(De Rijk) e, nesse sentido, podem também servir-nos de modo operativo. Antes de no século XVII se fixar a forma *medium aevum* (idade média, *middle ages*, *moyen age*, *ettà di mezzò* e depois *medio evo* em italiano), outras formulações tinham já ocorrido desde que Petrarca e Boccaccio no século XIV (portanto ainda em plena Idade Média, qualquer que seja o critério cronológico usado) expressaram repetidos lamentos porque a *aetas nostra* ou o *evo nostro* perdeu os livros da antiguidade ou tarda em por fim ao exílio das letras clássicas. O desgosto dos humanistas por esta época explica-se pelo seu desprezo das técnicas de argumentação (é um facto que muitos autores fizeram a sua apologia, em defesa da produtividade da razão para chegar à verdade) aprendidas em sùmulas de lógica e repetidas na discussão de questões e no comentários de obras sem qualquer primor literário, como eram agora julgadas as de Aristóteles e seus epígonos face ao redescoberto e revalorizado Platão, com a agravante de aquelas apresentarem um latim pouco elegante a ouvidos formados na escola da poesia, ou mesmo deplorável no caso das traduções realizadas a partir do árabe (mas já o muito escolástico Rogério Bacon em pleno século XIII o lamentara). Os “manuais da escola” e o “vício de uma dialéctica anquilosada” não entusiasmavam espíritos que exercitavam o bom gosto como característica do humano. Assim se explicam os contínuos esforços de distanciamento conceptual e prático em relação a uma época que se pretendia esquecer e fazer esquecer, objectivo primeiro do conceito de Idade Média. O bispo Giovanni Bussi em 1469, no elogio do cardeal Nicolau de Cusa, fala de uma *media tempestas*. Joaquin Watt em 1518 usa *media aetas*, Adriano Junius em 1588 fala dos *mediae aetatis scriptores*, Melchor Doldast usa *medium aevum* em 1604 e Gilbert Voet *intermedia aetas* em 1644. Será Christoph Keller ou Cellarius (1638-1707) que, na sua obra publicada em 1688, *Historia Medii aevi*, vulgarizará a expressão delimitando-a entre as invasões bárbaras e a queda do império romano do oriente (c.400?-1453), delimitação que procurava realçar a homogeneidade deste longo período, que se teria caracterizado pela decadência de todos os domínios de civilização e a instauração de uma verdadeira fé fundada na revelação. Embora de formação lenta, a expressão continha um efeito descritivo fortíssimo, abrangia todos os âmbitos da acção humana e tornava-se marco separador na tripartição das eras da história universal.

Mesmo sem lhe dar um nome, o período, ou pelo menos o que dele sobrevivia nas práticas dos teólogos do século XVI, é causticamente descrito por Erasmo de Roterdão, que conclui uma descrição das suas questões (irónica, como a de Voltaire que a seguir se citará, embora as motivações de ambos sejam exactamente opostas), com estas palavras:

« O traço de um labirinto é menos complicado que os tortuosos desvios dos realistas, nominalistas, tomistas, albertistas, ocamistas, escotistas e de tantas seitas só cito as principais. A erudição desta gente é tanta, tantas são as dificuldades que eles apresentam que os próprios Apóstolos teriam que receber outro Espírito Santo para discutirem esses assuntos com os nossos teólogos ». ERASMO DE ROTERDÃO, *Elogio da loucura*, trad. A. Ribeiro, Guimarães ed., Lisboa (2ª ed.) p. 101.

Com o iluminismo radicaliza-se a crítica das práticas filosóficas da Idade Média, ou da sua sobrevivência. No *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations* Voltaire até está bem informado sobre os problemas discutidos no final da Idade Média mas é ácido e ridicularizador com as argúcias dos pensadores:

« On passa, dans ce treizième siècle, de l'ignorance sauvage à l'ignorance scolastique (...). Les études scolastiques étaient alors et sont demeurées, presque à nos jours, des systèmes d'absurdité tels que, si on les imputait aux peuples de la Taprobane, nous croirions qu'on les calomnie. On agissait "si Dieu peut produire la nature universelle des choses et la conserver sans qu'il y ait des choses; si Dieu peut être dans un prédicat, s'il peut communiquer la faculté de créer, rendre ce qui est fait non fait, changer une femme en fille; si chaque personne divine peut prendre la nature qu'elle veut; si Dieu peut être scarabée et citrouille; si le père produit son fils par l'intellect ou la volonté, ou par l'essence, ou par l'attribut, naturellement ou librement". Et les docteurs qui résolvaient ces questions s'appelaient le Grand, le Subtil, l'Angélique, l'Irréfragable, le Solennel, l'Illuminé, l'Universel, le Profond ». (VOLTAIRE, *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII*, Paris 1756, ed ut.: Oeuvres complètes, Paris 1867-1870, vol. II, p. 142).

Nestas palavras vemos que afinal a Idade Média ainda se prolonga para lá dos seus limites, até aos dias de Voltaire, e é tarefa do espírito das luzes e mesmo da *Encyclopédie* aniquilá-la definitivamente. É certo que Voltaire, incomodado ou pouco sensibilizado com as subtilezas da grande questão da onipotência divina absoluta ou ordenada, lê estes medievais através da neo-escolástica sua contemporânea, enquanto que outros autores identificados com o iluminismo tentarão uma diversa leitura de textos e pensadores, como o faz Pierre Bayle no seu *Dictionnaire historique et critique* de 1740, que insere cerca de 120 artigos sobre matérias medievais, o que Voltaire também lamentará. Não está ainda aí em germe a nossa Idade Média, mas desponta uma outra atenção às diferenças entre os autores e à natureza das suas

discussões, de que resultará uma imagem progressivamente positiva e distanciada do pensamento medieval. Ao mesmo tempo é empreendida a publicação de grandes compilações documentais ou de textos históricos (cfr. Mauristas, Murattori, etc.) que progressivamente criarão a possibilidade de um conhecimento mais erudito e detalhado da época, que será olhada com interesse revivalista em aspectos arquitectónicos ou culturais, como os valores da ética e poeticidade aventureira do mundo cavaleiresco, que o romantismo (séc. XVIII) explorará sobretudo na literatura.

Mesmo assim, os traços que caracterizam a Idade Média são sempre depreciativos: sombria, fechada, dogmática, censória, clerical, violenta, miserável. Em Filosofia, num deslizamento por assimilação, os conceitos “escolástica” e “medieval” tornam-se até sinónimos. O poder falsificador dos estereótipos é prenhe de consequências, não apenas pela redução de realidade que deles resulta, mas sobretudo pela sua capacidade de influência e de sobrevivência.

A erudição do século XIX, após a emergência da História da Filosofia como tema filosófico na sequência da obra de Hegel e do idealismo alemão, inicia uma definitiva inversão, porque em consequência da redescoberta de textos que impõem novas leituras a edições antigas e a necessidade de substituir muitas delas a partir do leitura dos próprios manuscritos para aceder aos textos não editados, se ganha um conhecimento mais directo da época, o qual, por sua vez, desadequará progressivamente antigas etiquetas. Lenta mas progressivamente será desconstruída a própria grelha de utilização que os seguidores, por exemplo os denunciados por Erasmo, tinham imposto à obra dos próprios autores que pretendiam seguir. Essa mudança é visível na historiografia da medievística filosófica francesa do século XIX (sobre o que segue, cfr. J. Jolivet, «Les études de philosophie médiévale en France de Victor Cousin à Étienne Gilson», in R. Imbach – A. Maierù, cur., *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento*, Ed. di Storia e Letteratura, Roma 1991), mas desenvolvimentos paralelos poderiam ser encontrados em outras tradições como a italiana ou a alemã (cfr. estudos na mesma obra). Victor Cousin no *Cours de philosophie* de 1818 ainda via apenas dois períodos verdadeiramente distintos na história da Filosofia e do mundo: a época antiga e a época moderna, em que o génio

grego «se extinguiu pouco a pouco na noite da idade média», sendo com Descartes que, no século XVII, começa uma nova época lentamente gerada nos séculos XV e XVI. Já no volume III dos seus *Fragments philosophiques*, sub-titulados *Philosophie scholastique*, onde a época medieval é já um período da história da filosofia com uma dinâmica intrínseca cuja “infância” situa nos séculos XI-XII, a época de “virilidade” nos séculos XIII-XV e o “declínio” nos séculos XV-XVI. É com a metáfora das idades do homem que a Idade Média começa a ser revalorizada, mas o contributo principal de Cousin situa-se na edição crítica das obras inéditas de Pedro Abelardo (1836, 1849 e 1859), merecendo, sobretudo por essa razão, o título de fundador dos estudos de filosofia medieval em França, que no seu século contava já com diversos cultores, v.g. Charles Jourdain, Barthèlemi Hauréau (que publicou em 1872 e 1880 a sua *Histoire de la philosophie scholastique* em três volumes), Ernest Renan (com o marcante *Averroès et l'averroïsme. Essai historique*, publicado em 1852). Seria François Picavet a pôr em destaque a pluralidade intrínseca do pensamento medieval logo no próprio título das suas duas obras mais importantes: o *Esquisse d'une histoire générale et comparée des philosophies médiévales* (1905, 2ª ed. em 1907) e os *Essais sur l'histoire générale et comparée des théologies et des philosophies médiévales* (1913), onde se começam a esboçar tentativas de romper os estreitos limites em que a filosofia medieval estava encerrada, quase restringida a uma longa glosa de Aristóteles e centrada no único problema dos universais. Outros temas e outras fontes eram aí valorizadas, inserindo-os também na dinâmica da histórica e das escolas, apesar das limitações da documentação disponível. Seria Étienne Gilson (1884-1978) que em França, mas também no Canadá e nos Estados Unidos, onde ensinou durante décadas, a trazer aos estudos de Filosofia Medieval reconhecimento académico na universidade pública e um novo fôlego, nas várias dezenas de livros e mais de uma centena de importantes artigos que lhe dedicou. A sua mais permanente orientação na leitura dos autores que estudou ia para a identificação dos respectivos “princípios fundadores”, que valorizava ainda mais que “as articulações explícitas”, como modo de sublinhar a coerência que liga as diferentes partes de uma doutrina (cfr. Jolivet, art. cit. p. 16). Essa tendência é também de certa maneira projectada na leitura que faz de todo o período, tentando identificar e descrever «o espírito da filosofia

medieval» (cfr. a obra *L'esprit de la philosophie médiévale*, Paris 1932), espécie de meta-sistema que abarcaria e daria uma distinta consistência ao pensamento dos principais autores e que Gilson designou como “filosofia cristã” (cfr. a sua *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, de 1955), que estaria marcada, após o século XIII, por uma reelaboração do aristotelismo a partir do Evangelho (mas não o contrário) e que encontra no teólogo Tomás de Aquino o seu mais elevado representante e um momento de unificação, que os tempos sucessivos não saberiam continuar, enveredando por uma decadente dissolução de laços entre a razão e a fé, com a emergência do sujeito, que seria a característica maior da modernidade cartesiana, em marcha para um crescente relativismo e abandono do absoluto. É sob o signo da leitura do encontro entre o eixo da filosofia grega e o eixo da teologia (relembrando que os contributos filosóficos mais significativos foram precisamente de teólogos), que Gilson reconstrói a Filosofia Medieval, porque não vê esse encontro como uma esterilização da filosofia, mas sim a oportunidade para elevar a uma nova vida e conduzir a especulação a resultados filosóficos positivos (cfr. a conclusão da *History of Christian Philosophy*, cit.). Esta perspectiva suscitará uma dupla polémica, a propósito da noção mesma de “filosofia cristã” e entre os medievistas, que contestam o modo particular de indissociar as relações entre fé e razão absolutizando o pensamento particular de Tomás de Aquino.

Paul Vignaux, querendo mostrar os limites de fórmulas unificadoras na apresentação do pensamento medieval, propõe uma metodologia mais adequada à evidenciação da polimorfia que atravessa a Idade Média intelectual:

« O historiador que recebeu uma formação filosófica deve reaar unificar em demasia, sistematizar, deve [antes] permitir que as diversidades rebeldes se revelem. Além disso, durante a sua exposição não deve dar a impressão de que dispõe de uma certeza homogénea ». (P. VIGNAUX, *A Filosofia na Idade Média*, trad. da 2ª ed., Lisboa 1994, p. 53; ed. original, Paris 1958).

O conceito que Vignaux forja tem um alcance programático: desalojar um certo tomasianocentrismo, dissolvendo a imagem corrente de uma Idade Média uniforme e dominada por determinadas posições doutrinárias ou que para elas tenderiam inexoravelmente. De facto, outro modo de frequênciação de um leque mais alargado de autores, a recuperação de textos até aí negligenciados, o agenciamento das práticas intelectuais nos seus contextos institucionais e político, mostram que o

pensamento na Idade Média não é monótono e teleológico como a tradição o vinha interpretando. A própria historiografia desde finais do século XIX lentamente recuperara a real diversidade de um período demasiado longo da história para ser subsumido numa fórmula que revelasse “a sua essência” (por exemplo, “pensamento escolástico”, “filosofia cristã”, “filosofia do período cristão” são descrições utilizadas em títulos de livros). Estas constatações acabam por subverter a visão da filosofia medieval como irresistivelmente orientada desde o seu início para a constituição da uma síntese realizada com o pensamento de Tomás de Aquino. Na sua linearidade este esquema servia também para explicar como esse período sofrera um movimento de decadência durante a escolástica universitária dos séculos XIV-XVI, por acção dos críticos ou dos que propunham teorias que desafiavam aquele pensamento (ver, p. ex., a entrada «Scolastique» do *Dictionnaire de théologie catholique*, vol. XV, col. 1691-1728 e a crítica que lhe move L.M. de Rijk, *La philosophie au Moyen Age*, trad., Leiden 1985, pp. 15-16 e 20-21). Diga-se que a superação desta visão teleológica da história, com uma linha ascendente que após atingir o cume deriva numa outra de decadência, contou também com a colaboração de alguns dos seus mais eminentes promotores, como Martin Grabmann (cfr. *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, 3 vol., München 1926, 1936, 1956), Étienne Gilson ou Fernand van Steenberghen (cfr. *La philosophie au XIII^e siècle*, Louvain la Neuve – Louvain 1991, 1^a ed. Paris 1966), cujas histórias da filosofia medieval, apesar da centralidade nelas ocupado por Tomás de Aquino, aí diversamente interpretado como é sabido, traziam à consideração um conjunto de autores e problemas descobertos em textos inéditos e em géneros antes pouco valorizados, os quais escapavam a essa visão unificadora e revelavam uma riqueza de posições e uma dispersão disciplinar em contraste com aquela visão finalista da história do pensamento.

Algumas das categorias historiográficas mobilizadas pelos mesmos historiadores (“escolástica”, “metafísica do êxodo”, “augustinismo avicenizante”, “averroísmo latino”, “aristotelismo heterodoxo”, “aristotelismo radical”, etc.) seriam até motivo de aprofundamentos que globalmente questionaram a sua

pertinência, por inadequação aos fenómenos que queriam descrever, ou porque a sua generalização não era tão extensa como pretendiam.

A busca do objecto “filosofia medieval” leva por isso a outras possibilidades historiográficas, como a tentativa de isolar a filosofia no interior de textos que na origem seriam de teologia, onde, portanto, a filosofia teria a sua autonomia:

« le sens de l'expression “philosophie médiévale” est essentiellement problématique, si l'on cherche à l'interpréter dans l'horizon des médiévaux eux-mêmes. En outre, ceux-ci sont des théologiens, dans leur immense majorité. L'historien de la philosophie devra donc chercher à dégager de leurs écrits des concepts, des structures, des méthodes qui, liés étroitement à une intention et à un contenu théologiques, en sont relativement indépendants ». (J. JOLIVET: *La philosophie médiévale en Occident*, em B. PARAIN (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. 1, Paris 1969, p. 1199).

Se a metodologia se podia mais uma vez mostrar parcial, levou mesmo assim a procurar saber de modo mais minucioso como é que os medievais entendiam eles próprios a filosofia. A multiplicidade emerge mais uma vez, como se constata nas actas do congresso que em 1997 foi explicitamente dedicado ao tema (cfr. J.A. AERTSEN – A. SPEER (Hrsg.), *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au moyen âge? What is Philosophy in the Middle Ages?*, Berlin-New York 1998). Não se têm em conta apenas novos modos de abordar os textos, mas há também novos textos aos quais agora se dá atenção. É por fim possível abordar a Filosofia Medieval sem lhe impor uma grelha pré-formatada, mas procurando compreender como é que os medievais mesmos entendiam a Filosofia e a faziam. É essa uma das tarefas actuais da História da Filosofia Medieval.

À fadiga dos modelos interpretativos, que pressupunham a existência de categorias intelectuais trans-históricas cristalizadas numa *philosophia perennis*, contrapõe-se a paciente e revigorada abertura dos estudos sobre filosofia medieval à publicação e ao estudo de fontes impropriamente chamadas menores, mas sobretudo a convicção sobre a historicidade do pensamento durante a Idade Média, que não prescinde de compreender a sua ancoragem numa sociedade, numa cultura, nas práticas materiais e intelectuais e num tempo precisos que o condicionam (cfr. o já citado R. IMBACH – A. MAIERÜ (cur.), *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento*, Roma 1991; ou K. FLASH, *Introduction à la philosophie médiévale*, trad., 1992). Nesta “nova Idade Média” não assistimos a uma captura da *ratio* pela *fides*, ou vice-

versa, nem ao esvaimento da *ratio* no confronto de autoridades, mas verificamos a pervasão mútua entre as ciências, a mística, a metafísica, a teologia, a ética, a arte, a política sob a égide de uma *ratio* discursiva e activa, num continuado esforço de compreensão dos mais variados aspectos e problemas da acção humana, da sua inserção no mundo e da sua relação com o transcendente e o ser.

Esta conclusão não nos deve iludir, porque não há *uma* filosofia da Idade Média. Como escreveu Tullio Gregory a propósito das aquisições da então recente historiografia filosófica medieval:

« (...) non si può parlare di una filosofia, ma di filosofie, non di una teologia ma di teologie e che la stessa dicotomia filosofia-teologia non è una costante del pensiero medievale, ma solo il modo determinato secondo il quale, in certi precisi contesti e momenti storici, si pone il rapporto fra esperienze di pensiero diversi ». (T. GREGORY, «Conclusione», em R. IMBACH – A. MAIERÙ (cur.), *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento*, cit., Roma 1991, pp. 391-392).

A “filosofia medieval” perde definitivamente o seu centro, nem temático, nem cronológico, nem autoral. É nesta perspectiva que radicam os mais estimulantes estudos actuais sobre a “filosofia medieval”, que procuram nos detalhes, nas diversidades rebeldes como lhes chamava Vignaux, apreender o plural e a alteridade que caracterizam a filosofia, também na Idade Média. É patente que nas últimas décadas têm sido propostas novas formas de ver e de valorizar para nós a Filosofia Medieval. A tradição analítica acrescenta-lhe uma outra perspectiva: o diálogo explícito com a filosofia contemporânea. Na seminal *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy* (KRETZMANN, N. – A. KENNY, A. – J. PINBORG, (eds.), Cambridge, 1982) os editores declaravam: «é parte do nosso objectivo apresentar a tradição *aristotélica* medieval e as inovações escolásticas que se desenvolveram nesta tradição» (p. 2), daí o subtítulo dessa monumental obra: *From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 1100-1600*. Para além desta tão selectiva parcelarização do objecto, recentrado na filosofia *aristotélica*, os editores assumiram uma outra opção, esta metodológica e de escola: «concentrar-se nas partes da filosofia medieval tardia que são mais facilmente reconhecidas como filosofia por um estudante de filosofia do século XX», afirmando que a opção é mesmo orientada «pelas perspectivas e interesses dos filósofos contemporâneos, em particular os que trabalham dentro da tradição analítica» esperando com isso

«apresentar a filosofia medieval num modo que ajude a acabar com uma era em que ela foi estudada num gueto filosófico». Ou seja, este *analytical turn* na História da Filosofia Medieval pretendia libertá-la. Dando expressão ao melhor da tradição analítica, os editores abdicam expressamente da perspectiva cronológica, preferindo organizar a obra «em torno de tópicos filosóficos ou disciplinas, mais do que de filósofos». A obra teve e tem uma importância enorme na medievística filosófica pelas vias que inaugurou e porque, em parte, conseguiu o seu intento ao retirar a Filosofia Medieval do tal gueto, ou pelo menos abriu-o, porque hoje o interesse e o dinamismo historiográfico do “mundo anglo-saxónico” em torno da Filosofia Medieval (nem todo ele de tradição analítica, lembremo-lo) não tem paralelo em qualquer outra língua. Como exemplo da sua posteridade metodológica vejam-se os recentes volumes sobre Agostinho, Anselmo, Abelardo, Tomás, Duns Escoto, Ockham, incluídos na série Cambridge Companions to Philosophy, esperando-se outros. Esta obra teve e tem uma importância notável, embora nos possa parecer agressiva nas suas propostas metodológicas e mesmo parcial nos resultados, o menor e menos criticável dos quais não é seguramente o facto de (nem sempre, é certo) praticar a descontextualização dos próprios autores, centrando-se por vezes em excertos de textos dos quais nem mesmo é considerado o problema particular para o qual foram escritos, sendo seleccionados e discutidos pelo eventual interesse para as discussões da filosofia contemporânea. Esta tendência foi mitigada pelo prolongamento editorial desta história da filosofia medieval, concretizado numa série de volumes temáticos de tradução de textos filosóficos, intitulada *The Cambridge Translations of Medieval Philosophical Texts*, tendo já sido publicados 3 volumes: *Logic and Philosophy of Language* (1988, II: *Ethics and political philosophy* (2001), III: *Mind and knowledge* (2002) e parece que o será ainda mais na segunda edição, totalmente reformulada sob a direcção de R. Pasnau, que se anuncia para 2008.

Contudo, esta não é a única perspectiva metodológica actualmente influente (veremos a seguir as críticas que lhe têm sido dirigidas do interior da própria tradição analítica, por exemplo por J. Marenbon). Um pouco contra aquela tradição, em cuja empresa também participou com um capítulo, mediada por um debate com Claude Panacio, Alain de Libera (cfr. A. de LIBERA, «Le relativisme historique:

théorie des “complexes questions-réponses” et “traçabilité”», *Les études philosophiques* (1999) 479-494) tem insistido na importância dos “complexos questões respostas” (fórmula que foi buscar a R.G. Collingwood), que integra mesmo nos fundamentos do seu relativismo histórico, contrário à crença realista na existência de “problemas filosóficos permanentes” ou “eternos”, o qual implica uma solução relativista do problema da verdade, porquanto esta é historicamente situada. Recusando o isolamento dos textos, de Libera tem insistido na prática da investigação em história da filosofia sobre *corpora* textuais extensos, com resultados que se têm evidenciado nas suas obras recentes e nas de discípulos, publicadas na colecção “Sic et non” (Vrin, Paris). Esta metodologia procura ser mais atenta à novidade e desfaz a crença, comum em história da filosofia, na existência de um *continuum* problemático-doutrinal apenas porque em determinadas teorias se usam os mesmos conceitos, sem que os historiadores se apercebam que, apesar dessa coincidência de superfície, de facto o problema a que diferentes autores estão a responder é também diferente, o que torna as doutrinas incomensuráveis entre si. O rastreio (*traçabilité*) de uma teoria ou conceito acentua a individualidade da sua inserção histórica num contexto filosoficamente saturado (no sentido químico do termo): nem a deixa estranha, nem a torna actual.

A reacção ao modelo analítico, chega também de dentro. John Marenbon, fellow do Trinity College de Cambridge, tem criticado o método analítico essencialmente por ignorar a posição histórica de cada autor ou texto, e por insistir nesse diálogo com a filosofia contemporânea. Marenbon prefere a perspectiva do que chama “análise histórica” porque recorre aos elementos positivos do chamado método analítico (como a decomposição analítica dos argumentos, mesmo a ligação à filosofia contemporânea, embora saiba que os textos medievais não são um pronto a vestir para os problemas filosóficos contemporâneos e que, por isso, não se devem projectar neles as concepções contemporâneas, para além de notar que os filósofos contemporâneos pouca importância parecerem dar à filosofia medieval nas suas investigações ou discussões), não para reconstruir os argumentos medievais em termos actuais, mas sim para trazer à luz aspectos que não coincidem com aquela interpretação. Marenbon propõe, por isso, combinar a “análise” com a

“contextualização-para a compreensão”, que por isso, não pode ignorar a história (cfr. cap. V de J. MARENBOON, *Le temps, l'éternité et la prescience de Boèce à Thomas d'Aquin*, Vrin, Paris 2005, obra recente onde, com o referido método, procura desconstruir o erro das interpretações analíticas tradicionais sobre a presciência em Boécio e em Tomás).

Fale-se de excertos ou de *corpora*, de genealogia ou de análise, na historiografia medievística contemporânea é o *texto* que ocupa o centro da discussão. A fonte histórica pela qual a história da filosofia se interessa em primeiro lugar são os textos, não tanto a doxografia. Depois da aquisição definitiva sobre a diversidade intrínseca das filosofias medievais agora são as obras, são os textos (anónimos ou com autor) que lhe dão corpo. Daí também a importância da discussão sobre o modo como devem ou podem ser lidos. A redescoberta da Filosofia Medieval está ainda em curso, porque a situação é substancialmente diferente da de todos os outros períodos. Todos os textos da antiguidade grega e latina estão hoje disponíveis em edições e em boa parte traduzidos para as grandes línguas. Mesmo para o período patrísticos os textos estão editados e na sua maioria vezes traduzidos. Para os filósofos do período moderno e contemporâneo é marginal e mesmo comparativamente ínfimo o número de textos importantes apenas acessíveis em manuscrito. A situação do acesso aos textos medievais é completamente diferente. Embora a quantificação seja difícil, é sabido que apenas uma percentagem muito pequena da literatura filosófica medieval está editada e uma parte ainda mais pequena está disponível em edições críticas, sendo ainda mais pequena a parte disponível em traduções que alarguem o público leitor de Filosofia Medieval. A ancoragem da história da filosofia medieval nos textos foi caracterizada de modo estimulante por Alain de Libera:

« L'histoire de la philosophie est une discipline scientifique qui, par son type d'activité, relève de l'histoire, et, par la nature de son objet, de la philosophie. L'histoire de la philosophie médiévale est conforme à cette description. Elle a, cependant, sa physionomie propre. Pour deux raisons: premièrement, son objet n'est pas donné, ni même seulement construit, mais, littéralement, “en voie de constitution”, deuxièmement son ancrage dans l'histoire et les sciences auxiliaires de l'histoire est plus forte qu'en d'autres domaines de l'histoire de la philosophie ». (A. de LIBERA, «Le relativisme historique: théorie des “complexes questions-réponses” et “traçabilité”», *Les études philosophiques* (1999) fasc. 4, pp. 479-494, cfr. p. 479).

Daí a necessidade de recurso a uma série de ciências históricas auxiliares, como a paleografia, a codicologia a ecdótica, para o acesso aos textos. Obviamente em Filosofia Medieval I não se estudarão textos em manuscrito, mas deve estar sempre subentendido que o seu objecto está de facto “em vias de constituição” e assim permanecerá por longos anos, enquanto não for mais extenso o conhecimento (e a disponibilidade em edições impressas ou electrónicas, mas legíveis) dos textos medievais que subsistem e até hoje nunca foram estudados nem editados. Convém tê-lo presente para acentuar a necessidade de abandono de todas as perspectivas fixistas quanto ao que é ou não é filosofia na Idade Média.

A Filosofia Medieval não só se mostra como múltipla, como a ela podemos aceder através de divergentes metodologias filosóficas, como está em permanente renovação por ainda não termos um conhecimento completo dos seus textos. Retomando pois a orientação múltipla atrás enunciada, o ensino que aqui se propõe da Filosofia Medieval tem em conta essas características do seu “objecto”, propondo-se oferecer:

5. uma introdução metodológica e de conteúdo ao pensamento medieval, acentuando a pluralidade de problemas e o dinamismo das discussões entre autores;
6. um panorama amplo dos principais autores e temas da época em estudo, que permita ao estudante situá-los no tempo e na sua sucessão, dentro do quadro da História geral da Filosofia;
7. um contacto directo (pela leitura, comentário e discussão) com textos de Filosofia Medieval para a sua compreensão no plano conceptual e, em alguns casos, para a atenção ao problema das fontes em história do pensamento;
8. o trabalho com instrumentos de investigação que permitam ao estudante orientar-se, com uma atitude crítica e selectiva, na ampla e qualitativamente desigual oferta de recursos bibliográficos, impressos ou electrónicos (e a necessária crítica de produtos de sub-qualidade disponíveis na internet).

1.3. Orientações

O programa que se proporá a seguir e as metodologias didáctico-pedagógicas que o operacionalizam, não resultam da soma de acasos, nem da mera declinação de variantes possíveis, mas são o resultado destas lições da historiorografia da “filosofia medieval”, de uma prática que se pretende adequada ao objecto de estudo e pertinente para o momento e função que ocupa no plano de estudos, adaptada portanto ao nível etário e de preparação dos estudantes, mas com o fito de a tornar mais exigente e fundamentada.

Para o conseguir, foi necessária uma opção por uma apresentação consistente da Idade Média e de textos e autores que tenham relevância intrínseca mas que também sejam pertinentes tendo em conta a prossecução de estudos. Nesse sentido, e tratando-se de um curso de apenas 22 a 26 aulas de duas horas, tiveram que ser feitas opções drásticas na orientação múltipla que se tem vindo a descrever:

9. reduzir ao mínimo as aulas de estudo sobre a Idade Média enquanto período histórico (alertando para os perigos das derivas pelo grotesco ou pelo hollywoodesco);
10. seleccionar os temas e os textos que, para o nível introdutório da disciplina, melhor permitissem contribuir para um estudo da Idade Média filosófica “tal como ela foi” (sabendo que nunca conseguiremos abandonar todas as nossas pré-concepções filosóficas ou ideológicas);
11. dar a conhecer os autores de contributos mais inovadores e sobretudo que hoje ainda nos interpelam e nos possam fazer discutir e levar ao pensar;
12. abordar temas que tenham relevância na filosofia contemporânea, ou mesmo no quotidiano, mas evitando usar a filosofia contemporânea como perspectiva para a interpretação do pensamento medieval, porque tal nos conduziria a deturpadores anacronismos e a estéreis afastamentos de uma e de outra.

As opções principais prendem-se com a repartição dos temas em diferentes partes do programa, que não são estanques entre si, organizadas para favorecer a didáctica da discussão. Os §§ 1, 2 e 3 procuram realçar alguns dos aspectos que

tradicionalmente foram associados à Filosofia Medieval em particular os pares conceptuais fé/razão, autoridade/argumentação, dogma/crítica e a importância das fontes, em particular a patrística, a filosofia antiga, a filosofia árabe; mas também se insiste nos aspectos que a recente historiografia tem valorizado: os renascimentos e as *translationes studiorum*, as classificações das ciências, a importância das instituições e em particular da Faculdade de Artes, já chamada Faculdade de Filosofia, o papel da discussão, da censura e do controle intelectual no seu interior, etc. No § 4 serão estudados 3 temas centrais do pensamento medieval, para apreensão dos seus argumentos, conceitos e funções, temas esses que foram escolhidos pela sua relevância filosófica e pelo interesse que podem suscitar em alunos de Filosofia.

No programa proposto, como não poderia deixar de ser para um calendário tão limitado em tempo, ficaram excluídos alguns temas que poderiam ter um tratamento de orientação semelhante à atrás referida, alguns deles a merecerem actualmente um grande interesse por parte dos especialistas. Salientem-se a política, a ética, a estética, a lógica, para se exemplificar apenas com áreas tradicionais dos estudos filosóficos. Se falássemos de autores, também são notórias as ausências, sobretudo da Idade Média tardia, após o século XIII. É essa a riqueza da filosofia e também da Idade Média, oferecer um leque potencialmente inesgotável de perspectivas para a compreensão do homem no mundo, que obriga a uma selectividade drástica. Esta maleabilidade e evidente natureza introdutória do programa é também consentida pelo facto de existir um segundo semestre com continuidade da disciplina (Filosofia Medieval II), onde, a par do aprofundamento, será mais acentuada a perspectiva monográfica.

Na impossibilidade de esgotar num semestre, num ano, ou mesmo num inteiro curso de pós graduação a abordagem introdutória a estes problemas e autores, tem-se optado por rever periodicamente o programa, substituindo temas e textos ou acentuando uns em detrimento de outros. Por essa razão, o programa proposto para Filosofia Medieval I é *um* programa, o próximo em que se trabalhará e que contém diferenças em relação ao último leccionado e, certamente, é também diferente do próximo. De facto, o ritmo e os interesses que em cada ano vão emergindo da dinâmica das lições e da participação dos alunos, conduz a explorar

mais uns aspectos que outros, a procurar novos textos que respondam às dúvidas suscitadas, a explorar conexões que não estavam previstas. Apesar de o programa se manter quase o mesmo, ele pode ser muito diferente no conteúdo da própria leccionação.

II – Programa de Filosofia Medieval I

Licenciatura de Filosofia, 2º ano. 1º Semestre

Código FLUP 0011.

4 horas lectivas semanais (3 TP + 1 OT)

UC (ECTS) : 6

13 semanas x 2 aulas x 2 horas + horas de contacto tutorial + avaliação.

2.1. Objectivos

O programa orienta-se para uma abordagem crítica, simultaneamente distanciada e interna, da filosofia durante os longos mil anos que medeiam entre a queda dos “dois” impérios romanos, o do Ocidente em 476 e o do Oriente em 1453, período a que se convencionou chamar “Idade Média” (mas ao qual poderíamos dar outra delimitação cronológica). Há elementos de natureza histórico-cultural que são indispensáveis para a compreensão dos autores e da dinâmica da filosofia ao longo deste milénio, desde logo inserindo-a no tempo mais longo das suas raízes antigas e patrísticas (que merecerá alguma atenção através de Agostinho) e das suas ramificações modernas e contemporâneas. A caracterização das formas literárias, da terminologia, dos métodos, das escolas e dos “interesses” da Filosofia durante a Idade Média, bem como a periodização das sucessivas “translações” e “renascimentos” do pensamento durante esse período, permitem ver por dentro como e porque se faz filosofia durante a Idade Média (§§ 1-3), daí uma maior atenção aos séculos XII e XIII, período de renovação e de afirmação de novas orientações e interesses no Ocidente. Para além da necessidade de ser compreendida a sucessão histórica de autores e escolas, será privilegiado o estudo de problemas, argumentos e conceitos, através da leitura de um conjunto de textos

seleccionados (cfr. § 4), oportunidade para estudar de modo mais directo outros tantos filósofos. Pretende-se assim, expor os estudantes à experiência da própria leitura, investigação e interpretação dos textos, que poderá prolongar-se em trabalho próprio

2.2. Conteúdos

DA FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

1. O conceito de “filosofia medieval”

O que é a “Idade Média”: génese do conceito; o conceito e a “coisa”.

As várias idades médias: épocas e renascimentos na Idade Média; periodizações das “idades médias”. A idade média do Ocidente e as outras idades médias.

A filosofia na Idade Média: a polémica sobre a existência ou não de filosofia durante a Idade Média: teologia e filosofia e os dilemas da razão perante a fé. Especulação, espiritualidade e mística. Autoridade e argumentação. Filosofia e Artes. Filosofia e Teologia. Filosofia e método: a escolástica.

Uma época longa, sob o signo da diversidade de conceitos, problemas, doutrinas e posições, dentro de uma relativa homogeneidade de motivações para o pensamento.

2. Especificidades da filosofia na Idade Média. Problemas, contextos, autores e correntes.

Orientações filosóficas e doutrinárias (breve sinopse).

Problemas mobilizadores da especulação (razão e fé; homem e mundo).

Linhas de evolução (tradições, rupturas e continuidade).

Filosofia e instituições (bispados, mosteiros, escolas, universidades, corte).

Fontes e *translationes studiorum*.

Face ao outro: entre antigos e modernos.

3. Ritmos e expressões da filosofia durante a Idade Média

As formas literárias da filosofia: estilos literários e recursos metodológicos (tratado, carta, diálogo, poema, comentário, sentença, questão, disputa, sermão).

O final da antiguidade romana e o perfil intelectual da Idade Média. Helenismo e patrística. A confluência e coexistência de tradições intelectuais na Idade Média latina. As matrizes helenístico-romana, patrística, árabe, judaica.

Os problemas suscitados pelo novo Aristóteles, face à sua integração nos quadros conceptuais do cristianismo latino: novos problemas e mais uma solução para um problema antigo: a questão das classificações das ciências. Arquitectónica do saber e lugar da filosofia: uma ampliação desmesurada para o seu âmbito?

O começo da Idade Moderna no final da Idade Média: os limites internos do aristotelismo e os novos desafios epistemológicos: novas concepções do homem e do mundo, num tempo de mudanças.

4. Três questões centrais

Propõem-se no programa cinco questões centrais, mas apenas haverá lugar à leccionação de 3 temas, em opção; sobre os restantes dois serão fornecidas aos alunos orientações de leitura e estudo.

4.1. A existência (a distinção entre ser e ente; substância, essência, forma):

Boécio, *De que modo as substâncias são boas por existirem, embora não sejam bens substanciais* (*De hebdomadibus*).

4.2. Linguagem e verdade (coisas e certeza, homem interior e verdade):

Agostinho de Hipona, *O Mestre* (e *As ideias*).

4.3. O conhecimento (alma e corpo, ideias e conceitos; iluminação e experiência;

intuição e abstracção; Platão e Agostinho, Aristóteles e Averróis): Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, I, questões 84-89.

4.4. O universal (origens do problema; a teoria dos três estados do universal; as posições mais marcadas: realismo, nominalismo e posições intermédias):

Abelardo, *Lógica para principiantes*.

4.5. A felicidade (fins do homem e bem último; a máxima felicidade e a filosofia):

Boécio de Dácia: *Sobre o bem supremo*.

2.3. Métodos de ensino e componentes da avaliação

Aulas teórico-práticas (expositivas e de leitura com explicação e discussão de textos), com acompanhamento tutorial. Os diferentes pontos do programa serão estudados em textos de autores medievais e suas interpretações. Os textos seleccionados serão objecto de leitura e comentário na aula. É solicitada e encorajada a participação dos alunos, nomeadamente através da apresentação de

curtos de trabalhos de pesquisa, a serem discutidos nas horas de contacto em acompanhamento tutorial.

A disciplina funciona em avaliação final (um exame escrito no final do semestre). De acordo com as normas de avaliação da Faculdade, esta modalidade de avaliação poderá ser combinada com a realização de trabalhos de pesquisa, orientados e avaliados pelo docente, que poderão dispensar na totalidade ou em parte o exame final. Neste caso, da nota a atribuir será dado conhecimento prévio ao aluno. Os trabalhos serão realizados sobre temas incluídos no programa, segundo critérios de conteúdo e apresentação formal a distribuir aos interessados, os quais que podem ser obtidos na página internet da disciplina.

2.4. Materiais

Para o presente programa são disponibilizados aos alunos 7 blocos de textos de apoio, com os textos de leitura obrigatória, orientações de estudos, bibliografia básica e bibliografia complementar (ver parte III deste Relatório), mais um com os Sumários e critérios de avaliação.

Uma bibliografia completa (com actualizações pontuais), links para textos e recursos de estudo e investigação são disponibilizados aos alunos na página internet desta cadeira e nos textos de apoio (ver parte IV).

As bibliografias inseridas nos referidos textos e página internet incluem parte da bibliografia deste relatório, enquadrada por tábuas cronológicas e biográficas (ver parte VI).

O último texto de apoio contém os sumários na íntegra (disponíveis também através do SIGARRA, sistema informático da Universidade), que os alunos podem consultar nos exames, em cópia disponibilizada pelo docente.

2.5. URL da página da disciplina

→ <http://web.lettras.up.pt/meirinhos/filomed/>

III – Recursos didáctico-pedagógicos

A “filosofia medieval” não é um modo ou um momento isolado que permaneça estanque na história do pensamento, como se para ela o tempo se tivesse suspenso. Compreender a sua natureza exige que seja justamente inserida na história e na história da filosofia (cfr. na Bibliografia final a secção 1.II, para onde remetem as referências a seguir dadas), daí que os estudantes sejam incentivados a fazer um contacto pessoal e continuado ao longo do semestre com histórias da Filosofia e mesmo de Filosofia Medieval, sobretudo as mais recentes.

3.1. Recursos básicos

Na perspectiva da formação dos alunos e da consolidação dos conhecimentos, inserindo-os no contexto do seu devir histórico, é, de facto, necessário o hábito de consulta e a referência a **histórias e manuais de Filosofia Medieval**, por exemplo através de alguma das que são parte de histórias da filosofia mais gerais, como a obra dirigida por CHÂTELET (cfr. AAVV, 1974, trad. port.) ou a dirigida por PARAIN (cfr. JOLIVET 1969), ou o volume dirigido por MARENBOON (1995). A continuidade e rupturas com a filosofia antiga, em particular com o período helénico e os neoplatonismos são bem expressas por COULOUBARITSIS (1998), mas ARMSTRONG (1967) continua a ser útil para o período helénico e início da Idade Média; KRETZMANN et al. (1982) centrando-se na Idade Média final, sublinham a redescoberta de Aristóteles como marca de renovação unificadora da Filosofia a partir do século XII, e a sua continuidade e esvaimento no período moderno com a chamada “segunda escolástica”. É também múltipla a oferta de histórias gerais da Filosofia Medieval. Em português dispõe-se agora de CARVALHO (2002), que, para além de uma abordagem ampla, restitui a diversidade temática e de orientações,

introduzindo a Filosofia Medieval na longa duração e mostrando a sua relação complexa com os períodos contíguos; XAVIER (2007) introduz a um conjunto selecto de questões, com particular destaque para o conhecimento e a liberdade. VIGNAUX (1994, nova trad. port.) continua a ser uma inovadora e sugestiva introdução, centrada em problemas de natureza gnoseológica e metafísica, enquanto LUSCOMBE (trad. port. 2000) propõe uma síntese mais histórica. A obra de GILSON (em especial 1955, mas também a antecessora em francês, de 1947, agora com tradução no Brasil 1995), apesar de muito discutida e contestada na sua pretensão de fazer equivaler a filosofia medieval a uma “filosofia cristã”, continua a ser de grande préstimo e com um didactismo inigualado, propondo sínteses sistemáticas para cada autor, baseadas na própria leitura dos textos (apesar de na versão de 1947/1985 nem sempre serem identificados ou citados), razão pela qual os alunos são aconselhado a recorrer a esta obra como primeira leitura para cada autor estudado. Outra obra de sua co-autoria, de que existe tradução em português, tem a vantagem de incluir excertos de textos medievais em edição bilingue (BOEHNER – GILSON, 1970). Uma perspectiva plural e laica da história da Filosofia Medieval, a partir do policentrismo geo-cultural da Idade Média, com apresentação da filosofia nos mundo bizantino, islâmico árabe e persa, na diáspora hebraica, no mundo latino é oferecida por DE LIBERA (1993, com tradução no Brasil em 1998), autor que no pequeno volume de 1989 (também disponível em tradução brasileira) optara por uma apresentação temática, sobretudo do período posterior ao século XII. COULOUBARITSIS (1998), já citado, apresenta as mesmas 4 grandes tradições geo-culturais não em separado, como DE LIBERA, mas em paralelo, por períodos de tempo. De entre a oferta apenas disponível em outras línguas sugerem-se aos alunos outras obras. FLASCH (1987, trad. franc. 1992) constrói uma imagem dinâmica do pensamento medieval, através da apresentação da dialéctica interna de diversos debates onde se implicam sempre factores de natureza filosófica, social e política. A citada obra dirigida por KRETZMANN et al. (1982), não sendo introdutória contém artigos muito importante, que, quando é o caso em temas particulares, são aconselhados aos alunos. Numa perspectiva próxima, MCGRADY (2003) oferece agora uma visão de conjunto concisa e cronologicamente ampla, interessada em responder ao que era “filosofia” para os

medievais e como a faziam. Em língua castelhana, na qual existe uma maior disponibilidade de obras que em português, aconselham-se RÁMON GUERRERO (1996), que valoriza o pensamento no mundo islâmico e insere uma secção sobre a filosofia na Península Ibérica, e também HEINZMANN (1992, trad. do alemão 1995). A história da filosofia medieval mais desenvolvida de todas, embora seja de facto uma história da Teologia, é a coordenada por D'ONOFRIO (1996). Para os temas relacionados com o pensamento em Portugal durante a Idade Média existe agora CALAFATE (1999).

A tradição dos cursos sobre Filosofia Medieval poderia aconselhar fazer coincidir o programa da disciplina com o estudo de um bom manual, e em português existem, como se constata, alguns que poderiam ser úteis para este fim. Haveria algumas vantagens nessa metodologia, em primeiro lugar o facto de o aluno ter uma referência de estudo precisa, mas dela resultaria também um empobrecimento de perspectiva e até rigidez repetitiva, fazendo crer que o que se esperava era uma assimilação das perspectivas do autor do manual seleccionado. Poderia também optar-se pelo estudo monográfico de autores, ou mesmo da obra de um autor, ou até de um tema, para os quais seria também mais ou menos fácil encontrar literatura secundária de qualidade. Aliás, essa é a orientação maioritária da generalidade dos países onde se ensina Filosofia Medieval (cfr. os casos de Itália, Alemanha, Holanda, Bélgica, França, etc.), onde os cursos da disciplina têm um recorte monográfico e raramente didascálico (que é mais comum em Portugal ou Espanha e na parte institucional da disciplina em Itália). Como atrás ficou indicado, a opção metodológica pela leitura de textos e sua contextualização na época e no complexo de problemas em que cada um emerge, em aproximações sucessivas e alargadas, obrigava, contudo, à eleição de outro material como base de estudo. Tornou-se portanto necessário compilar o material a usar e disponibilizá-lo aos alunos.

Para o estudo e a contextualização de temas e autores, os alunos são também incentivados a fazer uso de obras de referência, como **Enciclopédias especializadas e dicionários temáticos**, em particular o *Dictionnaire du Moyen Âge*, (2002), ou a *Routledge Encyclopedia of Philosophy* (1998) e mesmo a *The Stanford*

Encyclopedia of Philosophy, em acesso livre na rede e já com um bom número de artigos sobre filosofia e autores medievais.

A consulta de **revistas especializadas** é menos expectável neste nível de formação, embora já desejável.

Existe na Faculdade de Letras um serviço de disponibilização de **textos de apoios** aos estudantes, o qual se revela de grade utilidade, pois permite que todos trabalhem com os mesmos textos e a um mais baixo custo. Contudo, este sistema tem as suas desvantagens, sobretudo porque limita o interesse na busca própria por parte do aluno, que tende com facilidade a satisfazer-se com os textos já seleccionados e formatados. Por essa razão, nos textos de apoio fornecidos aos estudantes se incluem preferencialmente pequenos excertos, ou outros de obras esgotadas, ou não existentes na Biblioteca, ou de difícil localização. Em todos os casos oferecem-se bibliografias complementares, que podem abrir para novas leituras. Apesar da disponibilização de textos de apoio, o aluno é justamente estimulado a recorrer à Biblioteca e à realização de pesquisa pessoal. Razão essa que tem levado, numa opção pessoal, a reduzir ou mesmo a quase a eliminar a inclusão de literatura secundária nos textos de apoio, substituindo-a preferentemente por indicações bibliográficas ou webográficas.

A experiência didáctica mostra que, a alunos de pré-graduação, é preferível fazer uma oferta reduzida de instrumentos de trabalho. A exposição a uma ampla panóplia de meios e de recursos bibliográficos é potencialmente geradora de confusão e desorientação. Por isso se opta por nos textos de apoio dar os textos de leitura obrigatória e breves referências bibliográficas complementares. Referências bibliográficas mais amplas, também para sublinhar a respectiva importância e a atenção que têm merecido por parte dos especialistas, são dadas a propósito de cada um dos autores estudados.

Para além dos textos de apoio, a **página web da disciplina** tem servido como interface de disponibilização de materiais de leitura e outras orientações, sobretudo para interligação com outras páginas electrónicas. Contudo, e conhecendo através dos meus colegas a utilidade deste recurso em outros países, é decepcionante como ainda temos poucos alunos que o utilizam com regularidade. A experiência parece mostrar que há apenas dois momentos de maior (e mesmo assim

reduzida) utilização: no início do ano e nos períodos de avaliação. O que pode indicar duas coisas: ou que os alunos não encontram lá o que procuram ou que é apenas com a aproximação dos períodos de avaliação que um certo número de alunos dedicam algum esforço e tempo ao estudo.

A **pesquisa pessoal** é particularmente importante na aprendizagem e formação dos alunos que se disponibilizam a realizar trabalhos. Por isso se realiza em cada ano uma sessão em biblioteca para conhecimento dos recursos disponíveis e para contacto com as diferentes áreas da biblioteca onde se encontram as obras de referência, as histórias da filosofia, as secções de filosofia medieval, as revistas de filosofia. Os alunos são também convidados a conhecer e a frequentar a Biblioteca do Gabinete de Filosofia Medieval e alguns poucos, de facto, quando realizam trabalhos chegam a requisitar as suas obras.

O **atendimento aos alunos** é assegurado no horário normal, mas também em todas as vezes que se revele necessário ou seja solicitado. Os encontros mais frequentes ocorrem com os alunos que realizam trabalhos de investigação, para o respectivo acompanhamento ou discussão intercalar. Mas, também é habitual o encontro com alunos que pretendem conhecer os erros cometidos em exame, ou que pretendem informações sobre como devem preparar-se para a avaliação.

3.2. Textos de apoio

São disponibilizados aos estudantes 8 textos de apoio. Não se inclui um texto com o programa da disciplina, pois ele está incluído no Guia do estudante, na página oficial da disciplina no SIGARRA e na página web da disciplina..

Texto 1 : *Introduções à Filosofia Medieval*

Textos integrais para uma introdução geral ao pensamento medieval, com perspectivas metodologicamente diversificadas e complementares entre si.

Este é o único texto que, pela sua natureza introdutória ao campo de estudos, é constituído apenas por bibliografia secundária.

Texto de apoio inclui:

- [1] PACHECO, Maria Cândida, *Ratio e sapientia. Ensaio de Filosofia Medieval*, Livr. Civilização Ed., Porto 1985, [cap. 1: «Repensar a Idade Média» (pp. 7-36) e cap. 5: «Razão e meta-razão no pensamento medieval» (pp. 126-145)].

- [2] LIBERA, Alain de, «Médiévale (Pensée)», em *Encyclopedia Universalis – Corpus*, vol. 14 (pp. 841-853), Encyclopedia Universalis Éd., Paris 1994.
- [3] MARRONE, Steven P., «Medieval Philosophy in Context», em A.S. MCGRADIE (ed.) *The Cambridge Companion to Medieval Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 2003, pp. 10-50 (precedido da sinopse das pp. 347-349).
- [4] MACDONALD, S. – KRETZMANN, N., «Medieval Philosophy», em *Routledge Encyclopedia of Philosophy*, vol. 6, pp. 269-276, Routledge, London-New York, 1998.

Indicação bibliográfica complementar

LIBERA, Alain de, *Penser au Moyen Age*, (Chemins de pensée) Ed. du Seuil, Paris 1991 [reimpr.: (coll. Points, Essais, 329) Ed. du Seuil, Paris].

Referências adicionais

Para outras leituras aconselham-se as obras gerais mencionadas no programa da cadeira ou uma consulta ao site da disciplina para conhecer propostas de textos on-line.

História da Idade Média. Introduções gerais

BALLARD, Michel, *A Idade Média no Ocidente*, trad., Dom Quixote, Lisboa 1990.

LE GOFF, Jacques (dir.), *O homem medieval*, trad., Presença, Lisboa 1989.

LE GOFF, Jacques – Jean-Claude SCHMITT (dir.), *Dictionnaire raisonné de l'occident médiéval*, Fayard, Paris 1999 (trad.: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, 2 vol., EDUSC, São Paulo 2002).

Na Web. Meta sites:

Internet Medieval Sourcebook → <http://www.fordham.edu/halsall/sbook.html>

The Labyrinth: Resources for Medieval Studies → <http://www.georgetown.edu/labyrinth/>

Texto 2: Leituras de filosofia medieval (colectânea de excertos)

Os textos aqui reunidos destinam-se a ilustrar os pontos 1, 2 e 3 do programa.

Chama-se a atenção para o facto de nele se incluírem EXCERTOS e não textos integrais. Alguns dos textos possuem traduções erradas que serão corrigidas aquando da respectiva leitura.

Os textos são apresentados em ordem cronológica, mas serão lidos em outra sequência (cfr. Programa e Sumários).

Para além dos conteúdos, estes textos pretendem ilustrar os diferentes géneros e estilos literários usados pelos pensadores medievais: Carta (nr. 5, 8 e 10), Censura (20), Comentário literal (18), Diálogo (4), Esquema (21b, 21c), Poesia (em 3), Tratado (2, 3, 4, 6, etc.), Suma (11, 17), Súmula (16), Axiomática (7), Questão (18), Sentenças (11), Sermão (12).

Texto de apoio inclui:

I. Quadros sinópticos

- Quadros sinópticos da Patrística e da Filosofia Medieval
- Tradutores e traduções medievais

II. Textos de leitura obrigatória

- [1] A diatribe Helenismo / Cristianismo (Porfírio, *Contra os Cristãos*, cit. por Eusébio de Cesareia; Minúcio Félix, *Octávio* 38,4-39,1; Agostinho, *Doctrina Cristã*, II XL 60-61)
- [2] Agostinho de Hipona, *Contra Académicos*, III, 19, 43
- [3] Boécio, Severino, *Consolação da Filosofia*, Lib. I; I, 1, 6, VII
- [4] João Escoto Eriúgena, *Periphyseon*, I
- [5] Dionísio, pseudo Areopagta, *A Teologia mística*, III
- [6] Frídegiso de Tours, *Acerca do nada e das trevas*
- [7] Anselmo, *Proslogion*, Pról., II
- [8] *Livro dos XXIV filósofos*, Prol., cap. I-VII
- [9] Abelardo Pedro, *História das minhas calamidades* 1-6
- [10] Abelardo Pedro, *Sic et non*, Pról.; *Teologia “Summi boni”* II prol. §§ 5, 6, 25
- [11] Bernardo de Claraval, *Contra os erros de Pedro Abelardo*, 1
- [12] Pedro Lombardo, *IV livros das Sentenças*, II, 1, 1-3
- [13] S. António de Lisboa, *Sermão do XIII Domingo depois de Pentecostes*, II, §§ 9, 10, 12-13
- [14] Filosofia/tradição, antigos e modernos (Escoto Eriúgena, Guilherme de Conches, Bernardo de Chartres, Adelardo de Bath, Rogério Bacon)
- [15] Boaventura de Bagnoregio, *Itinerário da mente para Deus*, Prol. § 4
- [16] Boaventura de Bagnoregio, *Recondução das ciências à teologia*, §§ 1 e 4
- [17] Pedro Hispano, *Tractatus* ou *Súmulas de lógica*, I, 1-4
- [18] Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, I, q. 2, art. 1
- [19] Tomás de Aquino, *Comentário sobre o Tratado da Trindade de Boécio*, cap. II
- [20] Tomás de Aquino, *Acerca da eternidade do mundo*, Trad. C. Macedo, pp. 11 e 15
- [21] Boécio de Dácia, *Sobre o bem supremo* § 1-2
- [22] Condenação parisiense de 1277, Prólogo e selecção de erros
- [23] Classificações das ciências (dossier de esquemas e gráficos)
 - a) Período greco-romano (H.-I. Marrou)
 - b) Isidoro de Sevilha, *Etimologias*
 - c) Herrad de Landsberg
 - d) Anónimo conimbricense do séc. XIII
 - e) Hugo de S. Victor
 - f) Al-Farabi e Gundissalino
 - g) Pedro Hispano.
 - h) Tomás de Aquino, Proêmio do *Comentário sobre o Livro das causas*

Texto 3 : *A existência : Boécio, De hebdomadibus*

Para o estudo do § 4.1 (*Introdução a três questões centrais da filosofia medieval*), sobre a questão da existência (a distinção entre ser e ente; substância, essência, forma; participação, emanação), que tem como texto base de estudo o opúsculo de Boécio conhecido como *De hebdomadibus*.

Texto de apoio inclui:

Texto de leitura obrigatória

- [1] BOÉCIO: *De que modo as substâncias, por existirem, são boas, embora não sejam bens substanciais* (trad. J.F. Meirinhos).

Leitura complementar

- [2] TOMÁS DE AQUINO [c.1225-1274]: *O ente e a essência* capp. I e V, trad. M. Santiago de Carvalho, ed. Contraponto, Porto 1995, pp. 70-81, 92-96.
- [3] HENRIQUE DE GAND [c.1217-1293]: *Se a essência da criatura é o seu ser*, Questão 9 do *Quodlibet* I, em *Sobre a metafísica do ser no tempo*, trad. M. Santiago de Carvalho, Ed. 70, Lisboa 1996, pp. 129-154.

Estudos e materiais

- [4] MEIRINHOS, J.F., *Severino Boécio. Breve orientação*.
- [5] WIPPEL, J., «Essence and Existence», em KRETZMANN, N. — A. KENNY — J. PINBORG (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 385-410.

Indicação bibliográfica complementar

THOMAS D'AQUIN — DIETRICH DE FREIBERG, *L'être et l'essence. Le vocabulaire médiéval de l'ontologie*, trad. et commentaires par Alain de Libera et Cyrille Michon, (Points, Essais, 339) Ed. du Seuil, Paris 1996.
(fundamental pelos textos que inclui, pelos comentários e pelo glossário final).

Texto 4 : *Verdade e linguagem: Agostinho de Hipona, O Mestre (e As ideias)*

Para o estudo do § 4.2 (*Introdução a três questões centrais da filosofia medieval*), sobre a relação entre linguagem, conhecimento e verdade, tendo como texto base de estudo o diálogo *O Mestre* de Agostinho de Hipona (sobretudo os capp. XI-XIV) e o seu breve e denso texto *As ideias*.

Texto de apoio inclui:

Textos de leitura obrigatória

- [1] AGOSTINHO DE HIPONA [354-430], *O Mestre / De magistro*, capp. XI-XIV da ed. utilizada: SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, tradução de António Soares Pinheiro, introd. Maria Leonor Xavier, (col. Textos de filosofia, 8) Porto Ed., Porto 1995, pp. 91-99
- [2] AGOSTINHO DE HIPONA, *As ideias / De ideis*, questão 43 das *LXXXIII questões sobre assuntos diversos*, cujo texto latino se encontra em PL 40, col. 29-31 e CC 44A, pp. 70-73. Trad. J.F. Meirinhos

Estudos

- [3] MEIRINHOS, J.F., *Aurélio Agostinho (354-430). Breve orientação*.

- [4] MAS HERRERA, Óscar, «La doctrina de la iluminación de la inteligencia y del hombre interior en san Agustín», *Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica* 14 (1976) 63-71.
- [5] XAVIER, Maria Leonor L. de Oliveira: «A iluminação em *De Magistro* de santo Agostinho», *Didaskalia* 19, 1 (1989) 35-46.

Indicação bibliográfica complementar

FITZGERALD, Allan D., *Augustine Through the Ages: An Encyclopedia*, William B. Eerdmans Publishing Company, 1999. [obra vivamente aconselhada].
 STUMP, Eleonore – Norman KRETZMANN (eds.), *The Cambridge Companion to Augustin*, (Cambridge Companions to Philosophy), Cambridge University Press, Cambridge 2001.

Texto 5: Os universais e Pedro Abelardo, *Lógica para principiantes*

Para o estudo do § 4.3 (*Introdução a três questões centrais da filosofia medieval*): Os universais (a teoria dos três estados do universal; as posições mais marcadas: realismo, nominalismo e posições intermédias), tendo como texto base de estudo Pedro Abelardo, *Glosas sobre Porfírio/ Lógica para principiantes*, enquadrando-o no texto seminal de Porfírio e na resposta de Boécio a esses quesitos.

Texto de apoio inclui:

Textos de leitura obrigatória

- [1] PORFÍRIO [séc. III], *Isagoge [Introdução às Categorias de Aristóteles]* (trad. J.P. Gomes), Introd.
- [2] BOÉCIO [c.480-525/6], *Comentário sobre a Isagoge de Porfírio* (trad. castelhana de A.D. Tursi), excerto da Introd..
- [3] PEDRO ABELARDO [1079-1142], *Glosas sobre Porfírio*, in *Lógica para principiantes [Logica ingredientibus]*, trad. C.A.R. Nascimento.

Textos de leitura complementar

- [4] JOÃO DUNS ESCOTO [c. 1265-1308], *Ordinatio*, Distinção III, Parte I, questões 1-6 (excertos em tradução castelhana de C. Fernández)
- [5] GUILHERME DE OCKHAM [c. 1285-1347], *A lógica dos termos*, cap. 14-19 (trad. de F.P.A. Fleck)

Estudos e materiais

- [6] MEIRINHOS, J.F., *Abelardo. Breve orientação*.
- [7] LIBERA, A. de, *A filosofia medieval*, trad. N. Campanário – Y.M.C.T. da Silva, Ed. Loyola, S. Paulo 1998, pp. 433-440 (ed.orig.: *La philosophie médiévale*, Paris 1993).

Indicação bibliográfica complementar

Textos:

SPADE, P.V., (trad., ed.), *Five Texts on the Mediaeval Problem of Universals: Porphyry, Boethius, Abelard, Duns Scotus, Ockham*, Hackett Publ. Comp., Indianapolis 1994.

No site deste autor (→ www.pvspade.com) pode consultar-se/importar-se uma colectânea de textos e notas complementar da colectânea impressa (→ www.pvspade.com/Logic/docs/univers.pdf).

Estudo:

LIBERA, A. de, *La querelle des universaux. De Platon à la fin du Moyen Age*, (Des travaux) Ed. du Seuil, Paris 1996.

Texto 6: O conhecimento: Tomás de Aquino, Suma de Teologia, I, questões 84-89

Para o estudo do § 4.3 (*Introdução a três questões centrais da filosofia medieval*), sobre as questões do conhecimento (ideias e conceitos; iluminação e experiência; intuição e abstracção; Platão e Agostinho, Aristóteles e Averróis), tendo como texto de leitura Tomás de Aquino *Suma de Teologia*, I, questões 84-89.

Texto de apoio inclui:

Texto de leitura obrigatória

- [1] TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, Primeira Parte, trad. A. Corrêa, revisão de L. A. De Boni, Rio Grande do Sul 1980, vol. I, questões 84-89, pp. 737-803.

Estudos

- [3] MEIRINHOS, J.F., *Elementos para o estudo do conhecimento na Suma de Teologia I (questões 84-89) de Tomás de Aquino*.
- [4] KRETZMANN, N., «Philosophy of Mind», in N. KRETZMANN – E. Stump (eds), *The Cambridge Companion to Aquinas*, Cambridge University Press, Cambridge 1993, pp. 128-159.

Indicação bibliográfica complementar

PASNAU, Robert, *Thomas Aquinas on Human Nature. A Philosophical Study of Summa Theologiae I^a 75-89*, Cambridge University Press, Cambridge 2002.

Texto 7: A felicidade: Boécio de Dácia, Sobre o bem supremo

No § 4.5 (*Introdução a três questões centrais da filosofia medieval*) abordam-se as discussões da Faculdade de Artes de Paris a meio da segunda metade do século XIII, em torno da relação entre a busca da verdade e a felicidade possível ao homem (fins do homem e bem último; a máxima felicidade e a filosofia), tendo como leitura de base Boécio de Dácia: *Sobre o bem supremo*.

Texto de apoio inclui:

Texto de leitura obrigatória

- [1] BOÉCIO DE DÁCIA, *Sobre o bem supremo* [De summo bono], em L. A. de DE BONI, *Filosofia Medieval. Textos*, (Filosofia, 110) EDIPUCRS, Porto Alegre 2000, pp. 263-270 (ed. anterior em *Veritas*, 41 (1996) 550-563).

Estudos e materiais

- [2] MEIRINHOS, J.F., *Boécio de Dácia e a Faculdade de Artes em 1270-1277. Breve orientação*.

- [3] CARVALHO, M.S. de, «O estatuto da filosofia em Boécio de Dácia», *Biblos* 71 (1995) 433-459.

Indicações bibliográficas complementares

- THOMAS D'AQUIN – BOÉCE DE DACIE, *Sur le bonheur*, introd., trad. annot. R. IMBACH – I. FOUCHE, (Translatio. Philosophies médiévales), Vrin, Paris 2005.
- BOÉCIO DE DÁCIA, *A eternidade do mundo / De arternitate mundi*, ed. bilingue, trad. introd. e notas M.S. de CARVALHO, (Universalia 6) Ed. Colibri, Lisboa 1996.
- HADOT, Pierre, *Qu'est-ce que la philosophie antique*, (Folio. Essais 280) Gallimard, Paris 1996.
- CELANO, A.J., «Boethius of Dacia “On the Highest Good”», *Traditio*, 43 (1987) 199-214.
- DOMANSKI, Juliusz, *La philosophie, théorie ou manière de vivre? Les controverses du Moyen Âge et du début de la Renaissance*, préf. de P. Hadot, (Vestigia 18) Éditions universitaires-Cerf, Fribourg-Paris 1996.
- IMBACH, Ruedi — F.-X. PUTALLAZ, *Profession: philosophe. Siger de Brabant*, (Initiations au Moyen Age) Ed. du Cerf, Paris 1997.
- LIBERA, Alain de, «Faculté des arts ou Faculté de philosophie? Sur l'idée de philosophie et l'idéal philosophique au XIII^e siècle», in Olga WEIJERS — Louis HOLTZ (eds.), *L'enseignement des disciplines à la Faculté des arts de Paris au XIII^e siècle (Paris et Oxford, XIII^e – XV^e siècles*, (Studia artistarum, 4) Brepols, Turnhout 1997, pp. 429-444.
- LIBERA, Alain de, *Penser au Moyen Age*, (Chemins de pensée) Ed. du Seuil, Paris 1991 [reimpr.: (coll. Points, Essais, 329) Ed. du Seuil, Paris].
- PICHÉ, David, *La condamnation parisienne de 1277. Édition critique, traduction française et commentaire historico-philosophique*, (Sic et Non) Vrin, Paris 1999.

Texto 8 : Sumários

O texto inclui os sumários na íntegra, também disponíveis no Sigarra.

IV – Métodos e avaliação

4.1. Métodos de ensino teórico e prático

Os diferentes pontos do programa serão estudados em textos de autores medievais e suas interpretações. Os textos seleccionados serão objecto de leitura e comentário na aula, o tempo disponível (23 aulas na melhor das hipóteses) não permitirá que a todos os textos previstos seja dado o mesmo tratamento e alguns podem ser remetidos para leitura complementar e individual por cada aluno. De alguns textos será realizada uma leitura de intensificação, por aprofundamento e escavação dos seus múltiplos níveis, que é necessariamente demorada. É solicitada e encorajada a participação dos alunos, nomeadamente através da apresentação de trabalhos de pesquisa que antecipem ou completem o estudo feito em aula. Dada a escassez de tempo disponível e dada a disparidade entre os alunos, a leitura a realizar não poderá ser de auto-descoberta. Os textos serão adequadamente enquadrados na obra do autor e, quando seja caso disso, no eventual contexto de polémica em que surgem.

A opção por não seguir um manual e por não fazer uma exposição manualística, fundamenta-se na natureza mesma dos textos medievais. Aqueles veiculam uma interpretação feita, entre as muitas disponíveis ou possíveis. São guias indispensáveis, mas quando não são um complemento da própria leitura dos textos, podem tornar-se uma cortina excessivamente espessa para deixar ver através deles. Em contrapartida valoriza-se a experiência de contacto directo com a Idade Média, através dos seus textos. Mas, pode residir aí também uma dupla ilusão. A Idade Média não está nos textos, de certo modo é lá colocada pelo seu leitor. Os textos são antecipadamente mediados por uma interpretação, pois serão lidos em tradução,

que por vezes é um duplo (também no sentido fílmico) do texto. A experiência da longínqua proveniência temporal dos textos e do distanciamento com que as mediações no-los tornam próximos, faz parte do próprio trabalho filosófico, não será evitada nem escamoteada.

Assim, é necessário ter presente a que condições deve obedecer a leitura de textos medievais de Filosofia, ou que hoje nós podemos ler como de Filosofia, embora eventualmente tenham outra inserção disciplinar. A leitura de um texto simples, até ingénuo nas suas formulações e soluções, como o *Acerca do nada e das trevas* de Frídegiso de Tours, ou a leitura de um texto tradicionalmente considerado claro, como a solução do art. 3 da questão 2 da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, onde expõe as cinco vias para provar a existência de Deus, encerram dificuldade que uma leitura livre pode ampliar, por deturpação ou incompreensão. Ou seja, deve evitar-se a ilusão de simplicidade ou de transparência nestas leituras. Por outro lado, o tratamento de um período longo e diverso como o é a Idade Média, exige que se evitem as generalizações e os erros de anacronismo, como poderia acontecer se tudo submetêssemos a um mesmo regime, porque, por exemplo, a *felicidade* de que se fala no meio monástico não é a mesma de que se fala na universidade do século XIII ou nos meios laicos do séculos XIV. Os textos dos autores medievais, em razão dos particularismos dos problemas que discutem e do seu vocabulário (por vezes novo, por vezes reorientado, como por exemplo no *De hebdomadibus* de Boécio ou na *Lógica para principiantes* de Abelardo, mas em qualquer dos casos estranho e inabitual para nós), não podem ser abordados em leitura generalizadora ou esquemática.

A leitura proposta deverá ser uma leitura de ampliação, de dissecação do pormenor, de recuperação do pressuposto. Daí o dizer-se que “leitura”, pessoal ou em aula, aqui não significa mera verbalização do texto, mas significa pensá-lo, conhecê-lo, tanto quanto seja possível, nas suas hipóteses e pressupostos. Por essa razão, antes da entrada nos textos, haverá sempre lições introdutórias a cada tema/autor e o papel do docente não pode apagar-se na leitura subsequente.

Sem querer imitar o modelo profícuo, mas repetitivo e esquemático, da *lectio* medieval, as lições serão eminentemente teórico-práticas, conciliando a exposição teórica pelo professor, prolongada pela leitura comentada e discutida com os alunos.

Nessa Idade Média que tem uma concepção difusa do “autor” (mas onde há também a distinção clara entre copista, compilador, comentador e autor, cfr. Boaventura de Bagnoregio na abertura do seu comentário às *Sentenças* de Pedro Lombardo), podíamos colher o exemplo de modelos criativos de leitura, porque dela nascia boa parte da filosofia que então se fazia. Pode, é certo, começar-se pela paráfrase, para se chegar ao esquema (mesmo ao desenho, enquanto recurso heurístico ou pelo menos acentuador de articulações) integrador das partes, mas é depois necessário fazer a sua expansão em comentário, alargado por sua vez ao confronto das interpretações recebidas, para então se crescer na compreensão e na hipótese, feliz quando aconteça, de uma nova interpretação. De qualquer modo, acentua-se que, nesta fase do percurso formativo, que para a maioria dos estudantes é o primeiro contacto com textos de autores medievais, é preferível ficar próximo do texto que traí-lo com infidelidades cujos resultados nem compensam o risco.

O ensino teórico-prático centrado em textos concretiza algumas orientações basilares:

- a) que há uma inquestionável centralidade dos textos/fontes quando estudamos filosofia, ou pelo menos história da filosofia;
- b) que se aprende com os problemas e a sua discussão, mas também com o confronto das interpretações, sendo os próprios textos interpretações em conflito ou continuidade com outras interpretações;
- c) que os textos constituem um laboratório equipado de orientações e de matéria prima bruta que permitem submetê-los à prova da discussão, podendo assim contribuir para aulas com um carácter prático e participativo;
- d) que o comentário de textos não é mero expender de opiniões a gosto do leitor, mas obedece a regras e exige uma atenção própria ao texto mesmo, tomando-o como limite da própria interpretação.

Por estas razões, não basta escolher textos, policopiá-los e trazê-los para as aulas. O programa proposto implica a preparação de um conjunto adequado de materiais de apoio que permitam, em simultâneo, o acesso aos textos e a disponibilização de orientações para o aprofundamento do estudo por parte do aluno, seja através da leitura de outras obras do autor estudado, seja através da literatura secundária. A experiência mostra que é muito raro que um número

significativo de alunos leia para lá do mínimo recomendado. Mesmo assim, de um ponto de vista didáctico a académico é indispensável que, através do conhecimento da existência desses recursos, o aluno tenha presente que sobre os diferentes autores ou temas há outras hipóteses de leituras e que há ramificações conceptuais que não terminam na leitura feita. Esta deve, pois, ser sempre entendida como um ponto de partida, não de chegada.

Contudo, o trabalho de leitura de textos em sala de aula apenas é verdadeiramente profícuo quando o aluno já leu os textos e traz as suas próprias questões ou dúvidas. Mas, esta leitura prévia é ainda minoritária entre os estudantes, provavelmente devido às modalidades de avaliação praticadas na Faculdade, onde não existe obrigatoriedade de frequência das aulas, nem a participação dos alunos pode ser formalmente tida em conta na modalidade de avaliação final. Isto explica a persistente e sistemática dilação do estudo para a proximidade do momento da realização do exame final. Para a contrariar, incentivam-se os alunos a:

- a) participar activamente nas aulas;
- b) preparar trabalhos de reduzida dimensão (1 ou 2 pp.) a propósito de um texto ou problema em discussão, em geral para serem entregues na aula seguinte;
- c) preparar trabalhos de pesquisa de pequena dimensão (c. de 10-15 pp.), segundo modalidade que a seguir se descreve (ver secção sobre avaliação).

Considera-se que o contacto com os textos não fica completo apenas com a leitura de textos em fotocópias. Faz-se constantemente a pedagogia do acesso ao livro integral. O que é particularmente importante quando de alguma obra se lêem apenas excertos. Procura suprir-se esse aspecto negativo do trabalho com uma antologia, incentivando o trabalho em Biblioteca e fazendo circular nas aulas e entre os alunos os livros disponíveis na biblioteca mais relevantes para cada assunto.

Os textos e pontos do programa não exigem todos o mesmo grau de aprofundamento. Enquanto os curtos textos da parte introdutória do programa (partes I-III) não levantarão grandes problemas, por serem sobretudo motivacionais e ilustrativos, já os textos da parte IV exigem uma abordagem metodologicamente diferente. Aqui pratica-se não apenas a leitura de textos de filosofia mas procura-se também a leitura filosófica de textos. O que não é fácil, porque é eminentemente

construtiva e laboriosa, porque ler é um acto físico que implica atenção, e implica também o corpo, como bem se queixavam os copistas medievais. Nem se evita descer a este ponto de didactismo sobre o trabalho físico da leitura, para mostrar como fazer sublinhados, apontamentos, esquemas, resumos, que podem implicar mais movimento para tirar dúvidas: recurso a dicionários, outras obras do autor, estudos. Na leitura de um texto a sua descrição empírica (estrutura; sequência temática e argumentativa; segmentos e todos: ficheiro, rede narrativa e conceptual) é uma primeira etapa determinante. O texto, segmento estático e verbalmente reificado, não nos dá plenamente o devir do pensamento, esse tem que ser reconstruído através da inserção no devir histórico-cultural-institucional. O qual pode admitir uma restituição sistemática do pensamento no texto, mas é conveniente que este não seja lá introduzido artificialmente. E, por fim, a leitura pode ou quer sempre leva-nos para o interior do texto, mas também para lá do autor e do seu pensamento, para um tempo outro, o do pensar. Texto e leitura são, portanto, o plano do trabalho teórico-prático a fazer sobre uma parte do corpo da Filosofia Medieval, parte mínima mas que se quer ilustrativa de algumas das suas tendências, afirmações ou impasses.

4.2. Avaliação

Estando num contexto universitário e de ensino, a aferição dos resultados do trabalho realizado é indispensável. A avaliação é habitualmente vivida por todos os intervenientes como um dos aspectos mais negativos da experiência universitária, sendo quase sempre sobrevalorizada a sua função selectiva e bastante ignorada a função formativa. Mas, é também nesta sua vertente que ela tem sido praticada no âmbito da disciplina de Filosofia Medieval.

4.2.1. Componentes de avaliação

As normas de avaliação da FLUP definem as modalidades de avaliação. Em acordo com estas normas e devido ao número de alunos inscritos em Filosofia Medieval, a disciplina funciona em **avaliação final** (um exame escrito no final do semestre, podendo ou não ser complementado com prova oral).

Por opção docente, é disponibilizada aos alunos a possibilidade de aquela modalidade de avaliação final poder ser combinada com a realização de **trabalhos**

de pesquisa, orientados e avaliados pelo docente, que poderão dispensar na totalidade ou em parte o exame final. Neste caso, da nota a atribuir será dado conhecimento prévio ao aluno. Os trabalhos serão realizados segundo modelos e critérios formais a distribuir aos interessados e que podem ser obtidos na página internet da disciplina.

Os exames. Características. Extensão. Critérios de avaliação.

Os exames escritos destinam-se a avaliar a competência e domínio do aluno das matérias leccionadas, bem como a sua capacidade de construir um discurso explicativo e argumentado sobre problemas estudados. Assim, todas as matérias são passíveis de avaliação, não havendo lugar a perguntas de opção. Um exame normal terá entre 4 a 6 questões, sendo que em algumas delas pode ser solicitada a interligação entre dois ou mais pontos do programa.

Estando o programa orientado para a leitura e discussão de conceitos, argumentos e teorias nos textos, os exames são preparados e avaliados para aferir a proficuidade da leitura/estudo realizado. O material mínimo de estudo, para além do adquirido pela própria presença a participação dos alunos nas aulas, são os textos de apoio fornecidos e outros que resultem da sua pesquisa. Os alunos são vivamente aconselhados a não recorrer a apontamentos de colegas, os quais, muitas vezes, podem ser fonte de erros que nem estão nos apontamentos, apenas porque quem os lê não sabe refazer as ligações que a selectividade com que foram elaborados obrigou a omitir.

Durante o exame os estudantes são autorizados a consultar os sumários em exemplares disponibilizados pelo docente.

Os critérios de avaliação e valorização das respostas, incluem a ponderação dos seguintes aspectos:

- a) conhecimentos e informação utilizados nas respostas e elementos que denotem leitura directa das obras estudadas;
- b) adequação das respostas às perguntas;
- c) concisão, clareza e rigor das respostas;
- d) uso dos textos e citações;
- e) estrutura das respostas;

- f) formulação de juízos críticos ou pessoais sobre os temas.

Tratando-se de exames de filosofia, espera-se do aluno a utilização de argumentos claros e estruturados, o domínio de linguagem abstracta, a capacidade de relacionar e pensar os temas questionados. O peso e cotação relativa de cada aspecto variará de pergunta para pergunta, segundo a resposta expectável exija mais de um ou de outro (se, por hipótese, se pedisse um juízo pessoal sobre a fundamentação da resposta de Gaunilão ao argumento único de Anselmo, o elemento “f” poderia ter tanta importância como o elemento “a”).

Como previsto nas normas de avaliação da FLUP, os alunos que obtenham nota entre 7,6 e 9,4 para obterem aprovação têm que realizar uma prova oral, à qual podem propor-se alunos que tenham obtido nota positiva e queiram melhorá-la. As provas orais não são, portanto, obrigatórias, havendo mesmo alunos que podendo realizá-las delas desistem.

Os trabalhos de pesquisa. Enquadramento e modelos

Sobre este assunto foi preparado um texto orientador que é fornecido aos alunos no início do semestre e cujo conteúdo a seguir se transcreve parcialmente.

As *Normas de avaliação* da FLUP prevêem a possibilidade de combinar modalidades de avaliação. Neste âmbito, os alunos poderão realizar trabalhos de investigação, integrados no plano de avaliação da cadeira. Estes trabalhos, dependendo da sua natureza e acompanhamento, podem substituir uma parte ou a totalidade do exame de avaliação. Os trabalhos de investigação destinam-se aos fins referidos nas Normas: integrar a avaliação contínua, ou complementar a prova da avaliação final. A sua realização depende apenas, no contexto actual, de uma opção do aluno.

O trabalho de investigação constitui um aprofundamento prático, técnico e teórico, de algum aspecto ou tema do programa da cadeira, ou que a ele diga respeito. A sua realização pressupõe trabalho de pesquisa e exposição pessoais, mesmo quando realizado em grupo. Será apresentado sob a forma escrita, embora se possa admitir, acessoriamente, o recurso a meios gráficos e audiovisuais. Os trabalhos de investigação têm um objectivo simultaneamente *formativo e filosófico*. A filosofia é uma forma de expressão de pensamento, por isso, pretende-se com eles

desenvolver capacidades de trabalho prático (leitura, consulta, compilação, pesquisa, fichagem, etc.), de trabalho técnico (análise, conceptualização, síntese, redacção, etc.) e de trabalho teórico (reflexão, questionamento, fundamentação, eventualmente uma abordagem crítica, inovadora e pessoal dos problemas). Estes trabalhos revestirão preferencialmente a forma de uma (curta) *dissertação escrita*, ou *ensaio*. Deverão assentar num trabalho pessoal de investigação e de reflexão e deverão, por isso, contribuir para a aquisição de conhecimentos filosóficos específicos, mas também para a constituição de uma atitude questionadora e de afirmação de posições fundamentadas.

A extensão dos trabalhos poderá ser variável, a definir consoante o tema escolhido e a sua finalidade. De preferência, as dissertações ou ensaios deveriam versar o estudo de um tema filosófico em um autor (ou em uma obra de um autor), ou a comparação de dois autores a propósito de um tema específico. Poderão ser também, a título de exemplo, ensaios de aplicação ou investigação sobre os mais variados problemas filosóficos (metafísica, gnoseologia, estética, epistemologia, cosmologia, ética, teologia, etc.) ao longo da Idade média. ou, tratando-se de um programa que contempla o estudo de obras, um trabalho sobre uma dessas obras. Para além da dissertação, os trabalhos poderão assumir outras formas complementares: – bibliografia comentada; – colectânea de textos temáticos; ensaio; – ficheiro de conceitos; – tradução anotada de texto(s) filosófico(s); – análise e resumo de uma obra; – recensão crítica. É também admissível que uma mesma investigação combine ou recorra a várias destas formas de trabalho.

De modo a potenciar o aspecto investigacional, os trabalhos são acompanhados pelo docente, durante o horário de atendimento, ou sempre que, mutuamente, tal se justifique. O aluno que pretenda realizar um trabalho de investigação deverá apresentar um plano de trabalho em formulário fornecido pelo docente (cfr. Anexo 3). O acompanhamento do trabalho pelo docente também é registado em folha própria pelo docente (cfr. Anexo 4).

Não há *um* método de *investigação filosófica*, para além do que cada um pode ou consegue fazer com a leitura, o estudo e a reflexão sobre os textos, os problemas, as realidades, os factos. Contudo, a pesquisa filosófica pode e deve ser aperfeiçoada. Pela sua grande utilidade aconselha-se a consulta de alguma(s) obra(s) sobre

metodologia da pesquisa, que fornecem hipóteses e modelos de entre os quais podemos optar. O guia orientador fornecido aos alunos dá algumas orientação sobre a estrutura e organização dos trabalhos escritos.

O trabalho de investigação deve, na sua apresentação final, reflectir as diferentes etapas do trabalho realizado e os resultados alcançados. O trabalho será objecto de discussão final entre o docente e o aluno.

A motivação dos alunos para temas do seu interesse e o acompanhamento regular dos trabalhos são aspectos fundamentais da validade deste modo de aprendizagem e avaliação. Por isso se propõe uma lista de temas não vinculativa, aceitando-se outras propostas do aluno (cfr. Anexo 2, no final deste Relatório) e uma ficha de proposta de trabalho (Anexo 3) onde o aluno faz a sua primeira experiência de confronto entre uma ideia de trabalho espontânea e a necessidade de a estruturar e fundamentar, como ponto de partida para a investigação. Os trabalhos são regularmente revistos e objecto de discussão, prevendo-se que os alunos façam mais que uma entrega, com as revisões que lhes sejam sugeridas (cfr. anexo 4).

4.2.2. Resultados finais da avaliação

O Sistema Integrado de Gestão Agregada dos Recursos e Resultados Académicos (SIGARRA) da Universidade do Porto faz um tratamento estatístico dos resultados de avaliação verificados em cada ano. Até agora não é possível encontrar constantes que pudessem explicar razões de sucesso e insucesso. Sendo estatisticamente baixo o número de alunos (entre 90 e 110 nos anos recentes), regista-se grande variabilidade de ano para ano, pelo que cada resultado é mais um retrato específico de uma faixa contingente de alunos que a descrição de uma tendência ou de um ponto numa curva.

Contabilizando a experiência de anos anteriores, os resultados oscilam entre notas muito boas e notas muito más, com uma percentagem elevada de resultados medianos. As causas parecem ser as grandes diferenças de preparação de base dos alunos e diferentes níveis de empenhamento e estudo. Parece haver uma relação notória entre notas baixas e a não leitura dos textos de estudo obrigatório, isto porque os estudantes que não têm um conhecimento directo dos textos têm

difficuldade em entender as próprias perguntas e tendem a repetir nas respostas o que retiveram das aulas, em geral de modo vago porque não consolidado com estudo próprio. Por outro lado, a ter em conta erros repetidos entre exames, verifica-se uma forte dependência de alguns alunos em relação a apontamentos emprestados por outros colegas.

Os alunos são motivados a terem conhecimento dos erros cometidos nos exames. Porque, para além do negativo recurso a apontamentos obtidos junto de colegas, são notórios os casos em que o insucesso se deve ou a orientação errada do estudo, ou a incompreensão das perguntas, ou a incapacidade de exprimir o que foi estudado. É elevado o número de respostas que pura e simplesmente não abordam o que é pedido, preferindo dispersar-se por “tudo” o que ocorre sobre o autor ou o tema em causa. Seguindo os critérios de avaliação, de que o aluno tem prévio conhecimento, o que se avalia é a resposta à pergunta feita, para o que aquele tipo de respostas é inadequado. As notas medianas também estão relacionadas com alguma tendência para afirmações infundadas ou demasiado vagas, ou uma dificuldade em exprimir pensamento abstracto, cedendo à facilidade de personificar ideias ou correntes de pensamento, o que afasta o esperado rigor e concisão. Trata-se de aspectos resolúveis se o aluno os conhecer, daí que a consulta dos exames seja visto como um elemento pedagógico e de formação individual de grande importância.

Sem abdicar de critérios de rigor e de uma exigência adequada aos conteúdos leccionados, é possível, com pequenos procedimentos e a motivação dos alunos (conseguida pelo estímulo à participação e pela realização de trabalho prático sobre temas e textos sugestivos), contrariar as situações de insucesso na disciplina, potenciadas pelas condições atrás referidas.

Auto-avaliação da disciplina

Nesse quadro, considera-se muito importante conhecer as expectativas dos alunos relativamente à disciplina, seu funcionamento e conteúdos, bem como o seu sentimento pessoal quanto ao impacto do programa na sua própria formação filosófica geral. Para esse fim foi preparado um inquérito de auto-avaliação da disciplina de Filosofia Medieval, que nos últimos anos foi proposto aos alunos na

última aula do semestre. Os resultados recolhidos permitiram em alguns casos reforçar ou mudar estratégias pedagógicas, ou mesmo modificar alguns pontos do programa. Os resultados não deixam de ser surpreendentes em alguns aspectos, como por exemplo os estudantes considerarem importante a realização de trabalhos, ou o atendimento docente, ou a participação nas aulas, mas depois a prática não corresponder a esse entendimento generalizado. O que parece indicar que há espaço e receptividade (mesmo desejo) para a indução de procedimentos de mudança, mas que a inércia justifica a passividade dos estudantes.

A partir de 2006-2007 a própria FLUP e a UP instituíram inquéritos pedagógicos sobre todas as Unidade Curriculares, pelo que deixou de se solicitar aos alunos o preenchimento do referido inquérito, aguardando-se o conhecimento dos resultados da avaliação institucional para aferir da eventual necessidade de ajustamentos, face às expectativas e avaliação dos alunos.

V – Planificação e conteúdos

As quatro partes do programa, tendo em conta um semestre de 13 semanas de aulas + exame, são assim distribuídas:

<i>Programa</i>	<i>Aulas</i>	<i>Horas</i>
Parte I	3	6
Parte II	4	8
Parte III	4	8
Parte IV	15	30
<i>Total</i>	<i>26</i>	<i>52</i>

5. 1. Planificação

Planificação das aulas:

<i>Aula</i>	<i>Tema</i>
1	Apresentação do programa, das metodologias de trabalho, das modalidades e critérios de avaliação. § I. A filosofia na Idade Média: A longa Idade média: o conceito e a coisa
2	§ I. A filosofia na Idade Média
3	§ I. A filosofia na Idade Média
4	§ II. Especificidades da filosofia na Idade Média.
5	§ II. Especificidades da filosofia na Idade Média.
6	§ II. Especificidades da filosofia na Idade Média.
7	§ II. Especificidades da filosofia na Idade Média.
8	§ III. Ritmos e expressões da filosofia durante a Idade Média
9	§ III. Ritmos e expressões da filosofia durante a Idade Média
10	§ III. Ritmos e expressões da filosofia durante a Idade Média
11	§ III. Ritmos e expressões da filosofia durante a Idade Média
12	§ IV. Questão central A
13	§ IV. Questão central A
14	§ IV. Questão central A
15	§ IV. Questão central A
16	§ IV. Questão central B
17	§ IV. Questão central B
18	§ IV. Questão central B
19	§ IV. Questão central B
20	§ IV. Questão central B

21	§ IV. Questão central C
22	§ IV. Questão central C
23	§ IV. Questão central C
24	§ IV. Questão central C
25	§ IV. Questão central C
26	Discussão final: Para um balanço: a filosofia medieval e a modernidade. Abertura à continuação de estudos: o programa de Filosofia Medieval II. Informação sobre o exame final: estrutura, cotações e critérios de avaliação.
	Exame

N.B.: A ocorrência de feriados, ou outras suspensões de aulas, pode reduzir o número de aulas disponíveis, o que implica o ajustamento do programa de modo a manter sempre a integridade dos temas iniciados.

5. 2. Conteúdos

Descrevem-se aqui os tópicos que desenvolvem o programa atrás proposto, de acordo com esta planificação lectiva. Trata-se de uma apresentação que não pode ser entendida de modo rígido, é antes um mapa possível e ideal, que o percurso das próprias aulas pode obrigar a alterar. No ano 2007-2008 estará pela primeira vez em vigor um novo modelo didáctico-pedagógico de contacto com os estudantes, que inclui aulas teórico-práticas e encontros de orientação tutorial, reduzindo para 3 o número de horas de lição semanal. Esta alteração terá consequências em ajustamentos futuros, não sendo possível prever o que das lições poderá ser transferido para a orientação tutorial, sendo necessário ganhar em interacção através de uma maior dinâmica do trabalho pessoal dos estudantes. Não será tarefa fácil, tendo em conta os constrangimentos já atrás referidos.

Nesta descrição omitem-se os elementos de contextualização histórico biográfica, remetendo-se para os quadros disponibilizados na última parte deste relatório e que são disponibilizados aos alunos nos textos de apoio, onde se incluem também referências bibliográficas apresentadas aos alunos. Aqui remete-se fundamentalmente para os textos de apoio referidos em 3.2. O sinal → indica aqui eventuais prolongamentos e conexões com outros tópicos do programa.

Tema 1. O conceito de “filosofia medieval”

Aulas previstas: 3

Autores a ler: Agostinho de Hipona (séc. IV-V), Rogério Bacon (séc. XIII), Boécio de Dácia (séc. XIII), Tomás de Aquino (séc. XIII), Anselmo de Cantuária (séc. XI), Dionísio pseudo Areopagita, Fridegiso de Tours (séc. IX).

Principais conceitos: fé, razão, autoridade, verdade, compreensão, evidência (nos argumentos da existência de Deus).

Nota prévia: apesar do seu título, este ponto do programa não se destina a fazer uma apresentação das querelas historiográficas sobre o conceito de filosofia medieval, mas sim a exemplificar onde e como podemos encontrar filosofia nos diferentes tipos de textos. Como nenhuma das propostas disponíveis seria adequada, experimenta-se procurar a diversidade que subjaz a programas e preocupações que apenas à superfície são coincidentes.

Os textos de leitura obrigatória estão incluídos no texto de apoio 2.

«Quem escreve um próêmio procura fazer três coisas: em primeiro lugar quer suscitar a benevolência, em segundo a disponibilidade, em terceiro a atenção. Obtém-se a benevolência manifestando a utilidade da ciência, a disponibilidade antepondo a ordem e a articulação do tratado, a atenção testemunhando a dificuldade do tratado».

TOMÁS DE AQUINO, Proêmio do comentário ao *De anima* de Aristóteles, § 3, ed. *Sententia libri de anima*, Opera Omnia 41, 1, Paris-Roma, 1984, p. 1b.

Seguindo o avisado conselho de Tomás de Aquino, a primeira aula, como que um próêmio, será dedicada à apresentação da disciplina, das metodologias de trabalho, das modalidades e critérios de avaliação. Para conhecer a motivação e preparação dos estudantes é realizado um inquérito diagnóstico (cfr. Anexo 1 deste relatório).

A explicação do programa será oportunidade para discutir algumas ideias popularizadas sobre a Idade Média, confrontando-as com a génese histórica do conceito de “Idade Média”, sua função ideológica, para verificar que não correspondem exactamente à coisa. Recusa da uniformização para compreender: existem várias Idades Médias e cada uma delas não é uniforme, mas marcada por uma dinâmica territorial, institucional e conceptual que trará novos problemas e novas soluções. A convencionalidade das delimitações cronológicas e a sua utilidade.

A Idade Média já foi caracterizada como «idade da fé». Qual é então aí o lugar da filosofia? As divergências de resposta à pergunta sobre se existiu filosofia

na Idade Média. As respostas dos historiadores da filosofia nos títulos das suas obras. A prova dos textos: fé e razão na busca da verdade. O programa de Agostinho de Hipona: «não só crer mas também compreender a verdade» (leitura de «Contra Académicos» III, xix; cfr. texto de apoio 2). O ponto comum e a diversidade de posições quanto ao papel da razão e da autoridade no conhecimento. Influência desta posição na Idade Média. Uma aplicação a um problema particular: leitura de Fridegiso de Tours, *Acerca do nada e das trevas* (cfr. texto de apoio 2, nr. 5), que oferece uma solução ingénua ao problema da representação da não existência e do invisível, usando argumentos de razão e de autoridade, em clara filiação agostiniana.

Uma discussão alternativa deste tópico caracterizador da Filosofia Medieval poderia decorrer da discussão do conceito de fé/crença como contraposto ou complementar da razão, através da leitura de textos de Agostinho, Averróis, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Condenação de 1277.

Prevalência da busca da verdade sobre qualquer outra busca racional. A identificação da verdade pela razão e pela fé e a afirmação da sua identidade. A busca do absoluto e da sabedoria e os dois livros em que se mostram: o Livro das Escrituras e o Livro do Mundo. Lugar da filosofia na compreensão do mundo: duas posições extremas em confronto entre os “artistas”: a) Rogério Bacon e a submissão da filosofia à teologia; b) Boécio de Dácia e a autonomia da filosofia (cfr. texto de apoio 2, nr. 13 e 19). A autoridade como preferência por uma certeza já vivida e experimentada.

Um problema limite para fé e para a razão: a existência de Deus. Tomás de Aquino: a não evidência do conhecimento da existência de Deus por si mesmo e a necessidade da demonstração; leitura, comentário e discussão de *Suma de Teologia*, I, questão 2, artigos 1-2. Diferenças com a posição de Anselmo: leitura do argumento único de Anselmo, no *Proslogion*, Pról. e capp. 2-3. A proposta alternativa de Tomás, *Suma de Teologia*, I, questão 2, artigo 3. Ainda outra via para o acesso a Deus: a via negativa da *Teologia Mística* III de Dionísio pseudo Areopagita. Este confronto filosófico sobre uma crença partilhada, a existência de Deus, indubitável do ponto de vista da fé para cada um dos intervenientes, abre um confronto que podemos encontrar em diversos outros temas, permite-nos concluir, pelo menos

provisoriamente, que a fé, em vez de evitar ou excluir o exercício da razão, lhe alarga de facto as possibilidades.

A leitura dos textos, sobretudo os de Rogério Bacon, Tomás Boécio de Dácia será oportunidade para clarificar o sentido de “escolástica”, a entender como um modo de discutir e fazer filosofia na escola medieval e não como um corpo doutrinal unificado. Para concluir discute-se a inadequação e insuficiência das diferentes definições de Filosofia Medieval para descrever o seu objecto, sempre mais fugaz e amplo que o que as etiquetas conseguem abranger.

Tema 2. Especificidades da filosofia na Idade Média. Problemas, contextos, autores e correntes

Aulas previstas: 4

Autores a ler: Pedro Abelardo (séc. XII), Bernardo de Claraval (séc. XII), Boaventura de Bagnoregio (s. XIII), Bernardo de Chartres (séc. XII), Adelardo de Bath (séc. XII), Guilherme de Conches (séc. XII).

Principais conceitos: dialéctica, certeza, limites da razão, especulação, contemplação. Disputa. Conceitos historiográficos; *Translatio(nes) studiorum*, agostinismo, aristotelismo, peripatetismo.

Os textos de leitura obrigatória estão incluídos no texto de apoio 2.

A relativa homogeneidade de motivações para o pensamento acolhe e desenvolve-se em respostas divergentes no âmbito das instituições e ao longo do milénio medieval (cfr. sinopse). O programa de Agostinho: não só crer mas também compreender, seguindo o acordo da razão e da autoridade, devém conflitual e uma imposição? Com que instrumentos deve a razão orientar-se? Deve sempre e apenas submeter-se à fé? As autoridades textuais e doutrinárias (a revelação) e a dialéctica como instrumento da razão. Leitura e comentário de: **a)** Abelardo Pedro e a oposição dialéctica das autoridades como exercício da razão e modo de busca da verdade (leitura de excerto do prólogo de *Sic et non*); **b)** A reacção de Bernardo de Claraval e a defesa da contenção da razão dentro dos seus próprios limites, excluindo a possibilidade de a aplicar ao que "está para lá da razão" (leitura de excerto da carta *Contra os erros de Pedro Abelardo*). **c)** o modo como Tomás de Aquino

formula a busca de uma não contradição lógica entre a criação do mundo e a sua possível eternidade (leitura de excerto da *Questão sobre a eternidade do Mundo*).

A escolástica e o uso da dialéctica como sinal do centramento na verdade e na razão. A dialéctica como meio para “alcançar a essência das coisas” só pela razão e dispensando os sentidos (leitura de Platão, *República*, 532a) e a sua tradição como método do pensamento da antiguidade e na Idade Média. De novo Abelardo e a defesa do carácter positivo da dialéctica como único instrumento para superar o “erro”, mesmo em teologia (leitura de excerto de *Teologia “Summi boni”*). Um outro modelo para conjugar a relação entre a fé a razão: Boaventura de Bagnoregio (séc. XIII) e o carácter progressivo da relação entre a especulação e a contemplação, entre o desejo da verdade e o conhecimento como ascensão para o fulgor da verdade absoluta (leitura de passagens do prólogo de *Itinerário da mente para Deus*). → Na parte 4 o tópico 4.3 será oportunidade para aprofundar a função metodológica da dialéctica.

A filosofia medieval e a questão da “autoridade” da verdade na compreensão do mundo e do homem. Leitura e comentário de textos, sobre as querelas dos antigos e modernos: **a)** Bernardo de Chartres (séc. XII) e a metáfora dos anões às costas de gigantes; **b)** Adelardo de Bath (séc. XII) e a desconfiança dos modernos face à autoridade, preferindo invocar a descoberta e a razão; **c)** Guilherme de Conches (séc. XII) e a hierarquização das autoridades. O que ocorre no século XII para esta consciência de ruptura? A recuperação do legado filosófico antigo e a recepção da ciência dos árabes. Os percursos do saber desde a Grécia antiga, em processo de transladação e trasladação para latim: traduções e *translationes studiorum*. A lenta constituição da biblioteca filosófica medieval através da tradução: séc. VI com Boécio, no séc. IX com o renascimento carolíngio, no séc. XII com as traduções sobretudo arabo-latinas, que o séc. XIII completaria e corrigiria com outras greco-latinas. O que suscita esta avidez pelo saber no século XII? O crescimento das cidades e as escolas urbanas nos grandes centros intelectuais, que estarão na origem da universidade. Leitura de excertos da *História das minhas calamidades* de Pedro Abelardo, sobre as escolas que fundou, as desventuras pessoais, as disputas em que se envolveu por gosto da luta dialéctica e da busca da verdade.

A biblioteca filosófica medieval. O que conheciam os medievais da ciência e da filosofia antiga? As sucessivas *translationes studiorum*: 1) A queda do império romano: fim das escolas e escassez de textos disponíveis: a limitada biblioteca de textos científicos e filosóficos disponíveis em latim; prevalência dos textos de tipo compilativo e enciclopédico. A alta Idade Média (predominantemente agostiniana). 2) A cultura monástica e o renascimento do século XII (predominantemente boeciano?). 3) a “geração espontânea” da universidade parisiense e a sua organização em planos de estudos, em 1215 com a proibição de Aristóteles, em 1255 com a prescrição de Aristóteles. A recepção do outro e o sentimento de modernidade na Idade Média. ➔ Na parte 4 os tópicos 4.4 e 4.5. serão oportunidade para exemplificar as dificuldades da recepção das novas fontes filosóficas para resolver antigos problemas.

Tema 3. Ritmos e expressões da filosofia durante a Idade Média

Aulas previstas: 4

Autores a ler: António de Lisboa (s. XIII), Pedro Lombardo (s. XII), Tomás de Aquino (s. XIII), Minúcio Félix (s. II), Porfírio (s. IV), Agostinho de Hipona (s. IV-V), esquemas das ciências (Herrad de Landsberg, Hugo de S. Victor, anónimo de Coimbra, Gundissalino, Boaventura de Bagnoregio, Pedro Hispano, Roberto Kilwardby, Rogério Bacon), Rogério Bacon (s. XIII).

Principais conceitos: símbolo, sistema do saber (suma), verdade, organização das ciências, censura da filosofia.

Os textos de leitura obrigatória estão incluídos no texto de apoio 2.

A outra diversidade medieval: a multiplicidade das formas literárias da filosofia: estilos literários e recursos metodológicos (tratado, carta, diálogo, poema, comentário, sentença, questão, disputa, sermão, axiomas). Recuperação dos textos lidos: a questão das formas literária em filosofia. Quatro exemplos: **a)** a função terapêutica da Filosofia, personificada numa mulher na *Consolação* de Boécio, obra em prosa e verso; **b)** a tradição de interpretação simbólica do mundo em S. António de Lisboa (leitura de excerto de um sermão); **c)** sistemática na origem de uma ciência teológica (*As Sentenças* de Pedro Lombardo); **d)** a escolástica do século XIII e

o predomínio textual de Aristóteles: novos problemas, novos métodos de discussão novos textos (exemplo de um comentário de Tomás de Aquino, sobre Boécio).

A confluência e coexistência de tradições na constituição da tradição filosófica medieval: o final da antiguidade romana e o perfil intelectual da Idade Média. A diatribe helenismo versus patrística (leitura de textos de Minúcio Félix, Porfírio e Agostinho d Hipona) sobre a verdade em Filosofia e as pretensões do cristianismo a possuí-la. A confluência e coexistência de tradições intelectuais na Idade Média latina. As matrizes helenístico-romana, patrística, árabe, judaica. → Na parte 4 os tópicos 4.1., 4.2., 4.3., 4.4., 4.5. serão oportunidade para aprofundar o contributo das diferentes matrizes para o perfil do pensamento na Idade Média.

Um exemplo das mutações teóricas ao longo do pensamento medieval: a filosofia e as classificações das ciências na Idade Média. De novo a influência de Agostinho (cfr. *De doctrina christiana*). Os diferentes modelos: a tradição didáctica greco-romana das 7 artes liberais: *trivium* (estudo da linguagem: gramática, dialéctica, retórica) e *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia, música) a evolução do modelo e a inclusão das artes mecânicas no século XII: de Herrad de Landsberg, a Hugo de S. Victor e ao anónimo de Coimbra; **a)** as três partes da filosofia na tradição platónica (racional, natural, moral) e na tradição estóica (lógica, física, moral), sua ressurgência nas classificações medievais (cfr. *Etimologias* de Isidoro de Sevilha); **b)** a divisão da filosofia na tradição aristotélica: teórica (metafísica, física/natureza), poética, prática (economia, ética, política) e o carácter propedêutico do *Organon*.

Modelos medievais na classificação das ciências: **1)** o círculo das ciências em Herrad de Landsberg; **2)** a hierarquia linear na tentativa sincrética de Boaventura de Bagnoregio (um modelo progressivo da articulação das ciências, orientadas para a sabedoria e a salvação eterna do homem); **3)** as propostas combinatórias de autores dos séculos XII (Gundissalino) e XIII e o seu esforço para integrarem na classificação das ciências (em organização arborescente) as obras de Aristóteles recentemente traduzidas e que faziam parte do plano de estudos universitários: doravante as ciências serão identificadas com obras de Aristóteles. Os exemplos do Comentário ao *De anima* atribuído a Pedro Hispano, a classificação de Roberto Kilwardby e as propostas de Rogério Bacon sobre a “ciência experimental”; **4)** as

discussões em torno do que é ou não ciência: a crítica racionalista e a exclusão, nos séculos XIII-XIV, do domínio das ciências de saberes como a astrologia, a alquimia, a magia. → Na parte 4 o tópico 4.5 será oportunidade para aprofundar o lugar da Filosofia na Faculdade de Artes.

A reorganização do saber em torno *corpus aristotelicum* (leitura do prefácio de Tomás de Aquino ao comentário do *Comentário sobre o Livro das causas*). A longa Idade Média, o encontro entre a razão e a fé, entre platonismo e aristotelismo, entre tradições intelectuais, também ocorre entre conflitos, oposições filosóficas e censuras intelectuais/institucionais. A condenação de 1277 (leitura do prólogo do édito de Estêvão Tempier). As suas consequências: o começo da Idade Moderna no final da Idade Média: os limites internos do aristotelismo e os novos desafios epistemológicos: novas concepções do homem e do mundo, num tempo de mudanças. → Na parte 4 os tópicos 4.4. e 4.5 serão oportunidade para discutir os resultados da recepção do aristotelismo e do peripatetismo na Faculdade de Artes, face às posições de rejeição pelos agostinianos, e as condenações emitidas na Universidade de Paris.

Tema 4. Três questões centrais

Os elementos introdutórios fornecidos nas lições anteriores, permitem agora avançar-se para o estudo mais particularizado (porque se parte em cada caso de um texto específico) de três temas filosóficos a que na Idade Média se deram novas formulações e outras soluções. No programa propõem-se cinco temas mas, pretendendo dedicar-se a cada um deles pelo menos 4 a 5 lições, apenas três serão leccionados. Serão escolhidos por acordo entre o docentes e os alunos. Sobre os restantes dois serão fornecidas aos alunos orientações de leitura e estudo através de textos de apoio.

Pretende-se conjugar a leitura de um texto com o estudo do complexo de problemas que discute, apelando também à história da filosofia para compreender a sua linhagem e fontes, a natureza das soluções que propõe, a influência que terá exercido.

4.1. A existência, Boécio.

Aulas previstas: 5.

Autor a ler: Boécio, *De que modo as substâncias são boas por existirem, embora não sejam bens substanciais* (*De hebdomadibus*).

Principais conceitos: a distinção entre ser e ente; substância, essência, forma; participação, emanação; ser, justiça e bem.

A obra de leitura obrigatória está no texto de apoio 3.

Brevíssima introdução bio-bibliográfica a Severino Boécio (séc. VI). Os problemas no texto e a metodologia proposta para a sua resolução: leitura do prómio do opúsculo.

Axiomas e definições (§ 2). As distinções entre “ser” e “o que é” (regras I-III), entre substância e acidente (regra IV), entre simples e composto (regra VI), entre diversidade e semelhança (regra VII). A questão da participação e o ser do ente composto (regra V). A formulação das alternativas de solução da pergunta «*De que modo as coisas por existirem são boas embora não sejam bens substanciais*» (§ 3): as aporias do ser por participação e do ser substancial nos entes.

A solução da questão do opúsculo de Boécio (§4): os ser dos entes não é nem por participação, nem por substancial. O que existe (os seres segundos), porque emanaram do ser primeiro por sua vontade ou decisão livre. O neoplatonismo de Boécio: a ideia de *emanação*, que implica e explica uma separação ou corte ontológico entre o ser e o ente, o Uno e o múltiplo, mas vincula a subsistência deste à recepção de um certo grau de ser por processão hierárquica a partir do Uno, que mesmo assim mantém a sua absoluta e radical unidade e transcendência. O ser por si e o ser por outro (*ab alio*).

Conclusão da leitura do opúsculo de Boécio (§ 5): as objecções internas da solução emanatista: então tudo o que existe no ente (mesmo a injustiça) provém do Ser primeiro? Se sim, ele é também é injusto, o que seria contraditório com a sua absoluta simplicidade. Distinção entre “ser” e “agir”: no ser simples são o mesmo, no ser composto distinguem-se, daí que no ser segundo a injustiça ou a justiça provém do seu agir, que pode ser explicado como realização do desejo do que é semelhante (isto é o bem) e quando dele se afasta ocorre a injustiça (cfr. a regra VII). A distinção boeciana entre “ser” e “o que é” (o ente) na raiz da onto-teo-logia

que segundo Heidegger marca a metafísica ocidental que esquece o ser do ente (onto), para o explicar (logos) a partir do ser do ser primeiro, identificado com Deus (theo). A transformação do binómio boeciano por Gilberto de Poitiers (séc. XII) em “quo este” (pelo qual é) e “quod est” (o que é). A sua recuperação por Tomás de Aquino no quadro da explicação dos entes compostos (cujo ser é distinto da sua essência, porque são a partir de outro), distintos do Criador, ser absolutamente simples cujo ser é idêntico à sua essência. A posteridade do problema da distinção ser e essência em Tomás de Aquino e Henrique de Gand (cfr. texto de apoio 3).

→ Este tema liga-se a todos os temas subsequentes, consoante os aspectos (metafísica, epistemologia, acção) que sejam acentuados no texto de Boécio.

4.2. Linguagem e verdade, Agostinho de Hipona.

Aulas previstas: 4.

Autor a ler: Agostinho, *O Mestre* (parte final) e *As ideias*.

Principais conceitos: linguagem e coisas, linguagem e conhecimento, coisas e certeza, homem interior e verdade. Modelos e verdade das coisas.

A obra de leitura obrigatória está no texto de apoio 4.

Breve apresentação de Agostinho de Hipona, vida, obra, principais posições filosóficas: a conversão ao cristianismo com filosofia e a busca da verdade. A estrutura e as principais teses de *O Mestre* (seguindo G. Madec). Indicação das partes a estudar (cfr. Texto de apoio 4).

Agostinho faz dizer a Adeodato que a finalidade da linguagem é ensinar, para o levar a concluir que: **a)** nada se ensina sem os signos (cap. 3-10, §§ 3-30, pp. 59-87), para lhe mostrar, de seguida, que **b)** nada se ensina pelos signos (cap. 10-11, §§ 31-37; pp. 87-93). É este paradoxo que prepara o espírito para aceitar a tese de Agostinho na Parte II do diálogo: O Cristo, único mestre de verdade (cap. 12-14, §§ 38-46; pp. 93-99). Em *tudo* o que conhecemos, consultamos a *verdade* (Cristo) que preside à mente ou homem interior.

A verdade como fundamento e condição de possibilidade do conhecimento (cap. XI, 37-38). A alma e o pré-conhecimento actual característico do homem. A

verdade é comum ao inteligível das coisas e à razão que conhece; é a verdade que torna inteligíveis as palavras, estabelecendo o nexos, no interior do homem, entre o seu significado e as coisas. O homem tem acesso à verdade, não por experiência sensível, nem por autónoma acção racional, mas por iluminação que provém da verdade suprema que existe no interior de cada homem. A positividade das palavras (XIII, 42): – revelam o íntimo de quem fala (mas, têm deficiências: a palavra como ocultação, a palavra como patologia moral); – a comunicação permite regressar ao interior para acordar coisas que não seriam conhecidas de outro modo (cfr. XIV, 45).

Metafísica do conhecimento: a iluminação tem a verdade como seu horizonte: **a)** a certeza do conhecimento é independente da experiência sensorial; **b)** tal conhecimento não é prévio na alma (rejeita a teoria da reminiscência) mas é presença de uma luz eterna no homem, tanto quanto ele é capaz de a receber. Assim, o conhecimento da verdade (eterna) resulta de uma progressiva e contínua descoberta na luz interior. A iluminação e participação do conhecimento nas verdades eternas.

A questão das verdades eternas: a “cristianização” da teoria das ideias de Platão: leitura e explicação da questão de S. Agostinho, *As ideias* (tradução incluída no texto de apoio 4). As ideias enquanto verdades eternas são fundamento da existência (modelos da criação) e do conhecimento (obtemos a certeza quando a elas acedemos por iluminação). Com a centralidade da Verdade (identificada com Deus) Agostinho transforma-a em princípio explicativo único e fundante da existência, do saber, da acção. Fora da interioridade contemplativa pela qual o homem acede à Verdade absoluta não há plenitude, não há certeza, não há felicidade.

→ Este tema liga-se quer ao tema 3 (porque implica uma solução realista para o problema dos universais, que será rejeitada por Abelardo), quer ao tema 4 (porque propõe a intuição como fonte da certeza, o que será rejeitado por Tomás).

4.3. Os universais, Abelardo

Aulas previstas: 5.

Autor a ler: Abelardo, *Lógica para principiantes* (excertos).

Principais conceitos: universal e indivíduo; três estados do universal; género e espécie; nome, conceito, coisa; *status*; as posições mais marcadas: realismo, nominalismo e posições intermédias.

A obra de leitura obrigatória está no texto de apoio 5.

O enunciar do “problema sem nome” em Porfírio: leitura do início da *Isagoge* e interpretação dos problemas de resposta adiada. O comentário de Boécio a Porfírio e a invenção de um velho problema (cfr. o realismo exemplarista de raiz platónica transmitido por *As ideias* de Agostinho, no texto de apoio 4). A solução de Boécio e a nomeação do problema da comunidade, com leitura das passagens sobre os universais. Questões terminológicas e problemas lógicos. Boécio como “realista moderado”: **a)** nega a realidade dos universais; **b)** afirma que os nossos conceitos gerais têm uma efectiva base na realidade (formamo-los por “divisão” ou “abstracção”). Os três estados do universal; *ante rem*, *in re*, *post rem*. Os universais e o problema da abstracção. A querela dos universais e o deslindar das relações entre coisa, linguagem e conhecimento, entre a simplicidade dos existentes, a comunidade de naturezas e a actividade do intelecto. Duas versões do problema dos universais: **1)** existem coisas que lhes correspondam?; **2)** apenas os termos ou também entidades extralinguísticas podem ser predicados de muitos? «Em ambos os casos a resposta afirmativa é realismo, a negativa é nominalismo» (P.V. Spade).

Abelardo e os universais: breve introdução ao autor e à sua obra lógica. O problema dos universais e a *Logica ingredientibus* como comentário à *Isagoge* de Porfírio. Explicação da estrutura dessa parte do texto (seguindo P.V. Spade). Leitura das passagens sobre os universais.

Leitura de Abelardo (*Glosas sobre Porfírio*, in *Lógica para principiantes* [*Logica “ingredientibus”*]). Mais do que nominalista, Abelardo é sobretudo um “não-realista” (J. Jolivet). Os universais são palavras, mas quando as usamos indicam um *status* «que não é uma coisa». O fundamento genérico dos nomes universais e das proposições hipotéticas eternamente verdadeiras é o mesmo: as ideias divinas

interpretadas como *status* (o que equivale ao platonismo, mas também ao não realismo de Abelardo).

A crítica das diversas soluções possíveis, como etapa para a construção por Abelardo da sua própria solução do problema dos universais: o «universal apenas pode ser atribuído às palavras», mas existe uma base universal para os termos universais: o *status*. A teoria do *status* constitui o nó da teoria dos universais de Abelardo. O *status* «não é uma coisa» [não realismo], não é predicado de muitos, também não é a ideia de uma coisa, é uma *quasi res*, o quase nome com cuja dimensão verbal se marca a plenitude de ser que faz o fundo de cada coisa. As divergentes interpretações de que tem sido alvo a teoria abelardiana do *status* (traduções: “estado”, “estatuto”, “condição”). «Os *status* genéricos e específicos são obra de Deus (único que pode concebê-los enquanto a inteligência engendradora no homem pelo nome universal permanece confusa). Deus, conhecendo todas as coisas antes que elas existam “distingue neles mesmos todos os *status*”» (J. Jolivet, cit. de Libera, *La querelle*, p. 149).

A querela dos universais devém um problema saturado, envolvido em todas as questões onde se discuta a relação entre a linguagem, o conhecimento e as coisas. A posteridade do problema dos universais nos séculos XIII e XIV: breves indicações sobre Duns Escoto e Guilherme de Ockham (cfr. excertos no texto de apoio 4), que já não discutem o problema no âmbito de “comentários” a Porfírio, mas sim em discussões independentes (“questões”) no âmbito de comentários sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo, texto chave para o ensino da Teologia.

→ Este tema liga-se ao tema 4, onde se propõe uma crítica do exemplarismo platónico e se afirma que todo o conhecimento é do universal, mas no homem começa pelo individual da sensação.

4.4. O conhecimento, Tomás de Aquino.

Aulas previstas: 5.

Autor a ler: Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, I, questões 84-89.

Principais conceitos: alma e corpo; ideias e conceitos; iluminação e experiência; intuição e abstracção.

A obra de leitura obrigatória está no texto de apoio 6.

Breve introdução ao estudo de Tomás de Aquino: estrutura e objectivos da *Suma de Teologia*. Homem e conhecimento na *Suma de Teologia*, I, qq. 75-89. O conceito de alma na filosofia antiga e medieval: a alma enquanto princípio explicativo da vida, do conhecimento e do agir humanos. Principais posições de Tomás quanto ao homem (o composto alma/corpo) e ao conhecimento (intelectivo mas adquirido por abstracção). A argumentação de Tomás e os fundamentos da física aristotélica: a mudança e as 4 causas; o duplo princípio de explicação da mudança e da subsistência: matéria e forma, potência e acto. A questão da verdade e a defesa da subsistência imaterial da alma humana porque capaz de conhecimento da verdade.

As posições aristotélicas de Tomás no domínio da explicação do conhecimento e as críticas a Platão. Leitura dos artigos 1 e 2 da Questão 84. As críticas ao materialismo pré-socrático e ao separacionismo das ideias em Platão. A busca de um princípio de inteligibilidade intrínseco nas coisas naturais. Conhecimento por abstracção e não por cópia material nem por intuição directa das essências.

Excurso: A oposição esquemática entre as posições filosóficas de Platão e Aristóteles está representada de um modo tradicional em *A Escola de Atenas* (1509-1510), fresco de Raffaello Sanzio (1483-1520) na Stanza della Segnatura (Vaticano), que pode ser visto em pormenor no site: → http://www.newbanner.com/AboutPic/athena/raphael/nbi_ath4.html

Esquematisação de elementos sobre o conhecimento. Teoria das faculdades e conhecimento: o intelecto é uma faculdade naturalmente disposta para a verdade (verdade = *adaequatio intellectus et rei*). É na resolução do modo de relação/união/ligação entre o sujeito e o objecto do conhecimento que se joga o problema da verdade deste. A abstracção: desde o individual sensoriado (a forma material) ao universal inteligido (ou espécie inteligível): – os sentidos externos e a apreensão da forma sensível; – os sentidos internos e a função dos fantasmas (ou formas inteligíveis em potência); – o intelecto e a espécie inteligível (ou inteligível em acto: não é a própria coisa, mas uma similitude da coisa). No homem o conhecimento nunca se efectua sem a presença no intelecto de espécies inteligíveis, pelas quais conhecemos as coisas que estão fora do intelecto (I. 85, a. 2). As

espécies não são co-naturais ao intelecto mas recebidas. Para tal são necessários dois contributos: os fantasmas ou imagens recebidas dos objectos sensíveis e também a luz natural do intelecto por cuja acção tiramos das imagens um conceito natural (I 12, a. 13). Conhecer é, em certo sentido, tornar-se (devir) a coisa conhecida, mas sem que o conhecente perca a sua integridade natural: é tornar-se a coisa conhecida permanecendo o que se é. Intencionalidade do conhecimento.

O objecto próprio do nosso intelecto é a quiddidade da coisa, e quanto a essa o intelecto não pode enganar-se (85, 6 início da sol.; e final de ad 3um), ou a conhece verdadeiramente ou a ignora de todo (I 17, 3; I 85, 7 final da sol.). O erro pode de facto ocorrer no intelecto, mas por acidente [isto é, não lhe é próprio ou conatural, nem lhe modifica a sua natureza ou ser]. O intelecto não erra na apreensão da essência da coisa, mas erra no juízo, na definição que dela dá, devido à composição (cópula) inapropriada que há nesta operação, erro que pode ser duplo: no uso de definições, na própria definição (85, 6 sol.).

O que é que o nosso intelecto conhece nas realidades materiais (q. 86). Finitude do intelecto humano: o intelecto não conhece directa e primacialmente o singular (art. 1), o intelecto não pode conhecer em acto o infinito, nem infinitas coisas (a. 2), o intelecto pode conhecer os contingentes e não apenas o necessário (a. 3), o intelecto não conhece o futuro por abstracção (art. 4).

Eu penso: individualidade do intelecto e do acto cognitivo (contra Averróis, Tomás rejeita a separação e universalidade do intelecto possível). A intencionalidade do conhecimento: relação entre a forma inteligível e a coisa exterior conhecida.

→ Este tema liga-se ao tema 5, que retira uma conclusão ética da actividade própria do intelecto humano.

4.5. A felicidade, Boécio de Dácia.

Aulas previstas: 4.

Autor a ler: Boécio de Dácia: *Sobre o bem supremo*.

Principais conceitos: A felicidade, fins do homem e bem último; a máxima felicidade e a filosofia.

A obra de leitura obrigatória está no texto de apoio 7.

Introdução a Boécio de Dácia (de quem se ignora quase tudo) e à Faculdade de Artes de Paris do terceiro quartel do séc. XIII como Faculdade de Filosofia. O curriculum aristotélico e a reivindicação de autonomia epistemológica para a Filosofia. O problema em discussão: a filosofia como técnica intelectual e disciplina ou a filosofia como modo de vida? A entrada da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles no meio universitário da Faculdade de Artes e suas consequências para a reflexão sobre a moral e os fins do homem. Em meados da segunda metade do século XIII a definição de um ideal de felicidade filosófica torna-se um dos traços distintivos dos mestres de artes parisienses (que simultaneamente contribuem para a transformação da filosofia em disciplina escolar), aos quais os teólogos se opunham com tenacidade, porque viam nessa pretensão não só um desafio à superioridade epistemológica e institucional da sua ciência, como a consideravam oposta à felicidade descrita na revelação cristã e por isso a anatematizaram, abrangendo-a, por exemplo, na condenação parisiense de 1277. No domínio filosófico, põe-se o problema de saber como é possível alcançar o desiderato de realizar a felicidade própria, i.e. máxima, ao homem (ou serão apenas a teologia e a revelação que lhe podem proporcionar?). A filosofia antiga é sobretudo um modo de viver, ou de aprender a viver, e menos uma orientação teórica e sistemática, entendendo-se desde logo que ao amante da sabedoria se oferecem diferentes modelos de vida (cfr. P. Hadot; Domanski). A filosofia propunha-se e era praticada como uma preparação existencial para a sabedoria, onde o discurso filosófico fazia ele próprio parte deste modo de vida, orientada para a busca da felicidade: «para o homem, nenhuma outra razão existe para filosofar senão a de ser feliz» (Agostinho, *Cidade de Deus*, XIX, 1, 3, ed. Gulbenkian, p. 1870). A emergência do cristianismo propõe-se ainda dentro deste regime como um certo modo de vida filosófico, assente na palavra revelada, que os apologetas mas também Agostinho, sob a influência das escolas filosóficas em que se haviam formado, definiram sobretudo como um modo de vida, orientado em algumas propostas para o abandono do corpo e do mundo (cfr. o monaquismo como prática social e individual, para a união ao divino pela oração e a contemplação). Para o cristianismo, o fim da existência humana é a contemplação de Deus, preceito que aponta um fim de beatitude, mesmo que se coloque para lá da vida terrena, sendo certo que para aquela deve tender toda a

acção humana, porque apenas os eleitos ainda nesta vida alcançarão o desiderato da contemplação pelo êxtase e a visão directa de Deus, contemplação essa que prefigura a que será possível face a face na vida futura. Um modelo desta elevação humana é oferecido pelo *Itinerário da mente para Deus* de Boaventura de Bagnoregio.

A via de Boécio de Dácia é outra: assenta na leitura de Aristóteles e na defesa da possibilidade de o homem realizar de modo máximo e independente a mais elevada das suas capacidades, o intelecto (o que de mais divino há no homem). Para Boécio «o supremo bem que é possível ao homem, segundo a faculdade especulativa do intelecto, é o conhecimento do verdadeiro (*cognitio veri*) e o deleite nele» e «o supremo bem possível ao homem, segundo o intelecto prático, é a acção que realiza o bem (*operatio boni*) e o deleite nele» para concluir: «como o supremo bem que é possível ao homem, é a sua felicidade (*beatitudo*), segue-se que o conhecimento do verdadeiro e a acção que realiza o bem e o deleite em um e outra são a felicidade do homem» (Boécio, *DsB*, §§ 4, 6, 7).

Boécio analisa as consequências da sua tese caracterizando a vida do filósofo e a volúpia do conhecimento da primeira causa. Depois de afirmar que a felicidade terrena se orienta para a felicidade futura (§ 11) e de fazer equivaler o ente primeiro dos filósofos e o Deus dos Santos (§ 28), retira consequências radicais quanto à superioridade do modo de vida filosófico: como o amor do filósofo pelo bem supremo é um amor supremo, segue-se que «o filósofo se deleita maximamente no primeiro princípio e na contemplação da sua bondade» (§ 30), concluindo então: «essa é a vida do filósofo e quem não a viver não tem uma vida recta», para definir o filósofo nestes termos «chamo filósofo todo o homem que vive segundo a recta ordem da natureza e que adquiriu o melhor e último fim da vida humana» (§ 31). A fórmula, apesar da cautela de Boécio que termina identificando o primeiro princípio com Deus criador, chocava porque fazia depender da prática filosófica (e não da fé ou da oração) a realização dessa *delectatio intellectualis* entendida como máxima felicidade possível ao homem.

A afirmação escandalosa da autonomia da filosofia será levada a sério pelos teólogos parisienses, que a condenarão em 1277, contestando em primeiro lugar as pretensões da filosofia, como contrárias às prerrogativas científicas da teologia e salvíficas da fé. Os âmbitos da condenação e a proximidade das posições de Boécio

de Dácia em *DSB* com as proposições 40 («não há estado mais elevado que ocupar-se da filosofia [*vacare philosophie*: ter ócio de ou com com a filosofia]»), 144 («todo o bem que é possível ao homem consiste nas verdades intelectuais») e 154 («apenas os filósofos são os sábios deste mundo») condenadas como contrárias à fé e à verdade no interdito de Paris. A Faculdade de Artes, onde se exercita um nova liberdade intelectual, é reconduzida aos seus limites como também o testemunham as discussões posteriores sobre o conhecimento e o homem.

Última aula

Discussão final para um balanço do percurso realizado. Para acabar com a “Idade das trevas”: a filosofia medieval e a modernidade: entre Nicolau de Cusa, Galileu e Descartes. Abertura à continuação de estudos: o programa de Filosofia Medieval II.

Informação sobre o exame final: estrutura, cotações e critérios de avaliação.

VI –Tábuas cronológicas e biográficas e Bibliografias

O enriquecedor crescimento recente dos estudos de Filosofia Medieval convida ao estabelecimento de um mapa orientador de leituras e percursos possíveis, necessariamente selectivo. Na sua organização e conteúdo, pretende evidenciar os instrumentos disponíveis para o estudo da Filosofia Medieval sendo, por isso, um instrumento à disposição do professor para a preparação do programa ou da leccionação, dele sendo extraídos alguns materiais e indicações de leitura e aprofundamento para os alunos, sobretudo para aqueles que pretendem realizar pequenos estudos de investigação sobre autores ou temas incluídos no programa, ou que pretendam mesmo alargar as suas pesquisas para lá do que aí é proposto.

Apesar da orientação para as obras gerais, o que se propõe a seguir não é a bibliografia da disciplina, nem se destina, em primeiro lugar, aos alunos, porque seria contraproducente e factor de confusão propor a estudantes do nível de iniciação uma lista desta natureza (embora possa ser disponibilizada para consulta na página web da disciplina, para os mais interessados). Pela mesma razão e para não o fazer crescer desmesuradamente, optou-se por não incluir secções temáticas sobre áreas, nomeadamente as de maior desenvolvimento na Idade Média: antropologia, epistemologia, lógica, metafísica, política, ou outras, nem sobre problemas filosóficos particulares como a alma, a linguagem, a natureza, o tempo e a eternidade, os transcendentais, os universais, etc., assim como não se incluíram secções sobre a filosofia nas diferentes ciências, como a teologia, a medicina, o direito, ou outras para as quais na Idade Média se reivindicava (ou recusava) estatuto de cientificidade, como a alquimia, a astrologia, a fisionomia, a magia. Incluíram-se secções e quadros bio-bibliográficos apenas sobre os mais representativos dos autores estudados e nesse âmbito surgem indicações sobre temas específicos, consoante os tratados no Programa.

Embora relativamente longa, esta bibliografia representa uma severa selecção relativamente ao numeroso trabalho académico recente sobre a Filosofia Medieval. De

todo o modo, a opção pelos instrumentos de pesquisa e obras de referência potencia a vantagem de, a partir deles, se poder facilmente chegar ao que, pelas razões referidas, teve que ser omitido.

Combinam-se aqui referências bibliográficas, tematicamente organizadas, e quadros histórico-cronológicos. Os quadros são um instrumento de referência rápida para a localização de autores e pretendem fornecer o elemento enquadrador e cronológico, de que as bibliografias, devido à sua própria natureza, carecem.

6.1. Geral

Quadro 1

Autores, épocas, obras e estilos, instituições e fontes

Breve sinopse de autores e obras. Note-se que, em geral, os últimos autores de cada século viveram e escreveram também no seguinte, assim como os primeiros de cada séculos, em geral, nasceram no anterior.

N.B.: Em itálico assinala-se a designação habitual do período. Os nomes de autores seguem tanto quanto possível uma ordem cronológica. Indicam-se os principais estilos literários, “criados” ou de uso mais intenso em cada período, bem como os principais contextos institucionais da filosofia.

Helenismo e Patrística

<i>Século / Anos</i>	<i>Épocas / Autores</i>	<i>Obras e estilos</i>	<i>Instituições</i>
I-VI	Helenismo —> Patrística —> Pais apostólicos Apóstolos, evangelistas Paulo de Tarso Apologistas gregos Quadratus Justino Taciano Atenágoras Teófilo de Antioquia Ireneu de Lião Hipólito Atanásio Dionísio pseudo-Areopagita <i>Escola de Alexandria</i> Clemente de Alexandria Orígenes <i>Capadócijs</i> Gregório de Nazianzo Basílio o Grande Gregório de Nissa Nemésio de Emesa Apologistas latinos Clemente de Roma Tertuliano Minúcio Félix Lactâncio	Filosofia greco-romana. Cristianismo. <i>Diatribes e tratadística.</i> <i>Comentários</i>	Escolas públicas. Comunidades e bispados
† c. 165			
c. 130-c.200			
† 235			
295-373			
s. V			
c. 150- † 215			
† 253/4			
† 390			
† 379			
† 394			
séc. IV-V			
† após 220			
séc. II-III			
c. 250-c. 325			

c. 260-c.327 339-397	Arnóbio Calcídio	—>	Trad. e coment do <i>Timen</i> de Platão (parte)
c.300-363 339-397	Mário Vitorino Afer Ambrósio de Milão	—>	Obras e traduções (perdidas)
c. 331-420 354-430 papa de 590-604	Jerónimo de Stridon Agostinho de Hipona Gregório Magno		

Idade Média latina

<i>Século / Anos</i>	<i>Épocas / Autores</i>	<i>Obras e estilos</i>	<i>Instituições</i>
VI c.480-525/6 c.540-604	Boécio (Severino) —> Gregório Magno	Obras + Trad. de Aristóteles e comentários ao <i>Organon</i>	Bispados, papado, mosteiros
VII †636 672/3-735	Isidoro de Sevilha Beda o venerável	<i>Enciclopedismo, Comentários Bíblicos</i>	Mosteiros
VIII-IX c.735-804 c.780-856 803-870 c.800-c.877 c.800-834 c.806-c.882	<i>Renascimento carolíngio</i> Alcuíno de York Hrabano Mauro Godescalco de Orbais João Escoto Eriúgena —> Fridegiso de Tours Hincmaro de Reims	Trad. de Dionísio e Máximo; Obras	Escola palatina Mosteiros
IX-X † 1003	Haymo Gerberto de Aurillac	<i>Comentários bíblicos</i>	Mosteiros
XI c.1000-c.1088 1007-1072 c.1003-1089 1033/4-1109	<i>A dialética em Teologia</i> Berengário de Tours Pedro Damiano Lanfranco de Pavia Anselmo de Cantuária	<i>Comentários, Tratados, Sermões</i>	Mosteiros
XII † 1121 1076-1154 1079-1142 c.1090-1153 1098-1179 c.1100-1160 † 1141 1075/80-1148 † post 1156 med. XII † post 1154 1130-1170 c.1123-1173 c.1135-1202 c.1120-1180 c.1120-1180 c.1120-1203 c.1070-c.1142 † c.1160 med. XII med. XII med. XII 1114-1187 fl. c. 1150 † c.1206/7	<i>O renascimento do séc. XII</i> Guilherme de Champeaux Gilberto Porreta (de Poitiers) Abelardo Pedro Bernardo de Claraval Hildegarda de Bingen Pedro Lombardo Hugo de S. Victor Guilherme de S. Teodorico Teodorico de Chartres Bernardo Silvestre Guilherme de Conches Joaquim de Flora Ricardo de S. Victor Ricardo de de S. Victor João de Salisbúria Alão de Lille Amalrico de Béna Adelardo de Bath —> Henrique Aristipo —> João de Sevilha (e Lima?) —> Gundissalino —> Hermano de Caríntia —> Gerardo de Cremona —> Alfredo de Sarashel —> Tiago de Veneza —>	<i>Glosas, Coment., Sumas e Súmulas, Sermões</i> Trad. arabo-latinas e obras próprias Trad. greco-latinas Trad. arabo-latinas e obras próprias Trad. arabo-latinas e obras próprias Trad. arabo-latinas e obras próprias Trad. arabo-latinas e obras próprias Trad. arabo-latinas e obras próprias Trad. greco-latinas (Platão: <i>Fédon</i> ,	Mosteiros. Escolas claustrais e urbanas. “Escolas” [informais] de tradutores

		<i>Ménon</i>	
XIII-XIV	<i>A escolástica</i>	<i>(Lógica, filosofia, teologia, ciência, enciclopédismo). Tratados, Comentários, Disputas, Sumas, Súmulas, Sermões etc.</i>	Universidades, <i>Studia</i> das ordens mendicantes. Corte. Mosteiros
c.1165-1236	Filipe o Chanceler		
1157-1217	Alexandre Neckam		
† 1231	Guilherme de Auxerre		
c.1175-c.1236	Miguel Escoto —>	(Trad. arabo-latinas) outras obras	
	Bartolomeu de Messina —>	(Trad. greco-latinas: ps.-Aristóteles)	
c.1170-1235	Roberto Grosseteste —>	Coment., tratados (Trad. gre-lat.: Aristóteles, Dionísio, etc.)	
1185/6-1245	Alexandre de Hales		
1200-1280	Alberto Magno		
1205-1277 ?	Pedro Hispano		
c.1200-c.1270	Guilherme de Shyreswood		
c.1217-1274	Boaventura de Bagnoregio		
c.1214-1292/4	Rogério Bacon		
c.1215-c.1286	Guilherme de Moerbeke —>	(Trad. greco-latinas: Aristóteles, Proclo, etc.)	
c.1225-1274	Tomás de Aquino		
fl. 1275	Boécio de Dácia		
c.1240-c.1284	Sigério de Brabante		
c.1217-1293	Henrique de Gand		
c.1243/7-1316	Egídio/Gil Romano		
1247/8-1298	Pedro João de Olivi		
c.1250-1306/9	Godofredo de Fontaines		
c. 1255-1308	Tiago de Viterbo		
c.1260-1306	João de Paris		
c.1265/6-1308	João Duns Escoto		
c.1330-1396	Marsílio de Inghen		
c.1233/5-1315	Raimundo Lúlio		
c.1250-c.1310	Teodorico de Freiberg		
c.1260-1327	Mestre Eckhart de Hoheim	<i>Obras em latim e em vernáculo</i>	
1265-1321	Dante Alighieri	<i>Obras em latim e em vernáculo</i>	
c.1275-1342/3	Marsílio de Pádua		
c.1280-1322	Pedro Auréolo		
c.1285-1328	João de Jandun		
c.1287-1347/8	Guilherme de Ockham		
c.1290-1349	Roberto Holcot		
c.1298-1358	Adão de Wodeham		
c.1300-1358	Gregório de Rimini		
c.1300-c.1358	João Buridano		
c.1300-1369	Nicolau de Autrecourt		
c.1316-1390	Alberto de Saxónia		
c.1325-1382	Nicolau Oresme	<i>Comentários a Aristóteles em vernáculo</i>	
c.1325-c.1375	João de Ripa		
c.1335-1384	João Wiclíf		
1350-1420	Pedro de Ailly		
XV			Universidade. Corte
c.1368-1429	Paulo Nicoletti de Veneza		
1369-1444	Leonardo Bruni		
1380-1459	Poggio Bracciolini		
1395-1484	Jorge Trebizondo	<i>Tratados e traduções de Platão, Aristóteles, Padres da Igreja, etc.</i>	
1395-1460	Heimérico de Campo		
1401-1464	Nicolau de Cusa		
1407-1457	Lorenzo Valla		
1420-1499	João Versor		
?-c.1485	Nicoletto Vernia		
1433-1499	Marsílio Ficino		
1462-1525	Pietro Pomponazzi		
1469-1527	Maquiavel		

1466/9-1536	Erasmus de Roterdão		
-------------	---------------------	--	--

O pensamento árabe medieval

* = autores traduzidos para latim na Idade Média

<i>Data</i>	<i>Autores / Épocas</i>	<i>Obras e estilos</i>	
† c. 870 c.870-950 980-1037 1058-1111 1126-1198	Al-Kindi * Alfarábio (Al-Farabi) * Avicena (Ibn Sina) * Algazel (Al-Gazali) * Averroís (Ibn Rushd) *	Traduções greco-síriacas, síriaco-árabes Tratados, comentários	

O pensamento hebraico medieval

* = autores traduzidos para latim na Idade Média.

<i>Data</i>	<i>Autores / Épocas</i>		
892-942 c.855-c.955 1021-1057-8 c.1138-1204 1288-1344	Saadiyah Gaon Isaac Israelita * Avicembrão (Avencebrol; Ibn Gabirol) * Maimónides * Gersónides (Levi ben Gershom) *	Traduções arabo-hebraicas, latino-hebr. Tratados, comentários	

Outras cronologias da filosofia:

Timeline of Western philosophers → <http://www.answers.com/topic/timeline-of-western-philosophers>

I. Obras de referência

a) Grandes colecções de textos

Biblioteca de Autores cristianos, La editorial Católica, Madrid 19...-seg. [publica textos e autores de diversas temáticas e épocas, onde se incluem autores medievais em edições bilingues latim-castelhano].

Classical and Medieval Logical Texts, British Academy, London 1978-seg. [c. de 8 vol. publicados; texto latino com aparato crítico, com tradução defronte, e notas de comentário]

Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis [CC-CM], ed. Brepols, Turnhout 1971-segg. [Biblioteca fundada por E. Dekkers, com o objectivo de dar continuidade à *Series latina*; actualmente inclui textos latinos medievais não cristãos, v.g. *Hermes latinus*] [versão electrónica em *Library of Christian Latin Texts*, infra].

Corpus Christianorum. Series Graeca [CC-SG], ed. Brepols, Turnhout 19...-segg. [Biblioteca fundada por E. Dekkers, com o objectivo de publicar todos os autores patrísticos gregos em novas edições críticas, inclui as edições latinas de alguns desses textos].

Corpus Christianorum. Series Latina [CC-SL], ed. Brepols, Turnhout 1953-segg. [Biblioteca fundada por E. Dekkers, com o objectivo de publicar todos os autores patrísticos em novas edições críticas]. [versão electrónica em *Library of Christian Latin Texts*, infra].

Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum [CSEL], Wien 1866-seg.

Oxford Medieval Texts [OMT], Oxford University Press, Oxford 1965-seg. [c. de 60 volumes publicados]

Library of Christian Latin Texts – CETEDOC, Universitas Catholica Lovaniensis — Brepols, Lovanii Novi — Turnhout 1993 (3ª ed.) [Edição electrónica em 2 CD-ROM das duas séries do *Corpus Christianorum*, mas que inclui textos de outras grandes colecções como Plsupp, CSEL e SC, para além da *S. Bernardi opera omnia* e da Bíblia vulgata latina, bem como versões latinas medievais de autores não cristãos, v.g. Avinena].

Patrologiae cursus completus, series Graeco-latina [PG], a J.-P. MIGNE edita, 165 vol., Paris 1857-1886.

Patrologiae cursus completus, series Latina [PL], a J.-P. MIGNE edita, 221 vol., Paris 1844-1864 [Literatura latina de Tertuliano a Inocência II (séc. XII), os dois últimos volumes com índices; agora disponível em 5 CD-ROM: *Patrologia Latina Database* [PLD], ed. Chadwick-Healey, London 1993].

Patrologiae cursus completus, series latina, supplementum [PLsupp], accurate A. HAMMAN, 4 vol., Paris 1958-1971.

Sources Chrétiennes [SC], Ed. du Cerf, Paris 1942-seg.

Toronto Medieval Latin Texts [TMLT], Toronto 1972-seg. [para evitar a sobrecarga de aparatos críticos, a série privilegia a edição de um testemunho manuscrito, cfr. Prefácio do 1º vol.].

a1) Colecções de autores por nações

Auctores Britanici Medii Aevi [ABMA], British Academy, London 1968-seg. [c. de 14 vol. publicados].

Auctores Teutonici Medii Aevi [ATMA].

Corpus Philosophorum Danicorum Medii Aevi [ADMA].

Scriptores latini Hiberniae [SLH], School of Celtic — Dublin Institute for Advanced Studies, Dublin, 1955-seg. [14 vol publicados; ed. bilingues e comentário].

b) Bibliografias e actualização bibliográfica

Em português existe um útil guia temático-bibliográfico da Filosofia Medieval (CARVALHO 1997 --> b2), que é aconselhado aos alunos.

b1) da Idade Média em Geral

Année Philologique. Bibliographie critique et analytique de l'antiquité greco-latine, Paris, 1 (1928) — . [Abrange a patrística e os autores até ao séc. VIII].

BERLIOZ, Jacques et coll., *Identifier sources et citations* (L'atelier du médiéviste, 1), Brepols, Turnhout 1994.

Bibliographie annuelle du Moyen Age tardif. Auteurs et textes latins vers 1200-1500, 1 (1991)-seg. [Ed. Brepols, Turnhout; compilada pelo IRHT de Paris, redigida em coordenação e como complemento de Medioevo latino].

Cahiers de civilisation médiévale. Xe-XIIIe siècles, 1 (1958) — seg. [Desde 1969 publica um suplemento bibliográfico por ano, relativo aos séculos X-XII].

CANTELLI BERARDUCCI, Silvia, «Bibliografia della letteratura mediolatina», in: dir. CAVALLO, G — LEONARDI, C. — MENESTÒ, E. *Lo spazio letterario del medioevo, 1. Il medioevo latino*, vol. V: *Cronologia e bibliografia della letteratura mediolatina* (pp. 281-725), Salerno editrice, Roma, 1998.

Collectanea franciscana, Roma, 1 (1931) – . [Resenhas de edições e estudos sobre autores franciscanos].

International Medieval Bibliography, Leeds, 1 (1968) – . [Abrange o período c. 450-1500, agora parcialmente disponível em CD-ROM, que será actualizado até cobrir a totalidade dos vol. publicados, Ed. Brepols, Turnhout].

MANTELO, F.A.C. – RIGG, A.G. (eds.), *Medieval Latin. An Introduction and Bibliographical Guide*, The Catholic University of America Press, Washington D.C. 1997.

Medioevo latino. Bolletino bibliografico della cultura europea dal secolo VI al XIII, Spoleto, 1 (1980)-seg.; a partir do vol. 15 (1995) alargou o seu âmbito passando a ter como subtítulo *Bolletino bibliografico della cultura europea da Boezio a Erasmo (secoli VI-XV)*, desde o vol. XIX (1998) é publicado em Florença [Boletim bibliográfico anual, compilado pela SISMELE de Florença e seus colaboradores, onde é assinalada a bibliografia publicada em cada ano (em geral acompanhada por sínteses de conteúdo); com secções dedicadas aos autores e obras anónimas, às diferentes disciplinas, entre elas as artes do *trivium* e do *quadrivium*, da filosofia e teologia, lógica, géneros literários, instituições, cultura e espiritualidade, história da medievística, obras de consulta, e índices que a tornam um indispensável instrumento de pesquisa. Existe uma edição electrónica em CD-ROM].

Répertoire bibliographique de la philosophie, 1 (1949) – seg. [Revista, 4 fasc. por ano].

b2) da Filosofia Medieval

Bibliographie internationale de la philosophie [revista quadrimestral].

Bulletin de théologie ancienne et médiévale, Abbaye du Mont César / Louvain-la-Neuve, 1 (1929) – 63 (1996) [Complemento bibliográfico das *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, supenso em 1997 quando esta revista passou a intitular-se *Recherches de théologie et de philosophie médiévales*].

«Bulletin d'histoire des doctrines médiévales», *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 52 (1968)-seg. [Até 1993 foi elaborado por Louis-Jacques Bataillon, altura em que passou a ser elaborado por E.-H. Wéber para o período “De saint Anselme à Maître Eckhart” e por Zénon Kaluza para “Les XIVe et XVe siècles”].

«Bulletin de logique médiévale», *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, vol. 69, 71, 76 [Da autoria de A. de Libera, de publicação irregular].

«Bulletin de philosophie médiévale», *Archives de philosophie*, 60 (1997)-seg. [Compilado no âmbito do “Centre d'histoire des sciences et des philosophies arabes et médiévales” da École Pratique des Hautes Études de Paris, publicado no fasc. 3 de cada ano dos *Archives*].

CARVALHO, Mário Santiago de, *Roteiro temático-bibliográfico de Filosofia Medieval* (Textos pedagógicos e didácticos, 6), Ed. Colibri – Faculdade de Letras de Coimbra, Lisboa 1997.

FLØISTAD, G. – KLIBANSKY, R. (ed.), *Philosophy and Science in the Middle Ages*, 2 t. (Contemporary Philosophy. A new Survey, 6) Kluwer Ac. Publ., Dordrecht 1990.

LANDGRAF, Arthur Michael, *Introduction à l'histoire de la littérature théologique de la scholastique naissante*, ed. française par A.-M. Landry, trad. L.-B. Geiger (Publications de l'Institut d'études médiévales, 22), Institut d'études médiévales – Librairie philosophique J. Vrin, Montréal – Paris 1973. [sobre a literatura do séc. XII].

Rassegna di letteratura tomistica, Roma-Napoli, 1 (1966)-29 (1993). [Resenhas de edições e estudos sobre Tomás de Aquino, seus contemporâneos e a tradição tomista].

- SCHULTHESS, Peter – IMBACH, Ruedi, *Die Philosophie im Mittelalter. Ein Handbuch mit einem bibliographischen Repertorium*, Artemis und Winckler, Zürich–Düsseldorf 1996 [pp. 16-349: História da filosofia medieval, com bibliografia; pp. 354-605: cerca de 600 fichas bio-bibliográficas, de Alcuíno a Nicolau de Cusa].
- TOTOK, W., *Handbuch der Geschichte der Philosophie*, II: *Mittelalter und Frühe Neuzeit*, V. Klostermann Verlag, Frankfurt a. M. 1970.
- UEBERWEG, Friedrich, *Grundriss der Geschichte der Philosophie*, vol. 2: *Die patristische und scholastische Philosophie*, Hrg. Bernhard Geyer, Schwabe & Co., Basel 1967. [nova edição em curso, estando previstos para a Idade Média quatro volumes, o primeiro com dois tomos].
- VASOLI, Cesare, *Il pensiero medievale*, (Orientamenti bibliografici), Laterza, Bari 1971.

c) Repertórios de autores

- BUCHWALD, Wolfgang – HOHLWEG, Armin – PRINZ, Otto, *Dictionnaire des auteurs grecs et latins de l'Antiquité et du Moyen Age*, trad. J.D. Berger et J. Billen, Brepols, Turnhout 1991 [Trad. revista e actualizada de *Tusculum: Lexicon griechischer und lateinischer Autoren des Altertums und Mittelalters*, Artemis Verlag, München 1948].
- Clavis Patrum Graecorum*. Cura et studio M. GEERARD. Vol I-V., ed. Brepols, Turnhout 1983-1987.
- Clavis Patrum Latinorum qua in Corpus christianorum edendum optimas quasque scriptorum recensiones a Tertulliano ad Bedam*, cur. E. DEKKERS, adiuv. E. GAAR (CC-SL) ed. Brepols – Sint Petersabdij, Turnhout – Steenbrugge 1995 (3ª ed.).
- GLORIEUX, Palémon, *Répertoire des maîtres en Théologie de Paris au XIIIe siècle*, 2 vol., (Études de philosophie médiévale 17 e 18), Vrin, Paris 1933-1934.
- *La Faculté des Arts et ses maîtres au XIIIe siècle* (Études de philosophie médiévale, 59), Vrin, Paris 1971.
- GOULET, Richard (dir.), *Dictionnaire des philosophes antiques*, vol.I d'*Abam(m)on à Axiothéa*; vol. II de *Babélyca d'Argos à Discolius*, Ed. du CNRS, Paris 1994. [Em curso de publicação]
- LARUE, R. (dir.), G.VINCENT – B. St-ONGE (coll.), *Clavis scriptorum graecorum et latinorum. Répertoire des auteurs grecs et latins...*, 4 vol., Université du Québec à Trois-Rivières, Québec 1985.
- LOHR, Charles, *Commentateurs d'Aristote au Moyen Age latin. Bibliographie de la littérature secondaire récente* (Vestigia 2) Ed. Universitaires de Fribourg – Ed. du Cerf., Fribourg – Paris 1988.
- PATAR, Benoît, *Dictionnaire abrégé des philosophes médiévaux*, Les presses philosophiques, Cap-Saint-Ignace (Québec) 2000.
- PATAR, Benoît, *Dictionnaire des philosophes médiévaux*, Les presses philosophiques, Cap-Saint-Ignace (Québec) 2006.
- Repertorium fontium historiae medii aevi*, Istituto Storico Italiano per il Medioevo, Roma 1962-seg. (em curso de publicação)
- SCHÖNBERGER, Rolf – Brigitte KIBLE, *Repertorium edierter Texte des Mittelalters aus dem Bereich der Philosophie und angrenzender Gebiete*, Akademie Verlag, Berlin 1994.
- SCHULTHESS, Peter – IMBACH, Ruedi, *Die Philosophie im Mittelalter. Ein Handbuch mit einem bibliographischen Repertorium*, Artemis und Winckler, Zürich–Düsseldorf 1996 [pp. 354-605: cerca de 600 fichas bio-bibliográficas, de Alcuíno a Nicolau de Cusa].
- STEGMÜLLER, F., *Repertorium commentariorum in Sententias Petri Lombardi*, 2 vol., Würzburg 1947.

Suplemento: DOUCET, Victor, «Commentaires sur les Sentences. Supplément au répertoire de M. F. Stegmüller», *Archivum Franciscanum Historicum* 47 (1954) [existe uma edição em separata].

— *Repertorium Biblicum Medii Aevi*, 9 vol., CSIC, Madrid 1950-1980.

WEIJERS, Olga, *Le travail intellectuel à la Faculté des Arts de Paris: textes et maîtres (c. 1200-1500)*, fac. 1: A-B; fac. 2: C-F; fasc. 3: G; fasc. 4. (Studia artistarum, études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales, 1, 3), Brepols, Turnhout 1994- .

Grã-Bretanha e Irlanda

SHARP, Richard, *A Handlist of Latin Writers of Great Britain and Ireland Before 1540* (Publications of the Journal of Medieval Latin, 1) Brepols, Turnhout 1997.

Países Baixos (Holanda, Bélgica)

MACKEN, Raymond, *Medieval Philosophers of the Former Low Countries. Vol. I: Bio-Bibliography*, vol. II: *Catalogue*, Ed. Medieval Philosophers of the Former Low Countries, Leuven 1998.

Península Ibérica

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel Cecilio, *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, Ed. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1959.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel Cecilio, – NASCIMENTO, Aires Augusto – DÍAZ DE BUSTAMANTE, José Manuel – GONÇALVES, M.I. Rebelo – LÓPEZ PEREIRA, J.E. – SANTO, A. Espírito, *HISLAMP4. Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi. Autores latinos peninsulares da época dos descobrimentos (1350-1560)*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses-Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1993.

d) Dicionários e enciclopédias

Para além dos dicionários de Filosofia sobre a Idade Média, os filósofos e temas deste período são tratados em outras obras de referência, nomeadamente as que se ocupam de religião ou história do cristianismo.

d.1) Gerais

Dictionary of the Middle Ages, dir. J.R. STRAYER, 13 (+1) vol., Scribner's & Sons, N.-York 1982-1989.

Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire, 16 vol., Beauchesne, Paris 1937-1997.

Dictionnaire de théologie catholique, 30 vol., Ed. Letouzey, Paris 1903-1972.

Dictionnaire du Moyen Âge, dir. Claude GAUVARD – Alain de LIBERA – Michel ZINK, (Quadrige), PUF, Paris 2002.

Enciclopedia filosofica, 6 vol., G.S. Sansoni ed., Firenze 1968 (2ª ed.; nova ed. em preparação).

Encyclopédie philosophique universelle, 4 vol., dir. A. JACOB. Vol. I: *L'univers philosophique*; Vol. II: *Les notions*; Vol. III: *Les oeuvres* [período medieval no t. 1], vol. IV: *Les textes*; PUF, Paris 1989-1998.

Lexikon des Mittelalters, 10 vol., Artemis Verlag, München-Zurich, 1977-1999. [Autores e termos].

Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia (5 vol.), Ed. Verbo, Lisboa 1989-1992.

Le Moyen Age. Dictionnaire des lettres françaises, Éd revue et mise à jour, dir. de G. HASENOHR – M. ZINK, Fayard, Paris 1992 (1.^e éd. Paris 1964, dir. de R. Bossuat – L. Pichard – G. Raynaud de Lage).

Routledge Encyclopedia of Philosophy, 10 vol. e CD-ROM, London – New York, 1998.

The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta (ed.), → <http://plato.stanford.edu/>

d.2) Dicionários de autores e de obras

Dictionnaire des philosophes, dir. Denis HUISMANN, PUF, Paris 1993 (2^a ed.).

Dictionnaire des philosophes antiques, dir. R. GOULET, Ed. du CNRS, Paris 1989- (5 vol. publicados) [abrange autores até Boécio].

Encyclopedia of Religious and Philosophical Writings in Late Antiquity. Pagan, Judaic, Christian, Jacob Neusner – Alan J. Avery-Peck (eds.), E.J. Brill, Köln – New York 2007 [de Alexandre o Grande até Maomé].

Medieval Philosophers, ed. by Jeremiah HACKETT, (Dictionary of Literary Biography, vol. 115) Gale Research Inc., Detroit – London 1992.

PATAR, Benoît, *Dictionnaire des philosophes médiévaux*, Éditions Fides – Presses philosophiques, Friesens (Québec) 2006 (anterior edição: *Dictionnaire abrégé des philosophes médiévaux*, Les presses philosophiques, Cap-Saint-Ignace 2000).

d.3) Dicionários de conceitos

Dictionnaire raisonné de l'occident médiéval, dir. Jacques LE GOFF – Jean-Claude SCHMITT, Fayard, Paris 1999 (trad.: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, 2 vol., EDUSC, São Paulo 2002).

Historisches Wörterbuch der Philosophie, 12 vols., ed. J. RITTER et al., Schwabe & Co., Basel 1971-2005.

Vocabulaire européen des philosophies. Dictionnaire des intraduisibles, dir. B. CASSIN, Paris, Seuil – Le Robert, 2004.

d) Revistas

Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age, Paris 1 (1925) –.

Bochumer philosophisches Jahrbuch für Antike und Mittelalter, 1(1996) –

Bulletin de philosophie médiévale 1 (1964) – [órgão da SIEPM].

Cahiers de l'Institut du Moyen Age grec et latin, Copenhague, 1 (1969) –.

Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale [Rivista della SISMEL, Firenze], Spoleto, 1 (1990) – [em 1996 passou a ser editada em Firenze, com o sub-título: *An international journal of the philosophical tradition from the late Antiquity to the Late Middle Ages of the Società Internazionale per lo Studio del Medioevo latino*] [Em 1998 não foi publicado qualquer vol.; Editor: vol. 1-7: CISAM, Spoleto; 8: Brepols, Turnhout; 9 e seg.: Ed. del Galuzzo, Firenze].

Medievalia. Textos e estudos, Revista do Gabinete de Filosofia Medieval, Ed. Fundação Eng. António de Almeida, Porto: 1 (1992)– [Ed. da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desde o vol. 17-18 (2000)].

Medieval Philosophy and Theology, 1 (1991) – [Ed. da University of Notre Dame Press. A partir do vol. 6 (1996) publicada pela Cambridge University Press].

- Medieval Studies*, Toronto, 1 (1939) –.
- Medievalia et Humanistica*, The Medieval and Renaissance Society, Maryland, 1 (1943) –.
- Medioevo. Rivista di Storia della Filosofia Medievale* Antenore, Padova, 1 (1975) –.
- Medioevo e Rinascimento*, [Anuario del Dipartimento di studi sul Medioevo e il Rinascimento dell'Università di Firenze] Firenze, 1 (1986) – [nova série desde 1990].
- Medium Aevum*, Oxford, 1 (1932) –.
- Micrologus. Natura, scienze e società medievali*, Società Internazionale per lo studio del Medioevo latino, Firenze / Ed. Brepols, Turnhout, 1 (1993)-seg.
- Patristica et Mediaevalia*, Buenos Aires, 1 (1975) –.
- Quaestio. Annuario di storia della metafisica*, Turnhout, 1 (2000) –.
- Recherches de théologie ancienne et médiévale*, Leuven, 1 (1929) – 63 (1996) [em 1997 passou a ser editada com o título: *Recherches de théologie et de philosophie médiévales*].
- Recherches de théologie et de philosophie médiévales*, 64 (1997) – [publicada até 1996 com o título: *Recherches de théologie ancienne et médiévale*].
- Revista Española de Filosofía Medieval*, Sociedad Española de Filosofía Medieval, Zaragoza, 0 (1993)-seg.
- Revue du Moyen Age latin*, Strasbourg, 1 (1945) –.
- Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, Le Saulchoir, Paris, 1 (1907) –.
- Revue Philosophique de Louvain*, Louvain-la-Neuve, 1 (1946) Anteriormente publicada com o título *Revue néo-scholastique de philosophie*, 1 (1910) – 27 (1946), a qual antes tinha tido o título *Revue néo-scholastique*, 1 (1894)-16 (1909).
- Speculum*, Cambridge (USA), 1 (1926) –.
- Studi medievali*, CISAM, Spoleto, Serie I: 1 (1904-1905) – 4 (1912-1913); Nuovi studi medievali: 1 (1923)- 3 (1926-1927; Nuova serie: 1 (1928) 18 (1952); Serie terza: 1 (1960) – seg.; dois vol. de índices: 1960-1979 (em 1981, X-335 pp.), 1980-1989 (em 1991, IX-136 pp.)
- Traditio. Studies in ancient and medieval history, thought and religion*, New York, 1 (1943) –.
- Viator*, Los Angeles, 1 (1970) –.
- Vivarium. An International Journal for the Philosophy and Intellectual Life of the Middle Ages and Renaissance*, Van Gorp, Assen, 1 (1962)-seg [passou depois a ser publicada por E.J. Brill, Leiden].

e) Grandes colecções de estudos

- Ancient and Medieval Philosophy – De Wulf-Mansion centre, Leuven University Press, Leuven.
- Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters [BGPTM], Aschendorf, Münster i. W., 1891- [Fundada por Clemens BAEUMKER, continuada por Martin GRABMANN e outros].
- Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters, Neue Folge [BGPTM-NF], Aschendorf, Münster i. W., 1970-seg. [[dir. Por Ludwig Hödl e Wolfgang Kluxen]
- Bibliothèque Thomiste [BTh], Vrin, Paris [colecção fundada por E. Gilson].
- Education and Society in the Middle Ages and Renaissance [ESMAR], E.J. Brill, Leiden 1992-seg.
- L'Eredità medievale, Jacka Book, Milano 1995-seg.

- Études de philosophie médiévale [EPHM], Vrin, Paris [coleção fundada por E. Gilson].
- Medieval Studies [MS], Toronto.
- Miscellanea Mediaevalia [MM], Walter de Gruyter, Berlin – New York, 1962-seg.
- Philosophes médiévaux [PhM], Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie – Ed Peeters, Louvain-la-Neuve – Paris, 1948 e seg.
- Publications de l'Institut d'Études Médiévales [PIEM] (Université de Montréal), Vrin – Université de Montréal, Paris – Montréal.
- Recherches de théologie ancienne et médiévale [RThAM]– Supplementa, Leuven University Press, Leuven.
- Settimane di studio del Centro italiano di studi sull'alto medioevo, Centro italiano di studi sull'alto medioevo, Spoleto, 1954 e seg.
- Sic et Non, Vrin, Paris 1993-seg. [coleção fundada e dirigida por Alain de Libera].
- Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters [STGM], Brill, Leiden – New York – Köln.
- Toronto Medieval Latin Texts [TMLT].
- Veröffentlichungen des Grabmann-Instituts [VGI].
- Veröffentlichungen des Grabmann-Instituts – Neue Folge [VGI-NF], Schöningh Verlag, Paderborn.

II. *Histórias da Filosofia Medieval*

- AAVV, *A Filosofia Medieval, do séc. I ao século XV*, vol. 2 de CHÂTELET, François (dir.), *História da filosofia, ideias, doutrinas*, Ed. D. Quixote, Lisboa 1974.
- ARMSTRONG, A.H. (ed.) *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1967.
- BECKMAN, Jan P. – HONNEFELDER, Ludger – SCHRIMPF, Gangolf – WIELAND, Georg (Hrsg.), *Philosophie im Mittelalter. Entwicklungslinien und Paradigmen*, Felix Meiner Verlag, Hamburg 1987.
- BOEHNER, Philotheus – GILSON, Étienne, *História da filosofia cristã. Desde as origens até Nicolau de Cusa*, trad. Raimundo Vier, Ed. Vozes, Petrópolis 1970.
- BURNS, J.H. (ed.), *The Cambridge History of Medieval Political Thought, c. 350 – c. 1450*, Cambridge University Press, Cambridge 1988.
- CALAFATE, Pedro (dir.), *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*, Ed. Caminho, Lisboa 1999 [aconselha-se a 2ª ed.: Círculo de Leitores, Lisboa 2002].
- CARVALHO, Mário Santiago de, *A síntese frágil: uma introdução à filosofia (da Patrística aos Conimbricenses)*, (col. Forum de ideias, 13) Ed Colibri, Lisboa 2002.
- COPLESTON, F.C., *A History of Medieval Philosophy*, Methuen & Co., London 1972 (reimpr 1980).
- COULOUBARITSIS, Lambros, *Histoire de la philosophie ancienne et médiévale: figures illustres*, (Le Collège de philosophie) Bernard Grasset, Paris 1998. –
- D'ONOFRIO, Giulio (dir.), *Storia della teologia nel medioevo*, 3 vol., Piemme, Casale Monferrato 1996.
- DE RIJK, L.M., *La philosophie au Moyen Age*, trad. P. Swiegers, E.J. Brill, Leiden 1985.
- DE WULF, Maurice, *Histoire de la philosophie médiévale*, 3 vol., Paris 1934-1947.

- FLASCH, Kurt, *Das Philosophische Denken im Mittelalter. Von Augustin zu Machiavelli* (Universal-Bibliothek, 8342) Reclam Verl., Stuttgart 1986.
- FLASH, Kurt, *Introduction à la philosophie médiévale*, trad. J. Bourgknecht (Vestigia, 8) Ed. Universitaires -Ed. du Cerf, Fribourg-Paris 1992 [Tit. orig.: *Einführung in die Philosophie des Mittelalters*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt 1987].
- FUMAGALLI BEONIO BROCHIERI, Mariateresa – PARODI, Massimo, *Storia della filosofia medievale. Da Boezio a Wyclif* (Manuali Laterza) Roma-Bari 1989 (reed. na col. Economica, Laterza, Bari 1996).
- GILSON, Etienne, *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, Sheed and Ward, London 1955.
- GILSON, Etienne, *La philosophie au Moyen âge, des origines patristiques à la fin du XIV^e siècle*, Payot, Paris, 1947 (3^a ed.); trad.: *A filosofia na Idade Média*, trad. E. Brandão, Martins Fontes, S. Paulo 1995.
- GRABMANN, Martin, *Die Geschichte der scolastischen Method*, 2 vol., Freiburg i.B. 1909-1911 (trad. ital. *Storia del metodo scolastico*, Firenze 1970).
- GRACIA, Jorge – NOONE, Timothy B. (eds.), *A Companion to Medieval Philosophy*, (Blackwell Companions to Philosophy) Blackwell Publishers, Oxford 2002.
- HAURÉAU, Barthélemy, *Histoire de la philosophie scolastique*, 2 vol., Paris 1872-1880 (reprint. Minerva, Frankfurt a.-M. 1996).
- HEINZMANN, Richard, *Philosophie des Mittelalters*, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart-Berlin-Köln 1992 (trad. cast.: *Filosofía de la Edad Media*, trad. Víctor M. Herrera, Col. Curso fundamental de filosofía 7, Herder, Barcelona 1995).
- JEAUNEAU, Édouard, *La philosophie médiévale* (Que sais-je?, 1044) PUF, Paris 1963. Trad. port.: *A Filosofia Medieval*, trad. J.A.Santos, (Biblioteca básica de filosofia, 6) Ed. 70, Lisboa 1980.
- JOLIVET, Jean, *La philosophie Médiévale en Occident*, in PARAIN, B. (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. 1 (Encyclopédie de la Pléiade) Ed. Gallimard, Paris 1969, pp. 1198-1563, 1717-1726.
- KNOWLES, David, *The Evolution of Medieval Thought*, rev. ed. by D. LUSCOMBE and C.N.L. BROOKE, Longman, London 1988 [1^a ed. 1962].
- KOBUSCH, Theo (hrg.), *Philosophen des Mittelalters*, Primus, Darmstadt 2000; trad. bras.: *Filósofos da Idade Média. Uma introdução*, trad. Paulo Astor Soethe, Editora Unisinos, São Leopoldo 2003.
- KRETZMANN, N. – A. KENNY – J. PINBORG (eds.), E. STUMP (coll.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982.
- LIBERA, Alain de, *La philosophie médiévale*, (Premier Cycle) P.U.F., Paris 1993 (trad. Brasil: *A filosofia medieval*, trad. Nicolás N. Campanário, Yvone M.C.T. da Silva, Ed. Loyola, São Paulo 1998).
- LIBERA, Alain de, *La philosophie médiévale*, (Que sais-je 1044) P.U.F., Paris 1989 1^a ed., 1993 2^a ed. (trad. Brasil: J. Zahar Ed., Rio de Janeiro 1989).
- LUSCOMBE, David, *Medieval Thought*, (Opus. Series: A History of Western Philosophy, 2) Oxford University Press, Oxford 1997 (trad. Port.: *O pensamento medieval*, trad. de Lucília Rodrigues, (Forum da história) Ed. Europa-América, Mem Martins 2000).
- MARENBOON, John (dir.), *Medieval Philosophy*, (History of Philosophy, vol. III) Routledge, London 1995.

- MARENBO, John, *Early Medieval Philosophy (480-1150). An Introduction*, Routledge, London 1983.
- MARENBO, John, *Later Medieval Philosophy (1150-1350). An Introduction*, Routledge, London 1987.
- MAURER, Armand, *Medieval Philosophy*, Pontifical Institut of Medieval Studies, Toronto 1982 (2nd ed.).
- MCGRADE, A.S. (ed.), *The Cambridge Companion to Medieval Philosophy*, (Cambridge Companions) Cambridge University Press, Cambridge 2003.
- NEVES, A.J. de Gouvêa, *História da Filosofia Medieval*, vol. I: *Desde as origens patrísticas até ao período do apogeu da escolástica*, vol. II: *Desde o período do apogeu da escolástica até ao fim da Idade Média. Com um estudo sobre o pensamento filosófico português nos séculos XIII-XV*, (Biblioteca Histórico-filosófica) ed. do A., Porto 1967, 752 pp. [esquemático e superficial, com abundantes erros. A consultar como curiosidade].
- NORMORE, C., *Late Medieval Philosophy*, Westview Press, Boulder 1999.
- PEREIRA, Michela (dir.), *Manuale di Filosofia Medievale on-line*, dir.: → <http://www.unisi.it/ricerca/prog/fil-med-online/index.htm>
- PICAVET, François, *Esquisse d'une histoire générale et comparée des philosophies médiévales*, Paris 1907 (reimpr.: Minerva, Frankfurt-am-Main 1968).
- PIEPER, Josef, *Escolástica. Figuras y problemas de la filosofía medieval* [tit. or.: *Scholastik. Gestalten und Probleme der mittelalterliche philosophie*; 1960], in J. PIEPER, *Filosofia medieval y mundo moderno*, trad. R. Cercós, Rialp, Madrid 1973, pp. 11-202.
- PRICE, Betsey Beatrice, *Medieval Thought – An Introduction*, 1992 (trad. port.: *Introdução ao pensamento medieval*, trad. T. Curvelo, (Textos de Apoio) Ed. Asa, Porto 1996).
- RAMÓN GUERRERO, Rafael, *Historia de la Filosofía Medieval*, (Tractatus philosophiae, 2) Akal, Madrid 1996.
- ROSSI, P. – VIANO, C.A., *Storia della filosofia*, 1. *L'Antichità*, 2. *Il Medioevo* (Coll. Enciclopedia del sapere) Ed. Laterza, Roma – Bari 1994.
- SCHULTHESS, Peter – IMBACH, Ruedi, *Die Philosophie im Mittelalter. Ein Handbuch mit einem bibio-bliographischen Repertorium*, Artemis und Winckler, Zürich–Düsseldorf 1996 [pp. 16-349: História da filosofia medieval, com bibliografia; pp. 354-605: cerca de 600 fichas bio-bliográficas, de Alcuíno a Nicolau de Cusa].
- VAN STEENBERGHEN, F., *História da filosofia (Período cristão)* trad. J.M.C. Pontes (Trajectos 2) Ed. Gradiva, Lisboa s./d.
- VASOLI, Cesare, *La filosofia medievale*, Feltrinelli, Milano 1972.
- VIGNAUX, Paul, *Philosophie au Moyen Âge, précédé d'une Introduction nouvelle et suivi de Lire Duns Scot aujourd'hui* [2ª ed.], Les Éd. Castella, Albeuve 1987 (trad. port.: *A Filosofia na Idade Média*, trad. Maria J.V. Figueiredo, (Biblioteca de textos universitários, 1) Ed. Presença, Lisboa 1994) [edição anterior: *A Filosofia na Idade Média*, trad., (Studium) Arménio Amado Ed., Coimbra, ed. orig.: *Philosophie au Moyen Âge*, Paris, 1958).
- XAVIER, Maria Leonor, *Questões de Filosofia Medieval*, Ed. Colibri, Lisboa 2007.
- WEINBERG, Julius R., *A Short History of Medieval Philosophy*, Priceton (N.Y.) 1964.
- WÖHLER, Hans-Ulrich, *Geschichte der mittelalterlichen Philosophie. Mittelalterliches europäisches Philosophieren einschließlich wesentlicher Voraussetzungen*, VEB Deutscher Verlag der Wissenschaften, Berlin 1990.

III. *Âmbitos e épocas*

Helenismo, patrística e fim da antiguidade

GOULET, Richard (dir.), *Dictionnaire des philosophes antiques*, vol.I *d'Abam(m)on à Axiothéa*; vol. II *de Babélyca d'Argos à Discolius*, Ed. du CNRS, Paris 1994. [Em curso de publicação].

LECLANT, Jean (ed.), *Dictionnaire de l'Antiquité*, PUF, Paris 2005.

ARMSTRONG, A.H. (ed.) *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy* [cfr. Histórias da Filosofia].

COULOUBARITSIS, Lambros, *Histoire de la philosophie ancienne et médiévale: figures illustres* [cfr. Histórias da Filosofia]

Encyclopedia of the Early Church, 2 vol., ed. Angelo DI BERARDINO, transl., James Clarke, Cambridge 1992.

Encyclopedia of Religious and Philosophical Writings in Late Antiquity Pagan, Judaic, Christian, Jacob NEUSNER – Alan J. AVERY-PECK (eds.), E.J. Brill, Köln – New York 2007.

MORESCHINI, Claudio, *Storia della filosofia patrística*, (Letteratura cristiana antica. Nuova serie, 1) Morcelliana, Brescia 2004.

MORESCHINI, Claudio, – E. NORELLI, *Antologia della letteratura cristiana antica greca e latina*, Morcelliana, Brescia 1998.

QUASTEN, Johannes (dir.), *Patrología*. vol. I: *Hasta el Concilio de Nicea*, vol. II: *La edad de oro de la literatura patrística griega*; BERARDINO, Angelo di (dir.), vol. III: *La edad de oro de la literatura patrística latina* (Biblioteca de Autores Cristianos, 206, 217, 422) La editorial católica, Madrid 1951, 1952, 1981.

SIMONETTI, Manlio – Emanuela PRINZIVALLI, *Letteratura cristiana antica : antologia di testi*, Piemme, Casale Monferrato (AL) 1996.

Base d'Information Bibliographique en Patristique, → <http://www4.bibl.ulaval.ca/bd/bibp/>

Bibliotheca Patristica IntraText, → <http://www.intratext.com/BPI/>

The Fathers of the Church [textos em trad. inglesa], → <http://www.newadvent.org/fathers/>

Filosofia no mundo islâmico

ANNE-DRUART, Thérèse, *Brief Bibliographical Guide in Medieval Philosophy and Theology* → <http://philosophy.cua.edu/faculty/tad/biblio.cfm>

The Encyclopedia of Islam, 9 vol., ed. by M.Th. HOUTSMA – T.W. ARNOLD – R. BASSET – R. HARTMANN – A.J. WENSINK – H.A.R. GIBB – W. HEFFENING – E. LÉVI-PROVENÇAL. E.J. Brill, Leiden 1913-1936, reprint 1993. (trad. francesa *Encyclopédie de l'Islam*, Nouvelle éd.. E.J.Brill, Leiden 1993-seg.

SOURDEL, Dominique, *Dictionnaire historique de l'Islam*, PUF, Paris 1997.

COSTA, Cristina D'Ancona, *La casa della sapienza. La trasmissione della metafisica greca e la formazione della filosofia araba* (Socrates 18), Guerini e associati, Milano 1996.

GUTAS, Dimitri, *Greek Thought, Arabic Culture. The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early Abbasid Society (2nd-4th / 8th-10th Centuries)*, Routledge, London – New York 1998.

NASR, Seyyed Hossein – LEAMAN, Oliver (eds.), *The History of Islamic Philosophy*, 2 vol., (Routledge History of World Philosophies), Routledge, London 1996.

CRUZ HERNÁNDEZ, Miguel, *Historia del pensamiento en el mundo islâmico*, vol. I: *Desde los orígenes hasta el siglo XII en Oriente*; vol. II: *El pensamiento de al-Ándalus siglos IX-XIV*; vol. III: *El pensamiento islâmico desde Ibn Jaldun hasta nuestros días*, Alianza Editorial, Madrid 1996.

Islamic Philosophy on-line / Philosophia Islamica: →

<http://www.muslimphilosophy.com/>

Filosofia hebraica

Jewish Encyclopedia, 12 volumes, Funk and Wagnalls, New York 1901-1906. Texto integral em acesso livre: → <http://www.jewishencyclopedia.com/>

ZONTA, Mauro, *La filosofia antica nel medioevo ebraico. Le traduzioni ebraiche dei testi filosofici antichi*, Paideia editrice, Brescia 1996.

FRANK, Daniel H. – LEAMAN, Oliver (eds), *The History of Jewish Philosophy*, (Routledge History of World Philosophies), Routledge, London 1996.

FRANK, Daniel H. – LEAMAN, Oliver (eds), *The Cambridge Companion to Medieval Jewish Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 2003.

SIRAT, Colette, *La philosophie juive médiévale en terre d'Islam*, C.N.R.S., Paris 1988.

SIRAT, Colette, *La philosophie juive médiévale en pays chrétien*, C.N.R.S., Paris 1988.

ZONTA, Mauro, *La filosofia ebraica medievale. Storia e testi*, Roma-Bari, Editori Laterza, 2002.

Filosofia bizantina

TATAKIS, BASILE, *La philosophie Byzantine*, ed. Émile Bréhier, (Histoire de la Philosophie) PUF, Paris 1959 (2^a ed.).

IERODIAKONOU, Katerina (ed.), *Byzantine Philosophy and its Ancient Sources*, Clarendon Press, Oxford 2003, repr.

Byzantine Studies Sites → <http://www.doaks.org/Byzantine.html>

Filosofia no mundo latino

Renascimento carolíngio

MARENBON, John, *From the Circle of Alcuin to the School of Auxerre. Logic, Theology and Philosophy in the Early Middle Ages*, (Cambridge Studies in Medieval Life and Thought, 3th series, 14), Cambridge University Press, Cambridge 1981.

Século XI

- CANTIN, A., *Foi et dialectique au XI^e siècle*, Editions du Cerf, Paris 1997.
- HOLOPAINEN, Toivo J., *Dialectic and Theology in the Eleventh Century* (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 54) E.J. Brill, Leiden 1996.

Renascimento do século XII

- BENSON, R.L. – G. CONSTABLE – Carol D. LANHAM (eds.), *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, Clarendon Press, Oxford 1982
- BIARD Joël (dir.), *Langage, sciences, philosophie au XII^e siècle. Actes de la table ronde internationale des 25-26 mars 1998*, (Sic et Non) Vrin, Paris 1999.
- CLAGETT, M., – G. POST – R. REYNOLDS (eds.), *Twelfth-Century Europe and the Foundations of Modern Society*, The University of Wisconsin Press, Madison and London, 1966.
- DRONKE, P. (ed.), *A History of Twelfth-Century Western Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1988.

Século XIII

- BIANCHI, Luca (cur), *La filosofia nelle Università. Secoli XIII-XIV*, (Biblioteca di cultura, 216) La Nuova Italia ed., Firenze 1997.
- VAN STEENBERGHEN, *La philosophie au XIII^e siècle*, (Philosophes médiévaux, 28) Institut Supérieur de Philosophie – Peeters, Louvain la Neuve 1991 (2^{ème} édition mise à jour).
- WEIJERS, Olga, *Le maniement du savoir. Pratiques intellectuelles à l'époque des premières universités (XIII^e-XIV^e siècles)*, (Studia artistarum. Études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales. Subsidia) Brepols, Turnhout 1996.

Séculos XIV-XV

- BIANCHI, Luca (cur), *La filosofia nelle Università. Secoli XIII-XIV*, [cit. secção anterior].
- WIEZAWSKI, Stefan, *Histoire de la philosophie européenne au XV^e siècle*, ed. Mariusz Prokopowicz, Beauchesne éd., Paris 1990.

Séculos XV-XVI

- BLACKWELL, C. – S. KUSIKAWA (eds.), *Philosophy in the Sixteenth and Seventeenth Centuries. Conversations with Aristotle*, Vivarium Aldershot 1999.
- SARTON, George, *The Appreciation of Ancient and Medieval Science During the Renaissance : 1450-1600*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia 1955.
- SCHMITT, Ch. – Quentin SKINNER (eds.), *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1988.
- TRINKAUS, Charles, *Renaissance Transformations of Late Medieval Thought*, (Variorum Collected Studies Series, 671), Ashgate, Aldershot 1999.
- C. VASOLI (cur.), *Le filosofie del rinascimento*, Milano, Bruno Mondadori Editori, 2002.

Séculos XVII (escolástica tardia)

- ARIEW, Roger, *Descartes and the Last Scholastics*, Cornell University Press, Ithaca NY 1999.
- COURTINE, Jean-François: *Suarez et le système de la métaphysique*, PUF, Paris 1990.
- GARBER, Daniel – AYERS, Michael (eds): *The Cambridge History of Seventeenth-Century Philosophy*, 2 vol., Cambridge University Press, Cambridge 1998.

IV. Historiografia da filosofia Medieval

- CANTOR, N.F., *Inventing the Middle Ages, The Lives, Works and Ideas of the Great Medievalists on the Twentieth Century*, New York, Quill William Morrow, 1991.
- VAN ENGEN, John (ed.), *The Past and Future of Medieval Studies*, (Notre Dame Conferences in Medieval Studies, 4) University of Notre Dame Press Notre Dame (Indiana) 1994.
- IMBACH, Ruedi – A. MAIERÙ (cur.), *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento. Contributo a un bilancio storiografico. Atti del convegno internazionale, Roma, 21-23 settembre 1989*, (Storia e letteratura. Raccolta di studi e testi, 179) Ed. di Storia e Letteratura, Roma 1991.
- INGLIS, John, *Spheres of Philosophical Inquiry and the Historiography of Medieval Philosophy*, (Brill's Studies in Intellectual History, 81), Brill, Leiden 1998.

V) Colectâneas de textos

Para além das História da Filosofia as colectâneas de textos são um importante instrumento didáctico. Em português existe DE BONI (2000, 2ª ed. 2006). Para o programa de Filosofia Medieval I foram preparadas colectâneas de textos (descritas acima).

- BETTETINI, Maria – Luca BIANCHI – Costantino MARMO – Pasquale PORRO (eds.), Francesco PAPARELLA (coll.), *Filosofia medievale*, (Bibliotheca), Rafaelo Cortina Ed., Milano, 2004.

Biblioteca Augustana: → http://www.fh-augsburg.de/~harsch/a_chron.html

- BOSLEY, Richard N. – Martin TWEEDALE (ed.), *Basic Issues in Medieval Philosophy. Selected Readings presenting the Interactive Discourses among the Major Figures*, Broadview Press, Peterborough (Canada) 1996.
- BOULNOIS, Olivier – Jean-Christophe BARDOUT (ed.), *Sur la science divine*, textes traduits et présentés, PUF, Paris 2002.
- BOULNOIS, Olivier (dir.), *Le pouvoir et son ombre. De Pierre Lombard a Luther*, Aubier, Paris 1994.
- DE BONI, Luís Alberto, *Filosofia Medieval. Textos*, (Filosofia, 110) EDIPUCRS, Porto Alegre 2000; 2ª ed. 2006.
- FERNANDEZ, Clemente (org.), *Los filosofos medievales*, 2 vol., (BAC) La Editorial Catolica, Madrid 1980.
- FLASCH, Kurt, *Mittelalter*, (Geschichte der Philosophie in Text und Darstellung, 2) Reclam, Stuttgart 1982.
- FOLLON, Jacques – James MCEVOY, *Sagesses de l'amitié II. Anthologie de textes philosophiques patristiques, médiévaux et renaissants*, Éditions universitaires-Cerf, Fribourg-Paris 2003.
- GRANT, Edward (ed.), *A Sourcebook in Medieval Science*, Harvard University Press, Cambridge [Mass.] 1974.

- HYMAN, Arthur – James J. WALSH (ed.), *Philosophy in the Middle Ages. The Christian, Islamic and Jewish Traditions*, Hackett Publishing Company, Indianapolis 1973.
- IMBACH, Ruedi – Iñigo ATUCHA (dir.), *Amours plurielles. Doctrines médiévales du rapport amoureux de Bernard de Clairvaux à Boccace*, (Points Essais), Ed. du Seuil, Paris 2006.
- IMBACH, Ruedi – Maryse-Hélène MÉLÉARD (dir.), *Philosophes médiévaux. Anthologie de textes philosophiques (XIIIe-XIVe siècles)*, (10/18, n° 1760, Bibliothèque médiévale) Union générale d'éditions, Paris 1986.
- KLIMA, Gyula – Fritz ALLHOFF – Anand Jayprakash VAIDYA (eds), *Medieval Philosophy: Essential Readings with Commentary* (Blackwell Readings in the History of Philosophy) Blackwell, Oxford 2007.
- KOLAK, Daniel – Garrett THOMSON (ed.), *The Longman Standard History of Medieval Philosophy*, Longman 2007.
- MAHDI, Muhsin – R. LERNER (ed.), *Medieval Political Philosophy. A Sourcebook*, Cornell University Press, Ithaca (N.Y.) 1963.
- MCKEON, Richard (ed.), *Selections from Medieval Philosophers*, 2 vols., Charles Scribner's Sons, New York 1929.
- MICHEL, Alain, *Théologiens et mystiques au Moyen Age. La poétique de Dieu : V-XV siècles*. Choix de textes présentés et traduits du latin, Gallimard, Paris 1997.
- PINHEIRO, António Soares (ed., trad.), *Opúsculos selectos de Filosofia Medieval*, Faculdade de Filosofia, Braga 1991 (3ª ed. revista).
- SCHOEDINGER, Andrew B., *Readings in Medieval Philosophy*, Oxford University Press, New York – Oxford 1996.
- Scholasticon*: → <http://www.ulb.ac.be/philo/scholasticon/bibliotheca.html>
- The Cambridge Translations of Medieval Philosophical Texts*. Cambridge University Press, Cambridge; Vol. I: *Logic and Philosophy of Language*, ed. by N. Kretzmann – E. Stump (1988); Vol. 2: *Ethics and political philosophy*, ed. by A.S. McGrade – J. Kilcullen – M. Kempshall (2001); Vol. 3: *Mind and knowledge*, ed. by R. Pasnau (2002).
- WIPPEL, John F. – Allan B. WOLTER (eds.), *Medieval Philosophy. From St. Augustine to Nicholas of Cusa*, The Free Press, New York 1969.

6.2. Autores

6.2.1. Aurélio Agostinho

Quadro 2

Aurélio Agostinho e o seu tempo

<i>Data</i>	<i>AGOSTINHO</i>	<i>Acontecimentos</i>
313		Édito de Milão: o cristianismo é oficialmente tolerado no império romano e o culto passa a ser livre
360-363		O imperador Juliano, “o apóstata”, restaura o culto pagão. Reacende-se a polémica anti-cristã.
354	A 13 de Novembro nasce em Tagasta (na Numídia, a actual Souk-Ahras, na Argélia). Filho de pai pagão (Patrício) e mãe cristã (Mónica), é educado segundo os princípios cristãos, contudo não foi baptizado. Primeiros estudos em Tagasta (367), que continuará em Madaura.	
367	Estudos em Madaura.	
370	Inicia os estudos de retórica em Cartago.	Ambrósio é aclamado bispo de Milão.
I. Antes da conversão (escritos perdidos)		
373	Lê o <i>Horténsio</i> de Cícero, uma exortação da filosofia que o impressionará vivamente (cf. <i>A vida feliz</i> , I; <i>Confissões</i> , III 4). Adere ao Maniqueísmo. Liga-se a uma concubina, de quem tem um filho, Adeodato.	
374-383	Ensina retórica em Tagasta, depois em Cartago.	Em 378 o imperador Teodósio é derrotado pelos Godos em Adrianópolis.
380-381	Escreve <i>De pulchro et apto</i> (obra perdida)	381: Concílio de Constantinopla.
383	Encontra Fausto de Milevi. Afasta-se do maniqueísmo (cf. <i>Confissões</i> , V 6). Ensina retórica em Roma.	
384	Inicia o ensino de retórica em Milão. Escuta a pregação de Ambrósio, bispo de Milão. Orador oficial: faz o panegírico do imperador Valentiniano II (22.11.384) e de Bauto (1.1.385).	
385		
II. Adesão ao cristianismo (escritos filosóficos)		
386	Estuda os “livros dos platónicos” (Plotino) e as Epístulas de S. Paulo. Adere novamente ao cristianismo. No final de Agosto retira-se com alguns amigos para Cassiciaco, a norte de Milão. Escreve os primeiros textos teológico-filosóficos: <i>Contra academicos</i> , <i>De beata uita</i> , <i>De ordine</i> , <i>Soliloquiorum li. II</i> , <i>De immortalitate anime</i> .	
387	Regressa a Milão. Faz-se baptizar por Ambrósio. Escreve o <i>De quantitate anima</i> e os <i>Libri disciplinarum</i> (cfr. <i>Retract.</i> I 6; <i>De grammatica</i> , <i>De dialectica</i> , <i>De musica</i> (terminado já em	

	Tagasta) e outros pedidos ou não iniciados: <i>De rethorica</i> , <i>De geometria</i> , <i>De arithmetica</i> , <i>De philosophia</i>). Decide regressar África. Em Agosto a mãe morre em Óstia, antes do embarque, que retarda.	
388	Retorna a Cartago, depois a Tagasta. Funda o primeiro Mosteiro e inicia a experiência monástica. Primeiros escritos anti-maniqueus.	
389-391	Vida monástica em Tagasta. Dita as <i>De diversis quaestionibus LXXXIII</i> . Em 389 morre o filho Adeodato. Escreve: <i>De Genesi aduersus manicheos</i> , <i>De magistro</i> , <i>De uera religione</i> ,	
III. Vida pastoral (escritos de polémica e apologética)		
391	Ordenado sacerdote em Hipona, pelo bispo Valério.	
391-430	Sucessivas <i>polémicas doutrinárias</i> com os maniqueus, os pelagianos, os arrianos, os donatistas, que o levam a escrever múltiplas obras. Intensa actividade de <i>interpretação bíblica</i> , da qual resultam diversas obras de comentário e teoria da interpretação. Ininterrupta <i>actividade pastoral</i> , de qual resulta a composição de tratados, sermões, cartas.	
392		Abolição das instituições “pagãs”, entre elas os Jogos olímpicos.
395	Consagrado bispo, coadjutor de Valério.	Morte do imperador Teodósio e divisão do império em Ocidental (Roma) e Oriental (Constantinopla).
396	À morte de Valério, Agostinho é nomeado bispo de Hipona.	
397-427	Escreve o <i>De doctrina christiana</i>	
397-401	Escreve as <i>Confissões</i>	
399-420	Escreve o <i>De Trinitate</i> .	
400-412	Confronto com o Donatismo. Confronto com o pelagianismo.	
410-415	Escreve o <i>De Genesi ad litteram</i>	
412	Sermão <i>De excidio urbis Romae</i> .	Roma é saqueada pelos godos de Alarico.
412-427	Escreve o <i>De ciuitate Dei</i> .	Em 415 Orósio escreve <i>Contra os pagãos</i> .
426	Escreve uma revisão da sua obra: <i>Retractationum libri II</i> .	
430	Aos 76 anos, morre em Hipona em 28 de Agosto, enquanto os Vândalos cercam a cidade.	Entre 428-431, os Vândalos, comandados por Genserico, passando por Espanha saqueiam o norte de África.
455-476		Crescente barbarização do Império
476		Fim do Império Romano do Ocidente: Odoacro, rei dos Érulos, depõe Rómulo Augustulo e envia a Zenão, imperador do Oriente, as insígnias do Império.
529		Encerramento da Academia de Atenas, por ordem do imperador Justiniano. Fundação do mosteiro de Cassino por Bento de Núrsia.

Obras

- Opera omnia* (Patrologia cursus completus, series latina), vol. 32-47; Paris 1861. Supp. 2 [Texto latino]
- Opera* (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum), Wien 1887-seg. (ed. incompleta) [Texto latino]
- Oeuvres de Saint Augustin* (Bibliothèque augustinienne, Paris 1936-seg. (em curso) [Texto latino e trad. francesa. Edições anotadas]
- Obras de San Agustín* (Biblioteca de Autores Cristianos), La editorial católica, Madrid 1940-seg. (em curso) [Texto latino, com tradução em castelhano]
- Opera* (Corpus Christianorum. Series latina) Brepols, Turnhout 1954-seg. (em curso) [Texto latino em novas edições críticas].
- Opera Omnia / Tutte le Opere*, Città Nuova ed., Milano

Uma lista completa das obras de Agostinho, com referência de edições:

→ <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/augustine/chrontable.html>

Edições electrónicas

- CLCLT (cfr. CD-ROM 1), Brepols, Turnhout 1996 (3ª ed.).
- Corpus Augustinianum Gissense a Cornelio MAYER editum*. CD-ROM, version 1.0 for DOS or Windows. Schwabe & Co. AG, Basel 1995.
- Patrologia latina database*. Chadwick-Healey, Cambridge 1994.
- Opera Omnia / Tutte le Opere*, Città Nuova Ed., [latim e trad. italiana] → <http://www.sant-agostino.it/index2.htm>

ALGUMAS OBRAS EM LATIM E/OU TRADUÇÃO INGLESA, NA WWW:

- <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/augustine> [página de James J. O'Donnell, referida a seguir] → <http://www.ccel.org/fathers2/NPNF1-03/TOC.htm> [Early Church Fathers]

Recursos na internet

- <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/augustine> [Página de James J. O'Donnell, uma verdadeira mina agostiniana na internet, com ligação a todo o mundo agostiniano e arredores na teia; inclui obras de Agostinho e alguns estudos do A.]
- <http://plato.stanford.edu/entries/augustine/> MENDELSON, Michael, «Saint Augustine», Edward N. Zalta (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*
- <http://camellia.shc.edu/theology/Augustine.htm> [Bibliografia sobre Agostinho e o ocidente latino, por William Harmless, S.J.]
- <http://www.epistemelinks.com/Main/Philosophers.aspx?PhilCode=Augu> [Episteme links]

Artigos da *Catholic Encyclopedia* (1913), sobre Agostinho por Eugène PORTALIÉ:

- <http://www.knight.org/advent/cathen/02084a.htm> Vida
- <http://www.knight.org/advent/cathen/02089a.htm> Obras
- <http://www.knight.org/advent/cathen/02091a.htm> Pensamento

Dicionários e enciclopédias

- * FITZGERALD, Allan D., *Augustine Through the Ages: An Encyclopedia*, William B. Eerdmans Publishing Company, 1999.

MAYER, Cornelius et alii (eds.) *Augustinus-Lexikon*, t. 1: *Aaron-Conuersio*, Schwabe & Co. AG, Basel 1986 [Enciclopédia agostiniana em curso de publicação, com artigos de diversos autores, em diversas línguas: alemão, francês, inglês].

Bibliografias e actualização bibliográfica

(ver também a Bibliografia geral)

van BAVEL, T., *Répertoire bibliographique de Saint Augustin 1950-1960*, M. Nijhoff, The Hague 1963.

MIETHE T.L., *Augustinian Bibliography*, Greenwood Press, Westport – London 1982.

L'Année philologique, vol. 1-seg., Paris (publicação anual, em curso, com secção sobre Agostinho).

Bibliographia patristica, Berlin 1956-seg. (publicação anual, em curso).

«Bulletin Augustinien», publicado regularmente na revista *Revue des études augustiniennes* (Paris).

Revistas de estudos agostinianos

(em geral, não publicam apenas estudos sobre Agostinho, mas também sobre a sua influência, mesmo que indirecta, e sobre a ordem agostiniana)

Augustinian Studies, vol. 1 (1970) – . Villanova (publicação anual, em curso).

Augustiniana, vol. 1 (1951) – Heverlee-Louvain (publicação anual, em curso).

Augustinus, vol. 1 (1956) – . Salamanca (publicação anual, em curso).

Recherches augustiniennes, vol. 1 (1958) – . Paris (publicação anual, em curso).

Revue des études augustiniennes, vol. 1 (1955) – . Paris (publicação anual, em curso).

II. Traduções em português (PT)

Confissões, trad. anon., regia officina typografica, Lisboa 1783 (2ª ed. revista: 1824).

Meditações, Solilóquios e Manual, trad. anon., Off. de F. Luiz Ameno, Lisboa 1784.

Theologo e orador cristão [De doctrina christiana], trad. , Lisboa 1788.

Corações acima ou Solilóquios de Santo Agostinho, trad. e notas de P. Senna Freitas, Livr. Catholica Portuense, Porto [1898]. Reed.: *Solilóquios*, Livr. Apostolado da Imprensa, Porto 1944 (4ª ed.).

Amar a Deus é a minha vida ou Colloquios da alma com o seu creador, tirado das obras de Santo Agostinho por C. (!), trad. A.M. Bello, Livr. Portuense, Porto 1901.

As Confissões, prolog. L.C. da Silva, trad. J.O. Santos e A.A. Pina, Livr. Apostolado da Imprensa, Porto 1941 (11ª ed.: 1984; 13ª ed. em 1999, revista por L.C. da Silva e E. Couto).

Cem páginas [textos escolhidos], selecção e pref. M. das Neves, Livr. Bertrand, Lisboa 1945.

Regras de Santo Agostinho e Constituições para as Irmãs Religiosas da Visitação e directório espiritual por S. Francisco de Sales, trad. anon., Of. Gráfica, Leiria 1949.

Evangelho de S. João comentado por S. Agostinho, 5 vol., trad. J.A.R. Amado, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1944-1952 (2ª ed. do vol. I em 1954, do vol. II em 1954 e do vol. III em 1960).

A voz de um convertido [selecção de textos] trad., Gráfica de Coimbra, Coimbra 1956.

Contra os Académicos. Diálogo em três livros, pref. e trad. V. de Almeida (Biblioteca filosófica, 10), Atlântida, Coimbra 1957.

Quem é Deus. Primeira carta de S. João comentada por Santo Agostinho, trad. J.A.R. Amado, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1959.

Sermões, in: fr. João ALVARES, *Obras*, vol. II: *Cartas e traduções* (pp. 102-155), ed. crítica, introd. e notas de A.A. Calado, Imprensa da Universidade, Coimbra 1959

Vitória final de Cristo. Apocalipse de S. João comentado por Santo Agostinho, trad. introd. e notas de J.A.R. Amado, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1960.

- Sermões para a Páscoa*, introd. S. Poque, trad. A. Fazenda (Origens do cristianismo, 2), Lisboa – São Paulo, Ed. Verbo 1974.
- O *Mestre*, in *Opúsculos selectos de Filosofia Medieval* (pp. 25-76) selecção, introd. e trad. A. Soares Pinheiro (Textos de filosofia medieval, 1), Faculdade de Filosofia, Braga 1984 (3ª ed. revista: 1990).
- Esta trad. foi reimpressa por diversos outros ed., em geral acompanhada por novas introd. e notas: Porto ed. 1995 (com introd. e comentário de M.L. Xavier); Lisboa Ed., Lisboa 1995; etc.
- Acerca da doutrina cristã* [excertos], trad. J. Andrade, in *Textos de hermenêutica*, Rés editora, Porto 1984 (pp. 33-109).
- O *livre arbítrio*, trad. A. Soares Pinheiro, (Textos de filosofia medieval, 3) Faculdade de Filosofia, Braga 1986.
- Diálogo sobre a felicidade / De beata vita*, texto lat., introd., trad. e notas M.A.S. de Carvalho, (Textos filosóficos, 19) Ed. 70, Lisboa 1988.
- A natureza do Bem / De natura boni*, texto lat., introd., trad. e notas M.A.S. de Carvalho, in *Mediævalia. Textos e estudos*, 1 (1992) = Fundação Eng. António de Almeida, Porto 1992.
- Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, 3 vol., intro, trad. e notas de J.D. Pereira (Textos clássicos) Fundação C. Gulbenkian, Lisboa 1991-.
- Santo Agostinho, *Confissões*, trad. e notas: A.E. Santo, J. Beato, M.C.C.-M.S. Pimentel, introd. de M.B.C. Freitas, notas de âmbito filosófico de M.B.C. Freitas e J.M.S. Rosa, (Estudos Gerais. Série universitária) IN-CM, Lisboa 2000 [ed. bilingue].
- Santo Agostinho, *Diálogo sobre a ordem*, Edição bilingue, Introd., trad. e notas de P.O. Silva, (Estudos Gerais. Série universitária. Clássicos da Filosofia) IN-CM, Lisboa 2000.
- Santo Agostinho, *O livre arbítrio*, Edição bilingue, Introd., trad. e notas de P.O. Silva, (Estudos Gerais. Série universitária. Clássicos da Filosofia) IN-CM, Lisboa 2001.

Traduções no Brasil (BR) em especial as não existentes em Portugal

- Santo Agostinho, *A graça* (I), trad. Agustino Belmonte, (col. Patrística, 12) Paulus ed., São Paulo 1998.
- Santo Agostinho, *A Trindade*, trad. Agustino Belmonte, revisão e notas complementares N.A. Oliveira, (col. Patrística) Paulus ed., São Paulo 1994.

III. Estudos

1. Biografia

- * BROWN, Peter, *Augustine of Hippo. A Biography*, University of California Press, Berkeley 2000. (1ª ed.: London and Berkeley 1967).
- FERRIER, Francis, *Santo Agostinho*, pref. J.C. Gonçalves, trad. I.M. Gonçalves (col. Saber 225) Ed. Europa-América, Mem Martins 1993. [a 2ª parte da obra ocupa-se da influência de Agostinho durante a Idade Média].
- * LANCEL, Serge, *Saint Augustin*, Fayard, Paris 1999 (796 p.). [minuciosa biografia intelectual]
- NEUSCH, Marcel, *Initiation à Saint Augustin, maître spirituel* (Epiphanie-Initiation, Biographies) Ed. du Cerf, Paris 1996.
- PEREIRA, João Dias, “Nota biográfica sobre Santo Agostinho”, in: *A cidade de Deus*, vol. I, pp. 7-83 (Textos clássicos) Fundação C. Gulbenkian, Lisboa 1991. [Esboço biográfico que assenta quase exclusivamente nas *Confissões* e na biografia escrita pelo seu discípulo Possídio].

2. Obras gerais

- Augustinus Magister: Congrès International augustinien*, 3 volumes, Études augustinienes, Paris 1954.

- BEIERWALTERS, Werner, *Agostino e il neoplatonismo cristiano*, pref. e introd. G. Reale, trad. G. Girgenti e A. Trotta (Platonismo e filosofia patristica, Studi e testi, 8) Vita e Pensiero, Milano 1995.
- BERMON, Emmanuel, *Le Cogito dans la pensée de saint Augustin*, (Histoire des doctrines de l'antiquité classique, 26) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 2001.
- CARY, Phillip, *Augustine's Invention of the Inner Self, The Legacy of a Christian Platonist*, Oxford University Press, Oxford 2000.
- * FLASCH, Kurt, *Augustin. Einführung in sein Denken*, Reclam Verlag, Stuttgart 1980 (ed. utilizada: *Agostino d'Ippona. Introduzione all'opera filosofica*, trad. C. Tugnoli, Il Mulino, Bologna 1983).
- * GILSON, Étienne, *Introduction à l'étude de S. Augustin*, (Études de philosophie médiévale, 11) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1969 (4ª ed.).
- MADEC, Goulven, *Saint Augustin et la philosophie. Notes critiques* (Coll. des Études augustinienes, 149) Institut d'Études Augustiniennes, Paris 1996.
- MADEC, Goulven, *Introduction aux "révisions" et à la lecture des oeuvres de saint Augustin* (Coll. des Études augustinienes, 150) Institut d'Études Augustiniennes, Paris 1996.
- MADEC, Goulven, *Lectures augustinienes*, (Collection des Etudes Augustiniennes, Serie Antiquité 163) Institut d'Etudes Augustiniennes, Paris 2001.
- MARROU, Henri-Irénée, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, E. de Brocard Ed., Paris 1938.
- O'DALY, Gerard, *Augustine's Philosophy of Mind*, Duckworth, London 1987.
- PEGUEROLES, Juan, *El pensamiento filosófico de San Agustín* (Nueva col. labor, 137) Ed. Labor, Barcelona 1972.
- PÉPIN, Jean, "Santo Agostinho e a patristica ocidental", in: F. CHÂTELET (dir.) *História da Filosofia*, vol. 2: *A Filosofia Medieval, do século I ao séc. XV*, trad. A.C. Ribeiro – L. Xavier – M. Lopes, D. Quixote, Lisboa 1974 (pp. 65-84).
- SCIACCA, M.F., *Saint Augustin et le néoplatonisme. La possibilité d'une philosophie chrétienne*, Publ. de l'Université de Louvain–Ed. Béatrice-Nawelaerts, Louvain–Paris 1956.
- STOCK, Brian, *Augustine The Reader. Meditation, Self-Knowledge, and the Ethics of Interpretation*, Belknap Press, ..., 1998
- * RIST, John M., *Augustine. Ancient Thought Baptized*, Oxford University Press, Oxford 1996.
- STUMP, Eleonore – Norman KRETZMANN (eds.), *The Cambridge Companion to Augustin*, (Cambridge Companions to Philosophy), Cambridge University Press, Cambridge 2001.
- * TRAPÈ, Agostino, "San Agustín", in A. di BERNARDINO (dir.) *Patrología*, t. III: *La edad de oro de la literatura latina*, (BAC, 422) La editorial católica, Madrid 1981, pp. 405-553.

3. Influência de Agostinho

- MATTHEWS, Gareth B. (ed.), *The Augustinian Tradition*, (Philosophical Traditions, 8) University of California Press, Berkeley 1999.
- SCHNAUBELT, Joseph C. – Frederick Van FLETEREN (eds.), *Augustine: Second Founder of the Faith*, (Collectanea Augustiniana) Peter Lang, New York 1990.

6.2.2. Boécio (Anício Mânlio Severino)

Quadro 3
Boécio e o seu tempo

Data	BOÉCIO	Acontecimentos
475/480	Nasce em Roma	476: Fim do império Romano do Ocidente. Odoacro, rei dos Érulos, depõe o último imperador romano, Rómulo Augustulo, e envia as insígnias imperiais a Zenão, imperador romano do Oriente
487		Flávio, pai de Boécio, é nomeado cônsul, durante o reinado de Odoacro
488	Possível permanência no Egipto, com o pai, onde aperfeiçoa o conhecimento do grego	
489		Teodorico, rei dos Ostrogodos, entra na Península itálica e derrota Odoacro e assedia a capital Ravena
490 ±	À morte do pai, Boécio é confiado aos cuidados do poderoso e culto patrício romano Quinto A. M. Símaco	
493		Teodorico conquista Ravena e condena Odoacro à morte
495/500±	Boécio casa com Rusticiana, filha de Símaco	
497		Acordo entre Teodorico e Anastásio, imperador do Oriente, obtendo o direito de nomear cônsules
500	Teodorico visita Roma e tem provável encontro com Símaco e Boécio	
502-507	Escreve: <i>De institutione arithmetica</i> , <i>De institutione musica</i> , <i>De institutione geometrica</i> (de atribuição incerta), <i>De institutione astronomica</i> (perdido)	
506	Teodorico encomenda-lhe, através do seu secretário Cassiodoro, o fabrico de dois relógios para oferecer ao rei dos Burgúndios	
508-509	Traduz e comenta a <i>Isagoge</i> de Porfírio	509. Teodorico derrota os Francos em Arles e anexa a Provença
510	1 de Janeiro: assume o cargo de cônsul. Teodorico atribui-lhe o cargo devido à linhagem e por ser homem de ciência e cultura	
510-511	Traduz e comenta as <i>Categorias</i> de Aristóteles	
511-520	Traduz e comenta o <i>Sobre a interpretação</i> de Aristóteles. Escreve o <i>Liber contra Eutycio e Nestório</i> sobre a natureza de Cristo, em defesa da ortodoxia católica e contra as heresias monofisita e nestoriana	Polémica sobre a natureza de Cristo
513-514	Traduz e comenta os <i>Primeiros analíticos</i> de Aristóteles. Escreve os tratados: <i>Sobre os silogismos categóricos</i> , <i>Sobre a divisão</i> , <i>Introdução aos silogismos categóricos</i>	
517	Traduz os <i>Analíticos segundos</i> de Aristóteles. Escreve o <i>Sobre os silogismos hipotéticos</i>	
518-520	Traduz e comenta os <i>Tópicos</i> de Aristóteles. Comenta os <i>Tópicos</i> de Cícero	
518-527		Império de Justino I, defensor da ortodoxia cristã, que inicia uma política de conciliação com o papado romano

521-522	Escreve o tratado <i>De differentiis topicis</i> e os opúsculos teológicos, <i>Sobre a Trindade</i> , <i>Se o Pai e o Filho e o Espírito Santo são substancialmente predicados da divindade</i> , <i>De que modo as substâncias, enquanto são, são boas</i> (De hebdomadibus), <i>Sobre a fé católica</i>	
522	1 de Janeiro: os filhos de Boécio são elevados a cônsules; Boécio faz o panegírico de Teodorico	
522-523	É <i>magister officiorum</i> (importante cargo anual da corte e do Estado)	João I é eleito papa, pertencendo a um grupo de senadores pró-imperiais de que fazem parte Boécio e o seu sogro, entre outros
523	Termina o mandato de <i>magister officiorum</i> . Tem início a intriga em que é acusado de conspiração contra o imperador. Mantém-se como senador. É acusado de encobrir a descoberta da conspiração, de procurar a restauração da autoridade imperial em Itália, de aspirar ilegalmente a um alto cargo, de superstição e magia	
524	INÍCIO: Boécio é preso em Pavia, assim permanecendo até à morte. No cárcere compõe a <i>Consolação da Filosofia</i> . VERÃO: Apela a Teodorico. Mas, o rei godo mantém a suspeita de conspiração e traição e envia o seu ex-ministro ao senado para julgamento. Uma comissão julga-o, talvez em Roma, sem o ouvir, concluindo pela sua culpa. OUTONO: Teodorico confirma a sentença e condena Boécio à pena capital. INVERNO: Boécio é executado.	
524-525		O imperador Justino reage à política anti-romana de Teodorico
525		Teodorico obriga o papa João I a viajar a Constantinopla para pedir ao imperador a revogação dos procedimentos de perseguição
526		Teodorico faz condenar e executar Símaco, sogro de Boécio. O papa João I é encarcerado por Teodorico aquando do seu regresso de Constantinopla e aí morre. Teodorico morre, conhecedor da falência da sua política de coexistência entre o elemento romano e o godo.
529		O imperador Justino encerra a Academia de Atenas. Bento de Núrsia funda o mosteiro de Monte Cassino.

II. Obras

Traduções

- do *Organon* de ARISTÓTELES:

- *Categorias*

- *Sobre a interpretação* (*Peri hermeneias*).

- *Analíticos primeiros*

- *Analíticos segundos* [tradução perdida ou ainda não identificada]

- *Tópicos*

- *Refutações sofísticas*

§§ Apenas os dois primeiros tiveram difusão até ao séc. XII. Os três últimos reaparecem no séc. XII, passando a constituir a *logica nova* (juntamente com uma tradução dos *Analíticos segundos* por Tiago de Veneza), passando os outros dois a ser designados como *logica vetus*.

- da *Isagoge* [Introdução às *Categorias* da Aristóteles] de PORFÍRIO.

Comentários

- das *Categorias* de Aristóteles (um ou dois comentários)
- do *Sobre a interpretação* (*Peri hermeneias*) de Aristóteles (dois comentários, escritos entre 513 a 516)
- dos *Tópicos* de Aristóteles
- da *Isagoge* de Porfírio (dois comentários sob a forma de diálogo, de 509 a 511)
- dos *Tópicos* de Cícero (em 522)

Tratados lógicos

- *Introductio ad syllogismos categoricos* (505-506)
- *De syllogismis categoricis* (505-506)
- *De syllogismo hypothetico* (516-522)
- *De divisione*
- *De differentiis topicis* (antes de 523)

Opúsculos teológicos

- *De fide catholica* (anterior a 512)
- *Contra Euthychen et Nestorium* (entre 513 e 519)
- *Quomodo substantiae in eo quod sint bonae sint cum non sint substantialia bona* (c. 519)
- *Utrum pater et Filius et Spiritus Sanctus de divinitate substantialiter praedicentur* (c. 519)
- *Quomodo Trinitas unus deus ac non tres dii* (= *De trinitate*) (entre 519 e 523)

Obras “quadriviais”

- *De institutione arithmetica libri duo* (adaptação de Nicomáco de Gerasa)
- *De institutione musica libri quinque*
- *Geometria* (Obra perdida. Talvez uma tradução dos *Elementos* I-V de Euclides)
- *Astronomia* (Obra perdida)

Obras filosóficas

- *Consolação da filosofia* (escrito em 524/5)

Edições das obras

- Boethii opera omnia*. Patrologia latina vol. 63-66, Paris 1847 (reproduz essencialmente a edição de H. Lorit, Basileia 1546).
- BOETHIUS, *The Theological Tractates. The Consolation of Philosophy*, ed. and transl. by H.F. STEWART, E.K. RAND, S.J. TESTER (Loeb Classical Library 74) Harvard University Press, London 1972 (2ª ed.).
- Boethius, *De consolazione philosophiae. Opuscula theologica*, Hrsg. v. Claudio MORESCHINI, (Bibliotheca Taubneriana) K. G. Saur, Munich-Leipzig 2000.

Traduções contemporâneas

- BOÉCIO, *A Consolação da Filosofia*, trad. Willian LI, rev. por Gilson C.C. de SOUZA, (Clássicos) Martins Fontes, São Paulo 1998 [má tradução, apenas mencionada por ser a única disponível em português].
- BOEZIO, *La consolazione della filosofia. Gli opuscoli teologici*, trad. L. OBERTELLO, (I classici del pensiero) Rusconi, Milano 1979 [inclui introdução, com completa bibliografia no seu final: pp. 89-123].
- SEVERINO BOEZIO, *La consolazione della filosofia*, a cura di Claudio MORESCHINI, UTET, Torino 1994.

Estudos

Instrumentos de trabalho

Cooper, L., *A Concordance of Boethius. The Five Theological Tractates and the Consolation of Philosophy*, Cambridge (Mass.) 1928.

Index generalis in opera Boethii, PL LXIV, 1599-1624.

Edições electrónicas em *Patrologia latina dabase* e na *Library of Latin Texts* (CLCLT).

Bibliografias

LLUCH-BAIXAULI, M., «Bibliografia comemorativa de Manlio Severino Boezio», *Hispania sacra*, Eunsá, Pamplona 1988, pp. 129-146.

Obras de referência

CAPPUYNS, M., «BOÈCE», *Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclésiastiques*, vol. 9, p. 348-380, Paris 1937.

* LEONARDI, C. – MINIO-PALUELLO, L. – PIZZANI, U. – COURCELLE, P., «Boezio», *Dizionario biografico degli italiani*, XI, 142-165, Istituto della enciclopedia italiana, Roma 1969.

MINIO-PALUELLO, L., «Boethius», *Encyclopedia Britannica* 3, 1970.

VERNET, F., «Boèce», *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*, vol. I, 1739-1745, Paris 1937.

Monografias e artigos (com particular incidência na *Consolação da filosofia*)

* CHADWICK, Henry, *Boethius. The Consolation of Music, Logic, Theology and Philosophy*, Clarendon Press, Oxford 1981 (ed. ut.: trad. italiana, *Boezio. La consolazione della musica, della logica, della teologia e della filosofia*, trad. Francesca Lechi, Società ed. Il Mulino, Bologna 1986).

COURCELLE, Pierre, *La Consolation de la philosophie dans la tradition littéraire*, Paris 1967.

CROCCO, A., *Introduzione a Boezio*, Empireo, NAPOLI 1970.

FUHRMANN, M. – GRUBER, J. (eds.), *Boethius*, (Wege der Forschung), Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt 1984. [coleção de 23 estudos, sobre Vida, obras, escritos lógicos, escritos teológicos, *Consolatio*, com bibliografia ampla]

GALONNIER Alain (ed.), *Boèce ou la chaîne des savoirs. Actes du colloque international de la Fondation Singer-Polignac Paris, 8-12 juin 1999*, (Philosophes Médiévaux, 44) Peeters, Leuven 2003.

GIBSON, Margaret T. (ed.), *Boethius: His Life, Thought and Influence*, Basil Blackwell, Oxford 1981.

LLUCH-BAIXAULI, Miguel, *La teología de Boecio. En la transición del mundo clásico al mundo medieval*, (Col. Teológica, 69) Eunsá, Pamplona 1990.

LLUCH-BAIXAULI, Miguel, *Boezio. La ragione teologica*, trad. David Arioli (Eredità medievale, 8), Jacka Book, Milano 1997; trad. franc.: Ed. du Cerf, Paris.

MCINERNEY, R., *Boethius and Aquinas*, The Catholic University of America Press, Washington 1990.

* MARENBO John, *Boethius* (Great Medieval Thinkers), Oxford University Press, Oxford 2003.

MASI, Michael (ed.), *Boethius and the Liberal Arts: A collection of Essays*, (Utah Studies in Literature and Linguistics, 18), P. Lang, Bern-Frankfort/M.-Las Vegas 1981.

OBERTELLO, Luca (ed.), *Atti del Congresso internazionale di studi boeziani (Pavia 1980)*, Herder, Roma 1981.

OBERTELLO, Luca, *Boezio e dintorni. Ricerche sulla cultura altomedievale* (Biblioteca medievale. Sezione studi, 2) Nardini Ed., Firenze 1989.

OBERTELLO, Luca, *Severino Boezio*, 2 vol., Accademia ligure di scienze e lettere, Genova 1974.

Na internet

- <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/boethius.html> (J.J. O'Donnell: materiais e orientação para o estudo da *Consolatio*, inclui o texto latino e trad. inglesa)
- <http://etext.lib.virginia.edu/latin/boethius/consolatio.html>. A *Consolatio*, texto e comentário
- <http://gallica.bnf.fr/metacata2.idq?CiRestriction=%28@Auteur%20boece%29&Ciscope=> (edições antigas digitalizadas; NOTA: a lista contém obras de outros autores)
- <http://teaching.arts.usyd.edu.au/medieval/2005/boeth.html> (o mesmo que o anterior)
- <http://www.humanities.mq.edu.au/Ockham/x5202.html> (Kilcullen: Reading guide: Boethius, The consolation of philosophy)
- <http://www.isns.us/neoplatonism-online/philosophers.htm#Boethius> (breve lista de links)

Boécio na Idade Média e depois

Pierre Courcelle, *La Consolation de la philosophie dans la tradition littéraire*, Paris 1967.

6.2.3. Anselmo de Cantuária

Quadro 4

Anselmo e o seu tempo

Data	ANSELMO	Acontecimentos
c. 1033/4	Nasce em Aosta, nos Alpes da actual Itália	
1059-93	Período de Bec, na Normandia	
1059	chegada ao mosteiro de Bec, onde se torna monge no ano seguinte	
c.1060-63	– <i>De grammatico</i> (Sobre “gramático”)	Prossegue a disputa eucarística entre Lanfranco de Pavia e Berengário de Tours
1063	Prior do mosteiro de Bec	
1070	Primeiras <i>Cartas</i> (sobrevivem hoje 475)	
1070/75	Primeiras <i>Orações e Meditações</i>	(1072) Morte de Pedro Damiano (1074) Gregório VII: concílio de Latrão sobre a questão das investiduras
1075/6	<i>Monologion</i> (Solilóquio)	(1074) Gregório VII: segundo concílio reformador de Latrão condena a investidura de clérigos pelo poder laico
1077/8	<i>Proslogion</i> (Alocução)	(1076) Gregório escreve sobre a superioridade do poder papal
1078	Eleito Abade do mosteiro de Bec	(1079) Nascimento de Abelardo
1080/86	Escreve 3 tratados «relativos ao estudo da Sagrada Escritura»: – <i>De veritate</i> (Sobre a Verdade) – <i>De libertate arbitrii</i> (Sobre a liberdade do arbítrio) – <i>De casu diaboli</i> (Sobre a queda do diabo)	(1085) Morte de Gregório VII (1087) Morte de Constantino Africano, médico e tradutor (1088) Morte de Berengário de Tours
1093-1109	Período de Cantuária (Canterbury) em Inglaterra	
1095/8	<i>Cur Deus homo</i> (Porquê um Deus homem)	
1098/100	Exílio em França (Lião e Cluny) e Roma (1099) <i>De conceptu virginali et de peccato originali</i> (Sobre a concepção virginal e o pecado original) <i>Meditatio de humana redemptione</i> (Meditação sobre a redenção humana)	Polémica das investiduras em Inglaterra
1100	Em Setembro regressa a Inglaterra	(1001) Roberto da Normandia invade Inglaterra. Anselmo apoia Henrique I
1102	Conclui o <i>De processione Sancti Spiritus</i> (Sobre a processão do espírito Santo)	
1103/6	Novo exílio em Roma, Lyon e Bec	
1106	Regresso a Inglaterra (em Agosto)	Henrique I reúnica a Inglaterra
1107/8	Conclui o <i>De concordia praescientiae et praedestinationis et gratiae Dei cum libero arbitrio</i> (Sobre a concordância da presciência e da predestinação e da graça de Deus com o livre arbítrio)	(1108) Guilherme de Champeaux deixa o ensino e retira-se para o mosteiro de S. Vítor de Paris
1109,	(Abril 21) Anselmo morre em Cantuária. O <i>De potestate et</i>	Eadmero completa a <i>Vita</i>

	<i>impotentia, possibilitate et impossibilitate, necessitate et libertate</i> fica <i>Anselmi</i> inacabado
1163	Em Maio, o arcebispo Thomas Becket pede ao papa Alexandre III, no concílio de Tours, a canonização de Anselmo, sendo o caso remetido para o concílio de bispos de Inglaterra. Não há registo de uma decisão formal, mas Anselmo desde então é considerado e venerado como santo.
	Na Idade Média Anselmo será considerado Doutor da Igreja, com o título de Doutor Magnífico .

I. Obras

II. Edições

Edição crítica:

S. Anselmi Opera Omnia, ed. F. S. Schmitt, vol. I, Seckau 1938; vol. I (repr.)-IV, Edinburgh 1946-1961 (reprint: Frommann-Holzboog, Stuttgart – Bad Cannstatt 1968).

III. Traduções

Edições bilingues completas:

L'oeuvre de S. Anselme de Cantorbery, t. 1, pp. 328-317, Ed. du Cerf, Paris 1986. [ed. bilingue, reprodução em fac-simile da ed. crítica com tradução francesa defronte].

Obras completas de San Anselmo, 2 vol. (Biblioteca de Autores cristianos, 82 e 100) La Editorial Católica, Madrid 1952 e seg. [edição bilingue].

ANSELMO D'AOSTA, *Opere*, a cura di Inos Biffi e Costante Marabelli, Jacka Book, Milano 1990-seg. [edição bilingue].

IV. Estudos

A bibliografia sobre Anselmo é inumerável, embora maioritariamente centrada nos argumentos da existência de Deus e sua influência.

A mais completa e interessante **biografia intelectual** de Anselmo encontra-se em:

SOUTHERN, R.W., *Saint Anselm, a Portrait in a Landscape*, Cambridge University Press, Cambridge 1990 (reprint 1993).

Abordagem ampla e plural da **vida e pensamento** de Anselmo, inserido na sua época, encontra-se nos volumes:

AAVV, *Specilegium Becense*, I. *Congrès International du IXe centenaire de l'arrivée d'Anselme au Bec*, Vrin, Paris 1959.

AAVV, *Les mutations socio-culturelles au tournant des XIe-XIIe siècles. Études anselmiennes*, CNRS, Paris 1984.

GILBERT, P. – H. KOHLENBERGER – E. SALMANN (cur.), *Cur Deus Homo. Atti del Congresso Anselmiano Internazionale, Roma 21-23 maggio 1998* (Studia Anselmiana, 128), coord. de, Pontificio Ateneo S. Anselmo, Roma 1999.

LUSCOMBE, D.E. – EVANS, G.R. (eds.), *Anselm: Aosta, Bec and Canterbury. Papers in Commemoration of the Nine-Hundredth Anniversary of Anselm's Enthronement as Archbishop, 25 September 1093*, Sheffield Academic Press, Sheffield 1996.

Obras gerais

PARODI, Massimo, *Il conflitto dei pensieri. Studio su Anselmo d'Aosta*, (Quodlibet, 3) P.L. Lubrina, Bergamo 1988.

HOLOPAINEN, Toivo J., *Dialectic and Theology in the Eleventh Century*, (STzGdM, 54) E.J. Brill, Leiden 1996 [Sobre a filosofia no século XI e as suas quatro figuras cimeiras: Pedro Damiano, Lanfranco, Berengário e Anselmo].

Anselmo na internet

Não há muitas páginas sobre Anselmo ou as suas obras.

WILLIAMS, Thomas, «Saint Anselm», *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* → <http://plato.stanford.edu/entries/anselm/>

Jasper Hopkins home page → <http://cla.umn.edu/sites/jhopkins/> (inclui tradução inglesa das obras e artigos)

IEPh: → <http://www.utm.edu/research/iep/a/anselm.htm>

Estudos: Anselmo, o *Proslogion* e o(s) argumento(s) da existência de Deus

BARTH, Karl, *Fides quaerens intellectum. La preuve de l'existence de Dieu*, Delachaux-Niestelé, Neuchâtel 1958.

BRITO, António José de, «As recentes controvérsias sobre o argumento ontológico», revista portuguesa de Filosofia 44 (1988) 249-286 [reed. em: A.J. BRITO, *Razão e dialética. Estudos de Filosofia e História da Filosofia* (Estudos gerais. Série universitária), IN-CM, Lisboa 1994, pp. 193-217].

CATTIN, Yves, *La preuve de Dieu. Introduction à la lecture du Proslogion*, Vrin, Paris 1986.

CATTIN, Yves, «Anselme de Canterbury, *Proslogion*», in *Gradus philosophique* (GF 773), Flammarion, Paris 1996 (4ª ed.), pp. 17-32.

DECORTE, Jos, «Medieval Philosophy as a “Second Voyage”. The case of Anselm of Canterbury and of Nicholas of Cusa», *Mediaevalia. Textos e estudos* 7-8 (1995) 127-151.

VAN FLETTEREN, Frederick, «Augustine's Influence on Anselm's *Proslogion*», in D.E. LUSCOMBE – G.R. EVANS (eds.), *Anselm: Aosta, Bec and Canterbury. Papers in Commemoration of the Nine-Hundredth Anniversary of Anselm's Enthronement as Archbishop, 25 September 1093*, Sheffield Academic Press, Sheffield 1996, pp. 56-.

GALLONIER, Alain, «Autosuffisance et autoprobança dans l'argument du *Proslogion* de saint Anselm», *Archives de Philosophie* 59 (1996) 531-553.

GALVAN, Sergio, «Aspetti problematici dell'argomento modale di Anselmo», *Rivista di storia della filosofia* 48 (1993) 587-609.

GIL, Fernando, «O Deus por si», em IDEM, *A convicção*, trad. A Cardoso – M. Lança, (Campo da Filosofia) Campo das Letras, Porto 2003, pp. 137-154 [ed. orig., Ed. Flammarion, Paris 2000].

GILSON, Étienne, «Sens et nature de l'argument de saint Anselme», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire sur le Moyen Age* 9 (1934) 5-51; reprint em: E. GILSON, *Études médiévales*, Vrin reprise, Paris 1983, pp. 53-99.

HARTSHORNE, Charles, *Anselm's Discovery: A Re-examination of the Ontological proof for God's Existence* (The Open Court Library of Philosophy) Open Court, Lasalle (Ill.) 1965.

HENRY, Desmond Paul, «*Aliquid quod nihil maius cogitare possit* counterpart of *homo mortuus*», *Rivista di storia della filosofia* 3/1993, 513-525.

KIENZLER, Klaus, «*Proslogion* 1: Form und Gestalt», in D.E. LUSCOMBE – G.R. EVANS (eds.), *Anselm: Aosta, Bec and Canterbury. Papers in Commemoration of the Nine-Hundredth Anniversary of Anselm's Enthronement as Archbishop, 25 September 1093*, Sheffield Academic Press, Sheffield 1996, pp. 38-.

LABBÉ, Yves, «Cogito et Cogitatum dans l'unique preuve de Dieu. Saint Anselm et Descartes», *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, 73 (1989) 345-368.

LABBÉ, Yves, «Foi et intelligence dans l'unique argument. Un plan pour *Proslogion* II-IV», *Revue philosophique de Louvain*, 79 (1990) 345-368

LOSONCY, T., «The *Proslogion* Argument and the Anselm Cogito», in D.E. LUSCOMBE – G.R. EVANS (eds.), *Anselm: Aosta, Bec and Canterbury. Papers in Commemoration of the Nine-*

- Hundredth Anniversary of Anselm's Enthronement as Archbishop, 25 September 1093*, Sheffield Academic Press, Sheffield 1996, pp. 238-246.
- MACEDO, José Maria da Costa, «Anselmo e a astúcia da Razão», *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Série de Filosofia*, 12-13 (1995-1996) 214-315.
- MACEDO, José Maria da Costa, «Anselmo e a astúcia da Razão. 2ª parte: Fé e razão no *Proslogion – Liber apologeticus*», *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Série de Filosofia*, 14 (1997) 261-329.
- MACEDO, José Maria da Costa, «Anselmo e a astúcia da Razão (Continuação da 2ª parte e conclusão geral)», *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Série de Filosofia*, 14-15 (1998-1999) 213-325.
- MARION, Jean-Luc, *Questions cartésiennes*. vol. I: *Methode et métaphysique*. vol. II: *Philosophes d'aujourd'hui*, PUF, Paris, 1991, 1996.
- MARTINES, Paulo Ricardo, O “argumento único” do *Proslogion* de Anselmo de Cantuária (Filosofia 53), EDIPUCRS, Porto Alegre 1997.
- MCEVOY, James, «La preuve anselmienne de l’existence de Dieu est-elle un “argument ontologique”? À propos de trois interprétations récentes», *Revue philosophique de Louvain* 92 (1994) 167-183.
- * MESQUITA, António Pedro, «O conflito das racionalidades. A propósito da crítica kantiana do argumento ontológico», in *Colóquio Religião, história e razão da Aufklärung ao romantismo*, ed. Colibri, Lisboa 1994, pp. 125-146
- PLANTINGA, Alvin, *The Ontological Argument: from St. Anselm to Contemporary Philosophy*, Garden City (N.Y.) 1965.
- DE RIJK, Lambert Marie, «Croire et savoir: les arguments de l’existence de Dieu d’Anselme à Occam» cap. 5 de *La philosophie au Moyen Âge*, E.J. Brill, Leiden 1985, pp. 106-141.
- VANDERJAGT, A.J. «The Performative Heart of Anselm's *Proslogion*», em: D.E. LUSCOMBE – G.R. EVANS (eds.), *Anselm: Aosta, Bec and Canterbury. Papers in Commemoration of the Nine-Hundredth Anniversary of Anselm's Enthronement as Archbishop, 25 September 1093*, Sheffield Academic Press, Sheffield 1996, pp. 229-237.
- VUILLEMIN, Jules, *Le Dieu de Anselme et les apparences de la raison*, Aubier-Montaigne, Paris 1971.
- XAVIER, Maria Leonor, «O argumento ontológico. Kant e Santo Anselmo», in *Colóquio Religião, história e razão da Aufklärung ao romantismo*, ed. Colibri, Lisboa, 1994, pp.107-123.
- XAVIER, Maria Leonor, «A prova anselmiana segundo Karl Barth», *Philosophica* 5 (1995) 103-121.
- XAVIER, Maria Leonor, *Razão e ser. Três questões de ontologia em Santo Anselmo*, Dissertação de doutoramento em Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa 1994, 718 pp.; resumo in *Philosophica* 5 (1995) 103-121.

Proslogion/argumento na internet

- Burr, D., *Anselm and Aquinas on God's existence*. → <http://www.majbill.vt.edu/history/burr/AA.html>
- BURR, D., *Anselm on God's existence*. → <http://www.majbill.vt.edu/history/burr/Anselm.html>
- KLIMA, G., *Saint Anselm's Proof: A Problem of Reference, Intentional Identity and Mutual Understanding*. → <http://www.fordham.edu/gsas/phil/klima/anselm.htm>
- OPPY, Graham, «Ontological Arguments», *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* → <http://plato.stanford.edu/entries/ontological-arguments/>

Estudos sobre a recepção do argumento (Idade Média e Idade Moderna)

- GRASSI, Onorato, «L'argomento del *Proslogion* in alcuni autori del XIV sec.», *Rivista di storia della filosofia* 48 (1993) 637-655.

HALSALL, Paul, *Philosophers' Criticisms of Anselm's Ontological Argument for the Being of God*: → <http://www.fordham.edu/halsall/basis/anselm-critics.html>

SARANYANA, Josep, «La recepción del argumento anselmiano en la Escolástica del siglo XIII (1220-1270)», in *Veritate catholicae. Festschrift für Leo Scheffczyk*, Pattloch, Aschaffenburg 1985, pp. 612-627.

Posteridade e antecedentes do argumento único / prova da existência de Deus

LABBÉ, Yves, «Sur l'unité de l'unique preuve de Dieu», *Revue Thomiste* 90 (1990) 194-229.

O *De veritate*

CAVINI, Walter, «Verità e inerenza. Una analisi del “De veritate Anselmiano», *Rivista di storia della filosofia*, 48 (1993), pp. 569-585.

FREITAS, Manuel da Costa, «Verdade, rectidão e justiça em S. Anselmo», *Biblos* 62 (1986) 43-50.

POUCHET, Robert, *La rectitudo chez Saint Anselm*, Vrin, Paris 1964.

Cur Deus Homo

XAVIER, Maria Leonor, «Christologie et Théodicée dans le *Cur Deus Homo* de saint Anselme», in *Cur Deus Homo. Atti del Congresso Anselmiano Internazionale, Roma 21-23 maggio 1998* (Studia Anselmiana, 128), coord. de P. Gilbert, H. Kohlenberger, ed. E. Salmann, Roma, Pontificio Ateneo S. Anselmo, 1999, pp.503-514.

6.2.4. Abelardo

Quadro 5.
Abelardo e o seu tempo

Data	Abelardo	Acontecimentos
1079	Nasce em Le Pallet, Bretanha. Fr	
1093-1099	Frequenta escolas em Toours e Loches, onde se torna discípulo de Roscelino	
c. 1101	Discípulo de Guilherme de Champeaux, em Paris.	
1102-1105	Abre escola em Melun, depois em Corbeil, ensinado lógica com grande sucesso.	Início da polémica das investiduras.
1105/8	Doente, retira-se para a Bretanha	
1108	Frequenta de novo a escola de Guilherme de Champeaux, em Paris, com quem discute os universais.	Morte de Anselmo de Cantuária
1109-1112	Regresso ao ensino, em Melun, logo a seguir em Paris onde funda escola no monte de Santa Genoveva,	
1113	Frequenta lições de Teologia de Anselmo de Laon. Escreve o <i>Comentário sobre Ezequiel</i> (perdido).	
1114-1177	Ensina Teologia, filosofia e lógica em Paris. Heloísa, sobrinha do cônego Fulberto, como aluna. Nascimento do filho Astrolábio (1116). Casamento com Heloísa em segredo. Escreve a <i>Lógica “Ingredientibus”</i> e terá começado a <i>Dialectica</i> .	Em Portugal Afonso Henriques sucede ao pai, sob tutela da mãe. (1115) Bernardo funda o mosteiro de Claraval. Adelardo escreve <i>De eodem et diverso</i> .
1117	Abelardo é emasculado, por ordem do tio de Heloísa	Morte de Anselmo de Laon
1118	Abelardo e Heloísa fazem votos monacais. Monge na abadia de Saint-Denis.	Libertação de Saragoça. Maurício Burdino, bispo de Braga, é feito anti-papa.
1120-1121	Completa a <i>Teologia “Do sumo bem”</i> , depois condenada (sem debate e sem possibilidade de defesa) no Concílio de Soissons (1121), obra que será depois transformada em <i>Theologia Christiana</i> .	Morte de Roscelino Morte de Guilherme de Champeaux (1121/2)
1122-1124	Funda o oratório do Paráclito. Inicia o <i>Pró e contra (Sic et non)</i> e a <i>Teologia Cristã</i> .	Morre Bernardo de Chartres.
1125-1128	Abade de Sainte-Gildas (Vannes, Bretanha), cujos monges tentam assassiná-lo. Heloísa Abadessa do Paráclito. Neste período terá escrito <i>História das minhas calamidades</i> e a <i>Ética</i> .	Hugo de S. Victor começa a ensinar. Adelardo de Bath traduz obras do árabe.
c. 1136-1140	Ensina de novo dialética em Paris, em Santa Genoveva, onde tem como discípulos Arnaldo de Brescia e João de Salisbúria. Escreve comentários bíblicos e obras de lógica. Hostilidade de Guilherme de S. Teodorico e Bernardo de Claraval	(1130) Hugo de S. Victor termina o <i>Didascalicon</i> .
1134	Início da troca de cartas com Heloísa	
1140	Responde a Bernardo com a <i>Apologia contra Bernardum</i> . Concílio de Sens condena ao fogo obras de Abelardo, que apela ao papa.	(1137) morte do filósofo persa Avicena. (1139) Bernardo escreve cona Abelardo.
1141-1142	No percurso (1141) para Roma Pedro o Venerável convence-o a ficar em Cluny, onde ensina e escreve a terceira versão da <i>Theologia</i> , talvez o <i>Dialogus</i> , e outros textos. Morre a 21 de Abril de 1242.	Gilberto Porretano ensina em Paris. Morte de Hugo de S. Victor
1162	Morte de Heloísa	

I. Obras.Teologia*Expositio orationis dominicae.**Expositio symboli Apostolorum.**Expositio fidei in symbolum Athanasii.**Hexaëmeron.**Commentaria in Epistolam Pauli ad Romanos.**Problemata Heloissae cum Petri Abaelardi solutionibus.*Lógica*Dialectica.**Introductiones parvulorum.**Logica 'ingredientibus': Coment. a Isagoge;**Logica 'nostrorum petitioni sociorum'. (Coment.: Porfírio, Isagoge).**Categoriae; Coment. a De interpretatione.**De topicis differentiis. (2 versões).*Filosofia*Collationes = Dialogus inter Philosophum, Iudaeum, et Christianum.**Ethica seu Scito teipsum.*Cartas*Historia calamitatum.**Epistolae.*Hinos*Hymnarius Paraclitensis.**Planctus.**Carmen ad Astralabium.***Edições***Petri Abaelardi Opera omnia*, Patrologia latina, vol. 178 (reimpr Brepols, Turnhout 1995).*Petri Abaelardi opera theologica* (Corpus christianorum. Continuatio mediaevalis), Brepols, Turnhout 1969 (em curso de publicação).(referências a todas as edições em KING, Peter, «Peter Abelard», *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, cit. abaixo).**Biografia intelectual**BALLANTI, Graziella, *Pietro Abelardo: la rinascita scolastica del XII secolo*, (Biblioteca di cultura, 194) La Nuova Italia, Firenze 1995.CLANCHY, M. T., *Abelard, a Medieval Life*, Blackwell, Oxford 1999.**Estudos**BROWER, Jeff – Kevin GUILFOY (eds.). *The Cambridge Companion to Abelard*, New York: Cambridge University Press 2004CARVALHO, Mário Santiago de, *Lógica e paixão: Abelardo e os universais*, Edições Minerva, Coimbra 2001.JOLIVET, Jean, *Abélard ou la philosophie dans le langage*, pres. choix de textes, bibliographie, (Vestigia. Pensée antique et médiévale, 14) Éditions Universitaires de Fribourg, Fribourg 1994 [1ª ed.: Seghers, Paris 1969].

- JOVILET, Jean – Henri HABRIAS (eds.), *Pierre Abélard: colloque international de Nantes*, (Histoire) Presses Universitaires de Rennes, Rennes 2003.
- LUSCOMBE, David, *The School of Peter Abelard*, Cambridge University Press, Cambridge 1969.
- MARENBOON, John, *The Philosophy of Peter Abelard*, Cambridge University Press, Cambridge 1997.

Web

- KING, Peter, «Peter Abelard», *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Edward N. Zalta (ed.),
→ <http://plato.stanford.edu/entries/abelard/>
- KING, Peter, *Resources for research in Mediaeval Philosophy*, →
<http://individual.utoronto.ca/pking/resources/index.html> (ver secção Abelard, todas as obras, em latim).

6.2.5. Tomás de Aquino

Quadro 6

Tomás de Aquino e o seu tempo

Data	Tomás	Acontecimentos
1224/5	Tomás, filho dos nobres de Aquino, nasce em Roccasecca (perto de Nápoles)	Federico II funda a universidade de Nápoles.
1230/39	Oblato no mosteiro beneditino de Monte-Cassino.	(1129) greves na Universidade de Paris.
1239-1244	Estudos em Nápoles. Em 1244 toma o hábito negro dos frades dominicanos.	João de Rochela e Alexandre de Halles ensinam em Paris
1244-1245	Detenção forçada pela sua família em Roccasecca.	Concílio de Lião depõe e excomunica o imperador Federico II.
1245	É autorizado pela família a reingressar nos dominicanos.	
1245-1248	Estudos em Paris (com Alberto Magno).	Roberto Grossatesta traduz do grego a <i>Ética a Nicómaco</i> .
1248-1252	Estudante e assistente de Alberto Magno em Colónia: <i>Comentário de Isaías</i> .	(1250) Boaventura ensina as <i>Sentenças</i> de Pedro Lomb.
1252-1256	Primeiro ensino em Paris como "bacharel de <i>Sentenças</i> ": <i>Escrito (Comentário) sobre as sentenças; Sobre o ente e a essência; Sobre os princípios da natureza</i> .	Afonso X, o sábio, rei de Castela.
1256	(primavera) Tomás recebe o grau de "Mestre em Teologia".	
1256-1259	Mestre-regente em Paris. Escreve: <i>Questões disputadas sobre a verdade e Quodlibetos VII-XI; Comentário sobre o «Acerca da Trindade» de Boécio; Contra os impugnadores do culto e religião de Deus</i> .	Novos estatutos para a Faculdade de Artes de Paris e novo plano de estudos.
1257	(agosto) Tomás e Boaventura de Bagnorea são admitidos no <i>consortium magistrorum</i> .	Boaventura escreve <i>Breviloquium e De reductione artium</i> .
1259	Regresso a Itália.	
1261-1265	Leitor conventual em Orvieto. Escreve: <i>Suma contra os Gentios</i> (fim); <i>Comentário de «Job»</i> ; <i>Cadeia áurea («Mateus»)</i> ; <i>Contra os erros dos gregos</i> ; etc.	(1262) Papa Urbani VI proíbe ensino do aristotelismo em Paris, sem consequências.
1265-1268	Mestre-regente em Roma. Escreve: <i>Suma de Teologia, Iª parte; Cadeia áurea («Marcos, Lucas, João»); Questão sobre a potência; Sentenças (Comentário) sobre o «Acerca da alma» de Aristóteles; Compêndio de Teologia</i> .	(1267) Boavenura publica as <i>Collationes de decem praeceptis</i> .
1268-1272	Segunda regência em Paris. Escreve: <i>Suma de Teologia, IIª parte</i> (em duas partes); <i>Comentário de «Mateus»</i> ; <i>Comentário de «João»</i> ; <i>Questões sobre o mal; Sobre a unidade do intelecto; Sobre a eternidade do mundo; Comentários de Aristóteles; Quodlibetos I-VI e XII</i> ; etc.	(1270) bispo de Paris afixa condenação de 13 teses filosóficas, ao que se segue uma crise na Faculdade de Artes.
1272-1273 (dez.)	Mestre-regente em Nápoles. Escreve: <i>Suma de Teologia, IIIª parte</i> qq. 1-90 (incompleta, será completada pelo secretário); (?) <i>Comentário das «Epístolas aos Romanos»</i> ; (?) <i>Comentário sobre os «Salmos 1-154»</i> .	(1272) Boavenura publica as <i>Collationes in Hexaemeron</i> . Egídio Romano bacharel bíblico.
1274	(7 março) Morte em Fossanova (a sul de Roma) em viagem para o concílio de Lyon.	Novos estatutos da Faculdade de Medicina.
1332	(18 julho) Canonização em Avignon, pelo papa João XXII	
1567	(15 abril) Tomás proclamado "Doutor da Igreja": <i>Doutor angélico</i>	
1879	Leão XIII, pela bula <i>Aeterni patris</i> recomenda o estudo de Tomás, entre outros.	

II. Obras

Uma detalhada sistematização das obras de Tomás, acompanhada por informações individualizadas sobre composição e cronologia, com referências a edições, traduções e estudos críticos encontra-se em :

EMERY, Giles, «Bref catalogue des oeuvres de Thomas d'Aquin», in J.-P. TORREL, *Initiation à Thomas d'Aquin*, Ed. du Cerf, Paris 1993 (pp. 483-525).

1. Edições de referências das obras de Tomás de Aquino

Divi Thomae Aquinatis Opuscula Philosophica, cura et studio, P. Fr. Raymundi M. SPIAZZI OP, Taurini-Romae, 1954.

Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia, Ed. Marietti, Torino-Roma

Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia, iussu Leonis XIII P.M. edita, Roma 1882- segg. (em curso de publicação).

Thomae Aquinatis Opera Omnia cum hypertextibus in CD-ROM auctore Roberto Busa S.J., editio altera, Editoria Elettronica Editel – Frommann-Holzboog, Milano – Stuttgart 1996. Agora disponível on-line em

Edições da *Suma de Teologia*

Sancti Thomae de Aquino, *Summa Theologiae*, [em 1 vol.] Ed. Paulinae, Torino 1988 (2ª ed.).

San Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* [só texto latino, em 5 vol.] (Biblioteca de autores cristianos, série Maior, 31, 35, 36,..., antes publicada na série Menor: 77, 80, 81, 83, 87) la Editorial Católica, Madrid 1955-seg...

San Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* [texto bilingue, em 17 vol.] (Biblioteca de autores cristianos) La Editorial Católica, Madrid.

2. Instrumentos de pesquisa sobre o pensamento de Tomás

Bibliografias

A bibliografia sobre Tomás é inumerável. Desde 1924 existe um boletim anual que é dedicado a assinalar todos os estudos publicados sobre Tomás e a sua influência:

BOURKE, V.J., *Thomistic Bibliography 1920-40*, St. Louis University Press, St. Louis 1945.

INGARDIA, R., *Thomas Aquinas. International Bibliography 1977-1990*, The Philosophy Documentation Center, Bowling Green, Ohio 1993.

Medioevo latino. Bolletino bibliografico della cultura europea da Boezio a Erasmo (secoli VI-XV), [em cada volume anual na secção Autori, verbete “Thomas de Aquino”, apresenta as edições e estudos sobre Tomás, de longe o mais estudado dos autores medievais (cf. vol. 26, 2005, pp. 544-572)].

MIETH, T.L. – BOURKE, V.J., *Thomistic Bibliography 1948-1978*, Greenwood Press, Westport 1980.

Rassegna di letteratura tomistica, Napoli, 1 (1969) – 27 (1994). (nos anos 1924-1968 com o título *Bulletin thomiste*, Le Saulchoir).

Léxicos. Concordâncias. Dicionários

Index Thomisticus. Sancti Thomae Aquinatis Operum Omnium Indices et concordantiae, cura R. BUSA, 49 vol., Frommann-Holzboog, Stuttgart 1974-1980.

MONDIN, B., *Dizionario enciclopédico del pensiero di San Tommaso d'Aquino* (col. "In unum") Ed. Studio domenicano, Bologna 1991.

SCHÜTZ, L., *Thomas-Lexikon*, Ferdinand Schöningh Verl., Münster 1885 (reprint Frommann Holzboog, Stuttgart 1958).

3. Obras

Existem múltiplas edições latinas das obras de Tomás. Contudo, os especialistas ainda discutem o estabelecimento do texto mais fiel ao original de cada uma delas. O Papa Leão XII lançou o projecto de uma edição crítica das obras completas de Tomás que está em publicação desde 1882, a qual é conhecida como Edição Leonina. Até 1996 foram publicados 29 tomos (dos 50 previstos). Esta edição ainda está em curso e longe de estar concluída, ao mesmo tempo que decorrem as investigações para a revisão de alguns dos textos editados, entre eles o da *Suma de Teologia*, mesmo assim aqueles volumes oferecem o texto latino de referência científica, pois é o texto latino da edição leonina que se encontra na generalidade das edições actuais da *Suma de Teologia* e que serve de base às mais recentes traduções.

Edições e traduções em português

Apesar da profunda influência exercida por Tomás de Aquino sobre o pensamento português, apenas quatro obras, todas de curta dimensão, se encontram traduzida em português europeu a partir do latim:

- *De ente et essentia*. Duas traduções: *O ser e a essência*, por A.S. Pinheiro, Braga 1984; *O ente e a essência*, trad. por M.S. de Carvalho, Ed. Contraponto, Porto 1995; e por H.P. Rema, Porto 2001 (cfr. *Principia naturae*).
- *A eternidade do mundo*, (edição bilingue) trad. J.M. Costa Macedo, in *Mediaevalia. Textos e estudos* vol. 9 (1996).
- *A unidade do intelecto contra os averroístas* (edição bilingue), trad. M.S. de Carvalho, ed. 70, Lisboa 1999.
- *Principia naturae*. Duas traduções: *Princípios da natureza*, trad. R.D. Borges de Meneses, Porto ed., Porto 2001; *Os princípios da realidade naturais. O ente e a essência*, trad. H.P. Rema, Elementos Sudoeste, Porto 2003.

Um excerto sobre o conhecimento, do *Comentário aos Analíticos posteriores* (II, lição 20, nº 591-598) encontra-se em:

RÜPPEL, E., *A captação da realidade...*, pp. 149-151.

A partir do francês foram traduzidas as partes da *Suma de Teologia* relativas à ciência jurídica:

- qq. 57-79 da IIª IIª^{ae} sob o título *Tratado da justiça*, trad. F. Couto, Rés Ed., Porto s.d.;
- qq. 90-108 da Iª IIª^{ae} sob o título *Tratado da lei*, trad. F. Couto, Rés ed., Porto s.d.

O panorama é bem diferente quanto ao português do Brasil, onde foram traduzidas diversas obras de Tomás de Aquino, com preferência para os textos teológicos ou os textos de curta dimensão:

Suma de Teologia (trad. A. Corrêa, que conta já com várias ed.: 1934/seg., 1944/61 e 1980/1); *Compêndio de Teologia* (trad. O. Moura, Presença, Rio de Janeiro 1987); *O ente e a essência* (trad. J. Cretela Júnior, São Paulo, s. ed. 1952; trad. O. Moura, Presença, Rio de Janeiro 1981; trad. C.A.R. Nascimento, Ed. Vozes, São Paulo 1995); *Exposição sobre o credo* (trad. O. Moura, E. Loyola, São Paulo 1981); *O Pai-Nosso* (trad. ?, Ed. Permanência, Rio de Janeiro 1979); *Do governo dos príncipes* (trad. A.V. Santos, Ed. Anchieta, São Paulo 1946); *Do governo dos príncipes ao rei de Cipro. Opúsculo do governo dos judeus* (trad.?, ed. J. Buschatski, São Paulo 1954); *Suma contra os gentios* (2 vol., trad. O. Moura e outros, EST, Porto Alegre 1990 e 1995); *Verdade e conhecimento* [*Questão disputada sobre a Verdade*, 1; *Sobre a diferença entre a*

palavra divina e a humana; Sobre o verbo, QDdV 4], trad. L.J. Lauand, Martins Fontes, São Paulo 1999; *Sobre o ensino (De magistro). Os sete pecados capitais*, trad. L.J. Lauand, Martins Fontes, São Paulo 2001; *Suma de Teologia. Primeira parte, questões 84-89* (bilingue), trad. introd Carlos A.R. do Nascimento, EDUFU, 2004. Também foi publicada uma colectânea de textos (*O ente e a essência, Sobre a verdade, Compêndio de Teologia*, col. Os Pensadores, ed. Nova cultural, São Paulo 1974).

A *Suma de Teologia*, com tradução de A. Corrêa, foi publicada sob o título *Suma Teológica* em 1934 e seguintes (ed. Odeon, S. Paulo) e foi reeditada várias vezes (em 60 vol. em São Paulo 1944-1961), a última das quais com revisão por L.A. De Boni e o texto latino da edição leonina lado a lado (em 11 vol., EST, Porto Alegre 1980-1981).

II. Na internet

Corpus completo em: Corpus Thomisticum → www.corpusthomisticum.org [inclui obra integral em latim; bibliografia completa]

Les oeuvres complètes de saint Thomas d'Aquin en français → <http://docteurangelique.free.fr/fichiers/page.htm>

De principiis naturae / On the Principles of Nature (trad. ing.):
→ <http://www.epas.utoronto.ca:8080/%7Eloughlin/Nature.html>

Summa Contra Gentiles (trad. ingl. Joseph RICKABY – M.A. LOND, Burns and Oates, London 1905): → <http://www.nd.edu/Departments/Maritain/etext/gc.htm>

Summa theologiae / Somme Théologique (trad. francesa (Editions du Cerf):
→ <http://panoramix.univ-paris1.fr/CHPE/Textes/Thomas/somme.html>

Summa theologiae / The Summa Theologica (Transl. by the Fathers of the English Dominican Province, 1947; Hypertext version 1995): → <http://www.knight.org/advent/summa/summa.htm>

Várias obras [em latim]: → <http://www.dominikanie.pl/tomasz/index.htm>

III. Estudos

As duas mais completas e minuciosas **biografias intelectuais** de Tomás são as obras de:

WEISHEIPL, J.A., *Friar Thomas d'Aquino. His Life, Thought and Works*, Catholic University of America Press, Washington 1983 (2ª ed.). Trad. francesa: *Frère Thomas d'Aquin. Sa vie sa pensée, ses œuvres*, trad. Ch. Lotte – J. Hoffmann, (Histoire) Cerf, Paris 1993; trad. castelhana: *Tomás de Aquino. Vida, obras y doctrina*, trad. F. Hevia, (colección de Filosofía y Ciencias Sociales) Euns, Pamplona 1994.

* TORRELL, J.-P., *Initiation à saint Thomas d'Aquin. Sa personne et son œuvre* (Vestigia 13) Cerf – Editions universitaires de Fribourg, Paris – Fribourg 1993 [trad. bras.: *Iniciação a Santo Tomás de Aquino. Sua pessoa e obra*, trad. L.P. Rouanet, Ed. Loyola, S. Paulo 1999].

O volume de G.K. CHESTERTON, *S. Tomás de Aquino*, trad. A.L. Dória, Livraria Cruz, Braga 1947 (2ª ed.), contém uma biografia datada, mas com modelar fluência literária.

Para além da actualizada obra de J.-P. Torrell, a melhor **introdução à leitura da obra** de Tomás continua a ser:

CHENU, M.-D., *Introduction à l'étude de saint Thomas d'Aquin*, Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1974 (3ª ed.).

Estudos de conjunto sobre o **pensamento** de Tomás são oferecidos pelas obras:

- * GILSON, E., *Le thomisme. Introduction à la philosophie de Saint Thomas d'Aquin* (Études de philosophie médiévale, 1) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1972 (6ª ed.).
- KENNY, A., *São Tomás de Aquino*, trad. M.M. Pecegueiro (Mestres do passado, 1) D. Quixote, Lisboa 1981. [obra muito interessante, servida por tradução deficiente e a usar com cuidado].
- KRETZMANN, N. – E. STUMP (eds) *The Cambridge Companion to Aquinas*, Cambridge University Press, Cambridge 1993.
- PIEPER, Josef, *Introducción a Tomás de Aquino* [tit. or.: Einführung zu Thomas Aquinas. Zwölf Vorlesungen; 1958], in J. PIEPER, *Filosofia medieval y mundo moderno*, trad. R. Cercós, Rialp, Madrid 1973, pp. 203-391.
- RASSAM, J., *Tomás de Aquino*, trad. (Biblioteca básica de filosofia, 8) Ed. 70, Lisboa 1980.
- SERTILLANGES, A.-D., *As grandes teses da filosofia tomista*, trad. L.G.F. Silva (Critério, 23) Livraria Cruz, Braga 1951. [obra mais tomista que tomasiana]
- STUMP, Eleonore, *Aquinas*, (The Arguments of the Philosophers) Routledge, London-New York 2003.
- TORRELL, J.-P., *Thomas d'Aquin Maître spirituel*, (Vestigia Cerf – Editions universitaires de Fribourg, Paris – Fribourg 1997.
- VAN STEENBERGHEN, F., *O tomismo*, trad. J.M.C. Pontes (Panfletos) Gradiva, Lisboa 1990.

Na *Logos, enciclopédia luso-brasileira de filosofia* encontra-se um artigo geral sobre Tomás. Também as histórias da filosofia incluem, habitualmente, estudos monográficos ou capítulos sobre Tomás de Aquino.

Ver também as introduções dos volumes, citados acima, com traduções de obras de Tomás em português.

— Estudos particulares sobre o **homem, alma, o conhecimento**:

- BAZÁN, B.C., «La corporalité selon saint Thomas», *Revue philosophique de Louvain*, 51 (1983) 369-409.
- BOGLIOLO, L., «A estrutura do espírito em Tomás de Aquino», *Filosofia* 16 (1958) 232-247.
- CELANO, Anthony J., «Act of the Intelligence or Act of the Will: the Critical Reception of Aristotle's Ideal of Human Perfection in the 13th and Early 14th Centuries», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge* 57 (1990) 93-119.
- DONOGAN, A., «Thomas Aquinas on Human Action», in N. KRETZMANN et al. (eds) *The Cambridge History of Later medieval Philosophy*, Cambridge Univ. Press, Cambridge 1982, pp. 642-654.
- ENES, J., *À porta do ser. Ensaio sobre a justificação noética do juízo de percepção externa em S. Tomás de Aquino*, Difusão Dislar, Lisboa s.d. [1969]; reed.: (Filosofia 2) JNICT, Lisboa 1990.
- KENNY, A., «Philosophy of Mind in the Thirteenth Century», in Christian WENIN (ed.) *L'homme et son univers au Moyen Âge. Actes du VII.e Congrès International de Philosophie Médiévale*, Institut Supérieur de Philosophie, Louvain, 1986, pp. 42-55.
- *Aquinas on Mind*, (Topics in Medieval Philosophy) Routledge, London 1993 (repr. 1996) [Esta obra é um comentário selectivo à *Suma de Teologia* I, qq. 75-89].
- KRETZMANN, N., «Philosophy of Mind», in N. KRETZMANN – E. STUMP (eds) *The Cambridge Companion to Aquinas*, Cambridge University Press, Cambridge 1993 (pp. 128-159).

- LOBATO, A. (a cura di), *L'anima nella antropologia di S. Tommaso d'Aquino. Atti del Congresso della società Internazionale S. Tommaso d'Aquino. Roma 2-5 Gennaio 1986*, (Studia Universitatis S. Thomae in Urbe, 28) Massimo, Milano 1987.
- MOREAU, J., «L'homme et son âme», *Revue philosophique de Louvain* 74 (1976) 5-29.
- PASNAU, Robert, *Thomas Aquinas on Human Nature. A Philosophical Study of Summa Theologiae I^a 75-89*, Cambridge University Press, Cambridge 2002.
- RÜPPEL, E., «O conhecimento intelectual humano segundo S. Tomás de Aquino», *Revista portuguesa de filosofia* 24 (1968) 261-299.
- *A captação da realidade segundo S. Tomás de Aquino*, (Filosofia, 30) Livraria Cruz, Braga 1974.
- WÉBER, E.-H., *L'homme en discussion à l'université de Paris en 1270 et son retentissement sur la pensée de S. Thomas d'Aquin*, (Bibliothèque thomiste, 40) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1970.
- *La personne humaine au XIII^e siècle. L'avènement chez les maîtres parisiens de l'acception moderne de l'homme*, (Bibliothèque thomiste, 46) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1991.

Na internet

Páginas gerais

Aquinate, estudos e links, página de Paulo Faitanin, com materiais em português: → <http://www.aquinate.net>

Thomistic Philosophy Page: para introduzir ao pensamento de Tomás e dos seus seguidores. Com links a outros sítios: → <http://members.aol.com/jmageema/index.html>

Estudos

KENNEDY, D.J. *St. Thomas Aquinas and Medieval Philosophy*, New York 1919 (obra com algum interesse histórico, mas muito datada):
→ <http://www.nd.edu/Departments/Maritain/etext/staamp0.htm>

KENNEDY, D. J. «Thomas Aquinas», in *Catholic Encyclopedia*: → <http://www.knight.org/advent/cathen/14663b.htm>

PARODI, M. *Seminário de Storia della filosofia medievale on-line* (1995/96) sobre *De ente et essentia*:
→ <http://imiucca.csi.unimi.it/~mparodi/home.htm>

MCINERNEY, Ralph (importante tomista contemporâneo). Esta página contém acesso ao texto on-line da sua obra *Ethica Thomistica*, cujo capítulo 4 é «The Structure of the Human Act», → <http://www.nd.edu/~rmcinern/index.html>

6.2.6. Boécio de Dácia

Quadro 7

Boécio de Dácia e o seu tempo

Não se conhecem dados biográficos precisos sobre Boécio de Dácia. Conhece-se um pouco melhor o ambiente agitado e teoricamente muito criativo da década de 1270 na Faculdade de Artes de Paris, onde Boécio ensinou e escreveu as suas obras, e onde foi contemporâneo de Sigério de Brabante, enquanto Tomás ensina na Faculdade de Teologia. No seus opúsculos *A eternidade do mundo* e *O sumo bem* encontram-se algumas das 219 proposições que o bispo de Paris, auxiliado por uma comissão, proibiu em 7 de Março (embora seja discutível que os censores tenham apreendido exactamente o sentido do pensamento de Boécio).

Data	Boécio de Dácia	Acontecimentos
1210		Proibição de leitura pública em Paris dos <i>libri naturalí</i> e da <i>Metafísica</i> de Aristóteles
1215		Estatuto de Artes, de Roberto Courçon. Confirmação da proibição de 1210.
		Confirmação pelo papa Gregório IX da proibição da leitura pública de Aristóteles, até ser expurgado de erros conta a fé.
?	Nascimento de Boécio na Dácia (Suécia/Dinamarca)	
1255		Novo Estatuto da Faculdade de Artes da Universidade de Paris, que prescreve a obra de Aristóteles como estrutura do <i>curriculum</i>
	Estudos na Faculdade de Artes	
1270		(10 de Dezembro) Condenação pelo bispo de Paris, Estêvão Tempier, de 13 erros
c. 1265-1277	Boécio ensina na Faculdade de Artes de Paris e compõe as suas obras, entre as quais o <i>Sobre a eternidade do mundo</i> e o <i>Acerca do sumo bem</i> e comentários às obras lógicas de Aristóteles	
1272-1275		Cisão na Faculdade de Artes
1277		(7 de Março) Condenação pelo bispo de Paris, Estêvão Tempier, de 219 contra a fé ensinados na Faculdade de Artes de Paris
	Boécio de Dácia abandona Paris, sendo possível que tenha entrado para a Ordem Dominicana	

Obras

Edição crítica

As obras conhecidas de Boécio de Dácia estão publicadas em edição crítica na série *Corpus philosophorum Danicorum Medii Aevi*, publicada em Copenhaga:

- vol. IV: BOETHII DACI *Modi significandi sive Quaestiones super Priscianum Maiorem*, ed. J.Pinborg & H.Roos, 1969
- vol. V.1: BOETHII DACI *Quaestiones de Generatione*, ed G.Sajó, 1972
- vol. V.2: BOETHII DACI *Quaestiones super libros Physicorum*, ed. G.Sajó, 1974
- vol. VI.1: BOETHII DACI *Quaestiones super librum Topicorum & Opuscula*, ed. J.Pinborg & N.J.Green-Pedersen, 1976
- vol. VI.2: BOETHII DACI *Opuscula*, ed. J.Pinborg & N.J.Green-Pedersen, 1976
[Inclui: *De aeternitate mundi*; *Se summo bono*; *De somniis*]
- vol. VIII: BOETHII DACI *Quaestiones super IV^m librum Meteorologicorum*, ed. G.Fioravanti, 1979
- vol. IX: BOETHII, PETRI ALVERNIENSIS aliorumque *Sophismata*, ed. S.Ebbesen & I.Rosier (em preparação).

Traduções em português

- *A eternidade do mundo / De aeternitate mundi*, ed. bilingue. Trad. introd. e notas M.S. de CARVALHO, (Universalis 6) Ed. Colibri, Lisboa 1996.
- *Sobre o bem supremo* [De summo bono], trad. L. A. de Boni, in *Veritas* 41 (1996) 550-563.

Estudos

- CARVALHO, M.S. de, «O estatuto da filosofia em Boécio de Dácia», *Biblos* 71 (1995) 433-459.
- GILSON, Étienne, «Boèce de Dacie et la double vérité», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire sur le Moyen Age* 22 (1955) 81-99; reimpr. em E. GILSON, *Études médiévales*, Vrin reprise, Paris 1983, pp. 147-165.

Adicional

- CANTO-SPERBER, Monique (ed.), *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*, PUF, Paris 1996.

Anexos

Incluem-se aqui alguns dos formulários em uso na disciplina, relacionados com a matéria didático-pedagógica tratada neste relatório.

Anexo 1

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Licenciatura em Filosofia 2º Ano

11.09.2007
T 1/2

Filosofia Medieval I

(2007 / 2008)

Docente : José Francisco Meirinhos

Um teste diagnóstico**Interesse pela filosofia**

Como classifica o tipo do seu interesse pela Filosofia:

- | | | | |
|------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|
| ☐ Cívico | ☐ Cosmopolita | ☐ Cultural | ☐ Especulativo |
| ☐ Histórico | ☐ Passatempo | ☐ Político | ☐ Profissional |
| ☐ Religioso | ☐ Vivencial | | |

Leitura de filosofia

Classifique o seu conhecimento de línguas estrangeiras em cada um dos itens

Assinale: **N** (Nulo) **D** (Deficiente) **M** (Médio) **B** (Bom)

	conversação	leitura	escrita
Alemão			
Castelhano			
Francês			
Inglês			
Italiano			
Grego			
Latim			
Outra:			

Em que línguas prefere ler filosofia ?

- ☐ Na língua do próprio autor
☐ Em traduções para a minha língua nativa
☐ Nas traduções mais rigorosas

Conceitos**1. Faça uma seta bidireccional entre conceitos correlatos**

- Alma
- Categoria
- Contingência
- Essência
- Existência
- Experiência
- Imanente
- Liberdade
- Linguagem
- Mente
- Método
- Necessidade
- Objecto
- Razão
- Símbolo
- Substância
- Transcendente
- Universal

2. Faça uma seta bidireccional entre conceitos opostos

- Acidente
- Alma
- Contingência
- Corpo
- Erro
- Fé
- Imanente
- Liberdade
- Mente
- Necessidade
- Numénico
- Objectividade
- Razão
- Substância
- Subjectividade
- Transcendental
- Transcendente
- Verdade

Regiões filosóficas

Defina sucintamente cada uma das seguintes áreas da filosofia

- Antropologia
- Axilogia
- Cosmologia
- Epistemologia
- Estética
- Ética
- Gnosiologia
- Metafísica
- Ontologia
- Politologia
- Teologia

História da Filosofia

Em que língua escreveram e em que século viveram os seguintes filósofos? Indique ainda a “escola” ou tradição filosófica em que se inserem e o título de uma obra que tenham escrito:

	Língua	Século	Escola	Título de uma obra
Abelardo				
Agostinho				
Aristóteles				
Derrida				
Descartes				
Francisco Sanches				
Hegel				
Heidegger				
Hume				
Kant				
Leibniz				
Leonardo Coimbra				
Platão				
Sócrates				
Tomás de Aquino				
Wittgenstein				

Quem influenciou quem (com setas indique quem é que influenciou quem)

- Aristóteles
- Descartes
- Espinosa
- Hegel
- Husserl
- Kant
- Locke
- Platão
- Tomás de Aquino

Anexo 2

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Filosofia Medieval I

José Francisco Meirinhos

Temário de trabalhos de investigação

Incluem-se aqui exemplos de possíveis temas de investigação em *Filosofia Medieval I*. Alguns destes temas são demasiado gerais, pelo que o seu estudo poderá ser centrado em apenas um autor ou obra.

A escolha de um tema resultará sempre de um acordo com o aluno, com orientação de modo mais preciso e particular para o seu interesse e, sobretudo, para o estudo dos textos sobre os quais se debruçará e a literatura secundária que poderá consultar.

Podem ser investigados outros temas, mesmo que exteriores ao programa, desde que relacionados com os objectivos da unidade curricular.

A *relação* entre o *ser* e o *universal* em **Tomás de Aquino**

As “*razões eternas*” na metafísica e na gnosiologia de **Agostinho de Hipona**

As **classificações das ciências**

As *traduções* e a renovação da filosofia ao longo da Idade Média

Beleza e arte no pensamento medieval

Censura e filosofia no século XIII

Cristianismo e filosofia na *Patrística*

Dialéctica e razão. O papel da lógica na argumentação

Existência do nada e das trevas

Fé e razão no pensamento medieval. Confronto de algumas interpretações

Felicidade e fins do Homem

Há *filosofia* na Idade Média?

Há um **bem último** do homem ? Natural ou sobrenatural ?

Idade Média e Modernidade : continuidade ou ruptura?

Importância e significado do problema dos *universais*

O debate sobre a *felicidade* no **século XIII**

O problema da *abstração* : do singular ao universal

O problema da *intuição* : qual a relação entre o mundo e o conhecimento ?

O problema dos *argumentos da existência de Deus* no pensamento medieval

O que é o *nominalismo* na Idade Média ?

O que é o *realismo* na Idade Média ?

O *ente* e a *essência*

Os argumentos da existência de Deus em ...

Ser, ente e participação em **Severino Boécio** (*De que modo as coisas são boas...*)

Significado das *censuras e condenações* filosóficas na Idade Média

Anexo 3

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Filosofia Medieval I**2007-2008***Ficha de proposta de trabalho de investigação*

Nome:
.....
.....

Título (provisório):
.....
.....

Autor/autores ou tema/temas a estudar:

Breve sumário da ideia geral a desenvolver

Plano provisório (uma previsão orientadora)

Bibliografia sumária (por onde vou começar...):

Data prevista de entrega:

Data: Assinatura :

Anexo 4

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Filosofia Medieval I**2007-2008***Ficha de acompanhamento e avaliação de trabalho*

Alun@:

Título:
.....

Acompanhamento do trabalho

Data do projecto:

Progressão do trabalho:

Data de entrega 1:

Data de entrega 2:

Data de entrega final:

Tipo :

- ☐ Trabalho breve
☐ Trabalho temático
☐ Trabalho longo

Classificação

Páginas: Apresentação:

Tema / título:

Conteúdo filosófico:

Tipo de desenvolvimento:

Discussão**Data:**

Apresentação pelo aluno:

Como foi Elaborado / desenvolvido ?

Dificuldades sentidas e como foram ultrapassadas ?

Domínio da matéria e do trabalho

Comentários (continua no verso):

Índice geral

I – Introdução e opções metodológicas.....	5
0. Contexto	5
1.1. A Filosofia Medieval no plano de estudos	6
1.2. “Filosofia medieval”	11
1.3. Orientações.....	26
II – Programa de Filosofia Medieval I	29
2.1. Objectivos.....	29
2.2. Conteúdos.....	30
2.3. Métodos de ensino e componentes da avaliação	31
2.4. Materiais.....	32
2.5. URL da página da disciplina	32
III – Recursos didáctico-pedagógicos	33
3.1. Recursos básicos	33
3.2. Textos de apoio	37
IV – Métodos e avaliação	45
4.1. Métodos de ensino teórico e prático.....	45
4.2. Avaliação.....	49
V – Planificação e conteúdos.....	57
5. 1. Planificação	57
5. 2. Conteúdos.....	58
VI –Tábuas cronológicas e biográficas e Bibliografias	77
6.1. Geral.....	79
6.2. Autores	97
6.2.1. Aurélio Agostinho	97
6.2.2. Boécio (Anício Mânlio Severino)	103
6.2.3. Anselmo de Cantuária	108
6.2.4. Abelardo	113
6.2.5. Tomás de Aquino	116
6.2.6. Boécio de Dácia	122
Anexos.....	125
Índice geral.....	133